CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Administração

Natália Alves Oliveira

PRESA OU MORTA: O TRABALHO DA MULHER NO TRÁFICO DE DROGAS

Belo Horizonte

2020

NATÁLIA ALVES OLIVEIRA

PRESA OU MORTA: O TRABALHO DA MULHER NO TRÁFICO DE DROGAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Profª. Drª Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães
Coorientadora: Profª. Drª. Carolyne Reis Barros

Belo Horizonte
2020

Oliveira, Natália Alves
O48p Presa ou morta: o trabalho da mulher no tráfico de drogas / Natália Alves Oliveira. – 2020.
140 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração.
Orientadora: Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães.
Coorientadora: Carolyne Reis Barros.
Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

1. Tráfico de drogas – Teses. 2. Mulheres narcotraficantes – Doenças – Teses. 3. Mulheres narcotraficantes – Aspectos da saúde – Teses. 4. Divisão do trabalho por sexo – Teses. I. Guimarães, Ludmila de Vasconcelos Machado. II. Barros, Carolyne Reis. III. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. IV. Título.

CDD 658.3

Elaboração da ficha catalográfica pela bibliotecária Jane Marangon Duarte, CRB 6º 1592 / Cefet/MG

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - NG

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO N 7 / 2020 - PPGA (11.52.13)

N do Protocolo: 23062.035983/2020-28

Belo Horizonte-MG, 21 de dezembro de 2020.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO da Senhora Natália Alves Oliveira. No dia 26 de novembro de 2020, às 14h30min, reuniu-se em videoconferência, a Banca Examinadora de dissertação designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Administração do CEFET-MG para julgar o trabalho final intitulado **"Presa ou Morta: o trabalho da mulher no tráfico de drogas"**, requisito para a obtenção do **Grau de Mestre em Administração**, linha de pesquisa: **Processos e Sistemas Decisórios em Arranjos Organizacionais**. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Banca, Profa. Dra. Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à aluna para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da aluna. Logo após, a Banca se reuniu, sem a presença da aluna e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final: Aprovação. O resultado final foi comunicado publicamente à aluna pela Senhora Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

(Assinado digitalmente em 07/01/2021 13:13)
ADMARDO BONIFACIO GOMES JUNIOR
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
Matrcula: 2309096

(Assinado digitalmente em 04/01/2021 20:03)
LUDMILA DE VASCONCELOS MACHADO GUIMARAES
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
Matrcula: 2714619

(Assinado digitalmente em 19/01/2021 16:04)
VANESSA ANDRADE DE BARROS
Matrcula:

(Assinado digitalmente em 14/01/2021 10:37)
CAROLYNE REIS BARROS
Matrcula:

Para verificar a autenticidade deste documento entre em https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp informando seu nmero: 7, ano: **2020**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emisso: **21/12/2020** e o cdigo de verificao: **7bee2d4238**

Ao CEFET-MG e os nossos onze anos de altos e baixos.

ÀS PESSOAS

Quem tem um amigo tem tudo
Se o poço devorar, ele busca no fundo
É tão dez que junto todo stress é miúdo
É um ponto pra escorar quando foi absurdo

Quem tem um amigo tem tudo
Se a bala come, mano, ele se põe de escudo
Pronto pro que vier mesmo a qualquer segundo
É um ombro pra chorar depois do fim do mundo

Emicida – Quem tem um amigo (tem tudo)

Dedico este pequeno espaço às pessoas que fizeram parte da construção deste trabalho e àqueles que me acompanharam durante a execução do mesmo.

Primeiramente, à Alexia e Joana. Admiro a coragem que vocês tiveram ao se colocar em uma posição completamente vulnerável e expor sua história – erros, acertos, medos, angústias e perspectivas – para uma completa estranha. Nunca terei palavras suficientes para agradecer a vocês pela gentileza com que me trataram e por terem aberto mão de parte do seu bem mais precioso: o tempo.

Aos meus pais, meus eternos porcos-espinhos de Schopenhauer, por terem feito todo o possível para me ajudar a passar por esse momento – e também por terem me "atrapalhado" em outros, brigando para que eu me permitisse fazer algumas pausas.

Às minhas orientadoras, Lud e Carol, por não terem corrido em nenhuma das vezes em que eu perdi a compostura e comecei a chorar desesperadamente na frente delas – e, acreditem, foram muitas, muitas vezes. Obrigada pela disposição, pelo carinho, pela paciência e pelas trocas. Agradeço também à Georgiana, que se dispôs a me ajudar durante um dos piores bloqueios que tive enquanto escrevia esta dissertação, e que teve o poder de resolvê-lo em pouco mais de uma hora. Vocês fazem ciência como uma garota – e eu espero ser um pouquinho como vocês quando eu crescer.

Aos meus "do terceirão para a vida[1]": Stephanie, a melhor amiga/irmã que a vida me proporcionou; Thomas, a pessoa mais criativa que eu já conheci; e Pedro, que já nasceu com a aura da docência e compartilhou comigo as angústias da vida acadêmica. Durante todo esse período, vocês nunca me cobraram mais do que eu podia oferecer e

[1] Realmente espero não ter amaldiçoado a nossa amizade e condenado a nossa relação ao fracasso por ter usado a expressão

sempre abraçaram minhas crises e neuras sem julgamentos. Compreenderam minhas ausências, tomaram as dores das minhas revoltas e me proporcionaram momentos leves que foram cruciais para que eu conseguisse permanecer com a cabeça e o coração nos lugares certos. Sinto que não há ninguém no mundo que me abrace como vocês e sou grata por essa amizade que construímos ao longo desses longos dez anos (estamos ficando adultos, amigos, vocês conseguem imaginar?).

Aos meus colegas de percurso, em especial Angélica, Charles, Fábio e Paula. Foi uma honra compartilhar esse caminho com vocês e eu agradeço muito pelo carinho, solidariedade, cuidado, dicas trocadas, conversas cheias de desabafos e pelos ótimos memes compartilhados.

Aos meus chefes, Regina e Wesley, pelo acolhimento – que também posso chamar de "missão de resgate" –, pela paciência e pelos ensinamentos. É um prazer e um privilégio trabalhar com uma equipe que se preocupa genuinamente com as pessoas, que está sempre aberta às considerações acadêmicas e se dispõe a desenvolver políticas de trabalho menos prescritivas e menos funcionalistas. Nada que eu escreva aqui vai ser suficiente para fazer jus à admiração, à gratidão e ao carinho que eu tenho por vocês.

Diversos e profundos agradecimentos aos meus colegas da Coordenação de Desenvolvimento de Pessoas – e aos agregados: Alessandra, Alson, Claudinha, Dudu, Eduardo, Flávia, Fran, João Camilo, Jonata (que trocou este espaço por um *spoiler* da temporada final de Bojack Horseman), Katinha, Pedro, Resende e Sheila. O que não me falta são motivos para agradecer a vocês! Obrigada por me acolherem tão bem, por serem pacientes comigo, por se interessarem sobre as histórias que foram fruto desse trabalho, pelos lanches da tarde, pelo entusiasmo pela decoração de natal, pelas piadas, pelo carinho, por se preocuparem comigo, enfim... Pelos ótimos momentos compartilhados e por me permitirem viver a experiência de trabalhar em um ambiente saudável e divertido. Agradeço especialmente ao Alisson: não sei se você caiu em uma cilada ao me ajudar ou se eu caí em uma cilada ao ter que ser grata a você (provavelmente pelo resto da vida). Antes que eu perpetue a nossa tradição de não conseguir trocar duas frases sem proferir uma ofensa, deixo aqui o meu "obrigada *amigo*, você é um *amigo*".

Ao grupo "Orientandos TOP da Lud", fonte de troca de referências, experiências e das melhores figurinhas de WhatsApp. Em especial, agradeço ao Gustavo (membro original e criador do grupo), à Hellen, à Lucimara e à Paloma, que me acompanharam por mais tempo e tornaram esse trajeto muito mais divertido. Poder conversar com vocês – que se interessaram pelo meu tema e que também pesquisam o trabalho sob uma

perspectiva clínica – fez toda a diferença do mundo e foi crucial para que eu mantivesse ~~o que restou d~~a minha sanidade

Às minhas amigas do mundo dos *blogs*, em especial Manu Ruffo, Tati Ferrari, Bê Lourenço, Ana Bonfim, Karine Britto e Gabi Melo, que me alimentaram com artes incríveis – textos, fotos, *layouts*, *playlists* – e não me deixaram ficar desatualizada sobre as tendências da literatura juvenil e as novidades nos artigos de papelaria. Concordo com Nietzsche quando ele diz que "temos a arte para não morrer ou enlouquecer perante a verdade" e vocês nunca me deixaram enlouquecer. Obrigada.

Por fim, agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação e que contribuíram, de forma direta ou indireta, com ela, e me permitiram chegar até aqui – e em quaisquer que sejam os caminhos que trilharei no futuro.

Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos da cotidianidade dos sentimentos, dos pensamentos e das palavras. Tento captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas comuns.

Svetlana Aleksiévitch
Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear

PRESA OU MORTA: O TRABALHO DA MULHER NO TRÁFICO DE DROGAS

Resumo: O objetivo da presente pesquisa foi compreender o papel do trabalho da mulher no tráfico de drogas. Com o propósito de construir conhecimento a partir do diálogo entre os saberes sociais e subjetivos, bem como compreender as relações entre trabalho e subjetividade, utilizou-se a trajetória de vida laboral como recurso metodológico. As entrevistas foram realizadas com duas mulheres indicadas pelo Grupo de Amigos e Familiares de Pessoas em Privação de Liberdade. Levando-se em conta que a comercialização de substâncias psicotrópicas ilícitas se dá como uma atividade contínua e que tal operação envolve o controle de qualidade, regulação de preços, cobrança e pagamento de contas, salários, relações de trabalho, rede hierárquica e conquista de público/mercado, assemelhando-se ao comércio varejista formal, concebeu-se que as ex-traficantes entrevistadas eram responsáveis pela gestão de uma cadeia de distribuição complexa, atuando como tomadoras de decisão em busca de oportunidades de maximização de lucro e minimização de risco, uma vez que ambas ocuparam uma posição hierárquica na organização em questão que ia além do operacional. Dessa forma, buscou-se compreender a gestão e os processos decisórios em uma organização ilícita, bem como levantar questões acerca das condições e processos de significação do trabalho feminino no tráfico de drogas. Por meio dos relatos foi possível evidenciar a agilidade e a adaptabilidade da gestão dessa atividade, fatores que são de suma importância para o funcionamento de uma organização ilícita, em função de que sempre existem novos métodos de combate à suas atividades. Ademais, levando-se em consideração que o tráfico de drogas opera como um mercado neoliberal, o estudo evidenciou a forma como a autonomia na tomada de decisão deixa de ser uma ferramenta de emancipação do sujeito e passa a ser um instrumento de precarização do trabalho. Por fim, os relatos mostraram que as mulheres, com o intuito de obter validação do meio e de si mesmas a partir do valor de seu trabalho, se submetem de maneira mais intensa a fatores que se mostram como potenciais adoecedores, de forma que estão mais vulneráveis ao adoecimento.

Palavras-Chave: Tráfico de Drogas, Clínicas do Trabalho, Divisão Sexual do Trabalho, Trabalho Feminino.

ARRESTED OR DEAD: WOMEN'S LABOR IN DRUG TRAFFICKING

Abstract: This research aimed to understand the role of women's work in drug trafficking. With the purpose of construe knowledge from the dialogue between social and subjective knowledge as well as understanding the relationships between work and subjectivity, the trajectory of working life was used as methodological resource. The interviews were conducted with two women indicated by the "Grupo de Amigos e Familiares de Pessoas em Privação de Liberdade" [name of the non-profit organization that aims to mobilize and organize friends and family of people deprived of liberty in order to guarantee their rights]. Considering that the commercialization of illicit psychotropic substances occurs as a continuous activity and that involves quality control, price regulation, charge and payment, salary, labor relations, hierarchical network and market conquest, resembling a formal retail trade, it is conceived that the ex-drug dealers interviewed were responsible for managing a complex distribution chain, acting as decision makers in search of opportunities to maximize profits and reduce risks, since both occupied a hierarchical position that went beyond the operational in that organization. Therefore, this work seeks to understand management and decision-making processes in an illicit organization as well as raising questions about the conditions and processes of meaning of female labor in drug trafficking. Through the reports, it was possible to show the agility and adaptability of the management of this activity, factors that are of paramount importance to the functioning of an illicit organization because there are ever new methods to combat their activities. Furthermore, considering that drug trafficking operates as a neoliberal market, the study showed how autonomy in decision-making is no longer a tool for the emancipation of the subject but an instrument for deterioration of labor. Lastly, the reports showed that women submit themselves more intensely to factors that put them vulnerable to mental illness in order to obtain validation of the environment and self-worth through the value of their work.

Keywords: Drug Reafficking, Work Clinics, Sexual Division of Labor, Female Work.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

FIGURA 01 – Mapeamento do campo de pesquisa dos processos decisórios 27
FIGURA 02 – Carta escrita por Joana – Página 1 84
FIGURA 02 – Carta escrita por Joana – Página 1 (cont.) 85
FIGURA 03 – Carta escrita por Joana – Página 2 85

QUADRO 01 – Principais eventos relacionados às políticas públicas que controlam a produção, comercialização e consumo de drogas 34
QUADRO 02 – Funções e os diversos níveis do negócio de distribuição de drogas 41

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP – Conselho Nacional de Saúde

CV – Comando Vermelho

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional

DRE – Demonstração de Resultados do Exercício

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

INFOPEN – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

ONU – Organização das Nações Unidas

NAF – Núcleo de Assistência às Famílias

PCC – Primeiro Comando da Capital

PIEP – Complexo Penitenciário Estevão Pinto

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNODC – United Nacional Office on Drugs

SCM – *Supply Chain Management*

SISNAD – Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas

SPELL – Scientific Periodicals Electronic Library

SUS – Sistema Único de Saúde

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

PREÂMBULO 15
Natália por Natália 15
1 INTRODUÇÃO 19
1.1 Objetivos 22
2 AS ORGANIZAÇÕES 23
2.1 Instituição, organização, gestão e administração: apresentação dos conceitos 23
2.1.1 Os processos decisórios nas organizações empresariais formais 26
2.2 O tráfico de drogas: uma organização que opera às margens da lei 31
2.2.1 A criminalização das drogas 33
2.2.2 A comercialização de um *commodity* ilícito 38
2.2.3 Tratamentos os usuários no Brasil 45
2.3 Breves considerações sobre o encarceramento feminino 47
3 O TRABALHO 50
3.1 Psicossociologia do trabalho 50
3.2 Divisão sexual do trabalho 52
3.2.1 Breves considerações sobre o trabalho feminino no tráfico de drogas 54
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 56
4.1 Conte-me sua história: história de vida e trajetória de vida laboral 57
4.2 A entrada em campo: conhecendo as entrevistadas e suas histórias 59
5 PRESA OU MORTA: A TRAJETÓRIA DAS MULHERES ANTES, DURANTE E DEPOIS DO TRÁFICO DE DROGAS 63
5.1 ALEXIA 63
5.1.1 Alexia por Alexia 65
5.1.2 A história de Alexia: “nem fugindo você consegue fugir” 67
5.2 JOANA 82
5.2.1 Joana por Joana 84

5.2.2 A história de Joana: “eu não tinha sossego pra dormir, não tinha sossego pra nada” 86

6 O TRABALHO FEMININO NO TRÁFICO DE DROGAS 103

6.1 A gestão em uma organização ilícita 103

6.1.1 Os processos decisórios no contexto do tráfico de drogas 108

6.2 “Mulher não serve pra essas coisas”: tráfico de drogas não é coisa de “mulherzinha” 111

6.2.1 “Elas”: as mulheres e seu papel no tráfico de drogas 112

6.2.2 “Eu”: os custos psicossociais do trabalho ilícito 115

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 126

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 137

APÊNDICE B – CARTA DE JOANA (VERSÃO DIGITADA) 140

PREÂMBULO

Aceitar o convite de narrar sua história de vida para uma pesquisa científica é uma atitude que demonstra bravura. Pare por um momento e faça esta reflexão: você teria coragem de expor sua vida a uma pessoa que você não conhece? Seus medos, vitórias, erros, acertos, conquistas... Você se colocaria em uma posição tão vulnerável, a ponto de compartilhar detalhes da sua história com um *completo estranho*?

Independentemente das suas conclusões a respeito da reflexão proposta, Alexia e Joana aceitaram o desafio e cederam parte do seu tempo para narrar suas trajetórias – de forma que, pelo menos por hora, você não precisará tomar essa decisão. De qualquer modo, elas não serão *completas estranhas* para você após a leitura deste trabalho. Afinal, você terá um pedaço da vida delas em suas mãos.

Como a maioria das interações humanas começa com um cumprimento, não faria sentido que você tivesse acesso à vida dessas mulheres sem uma apresentação prévia. Por esse motivo, ao término das entrevistas, elas foram convidadas a dizer quem são por meio de alguma expressão artística[2]. Os capítulos "Alexia por Alexia" e "Joana por Joana" consistem nessas apresentações. Neles, elas transmitirão, cada uma a seu modo, o que elas gostariam que você soubesse antes de se debruçar sobre seus relatos.

Porém, caro leitor, antes que este trabalho se inicie, existe outra pessoa que deseja se apresentar a você: a autora desta pesquisa. A elaboração deste estudo também implicou uma trajetória intrínseca a ele e, de certa forma, a dissertação que você tem em mãos também é um pedaço da vida da pesquisadora que a elaborou. Dessa forma, o texto a seguir consiste em uma carta – método de expressão escolhido pela autora –, por meio da qual ela fornecerá alguns detalhes a respeito da elaboração da presente pesquisa.

Natália por Natália

A trajetória para a realização desta pesquisa foi árdua e perdurou por mais tempo do que o previsto. Mas, como tudo tem um início, vamos começar por ele. No final de 2018, concluí a graduação em administração e, antes de ter meu diploma em mãos, fiz minha inscrição no mestrado. Eu tinha convicção de que não obteria a pontuação necessária para entrar no programa, uma vez que: (1) eu não tinha nenhuma publicação

[2] Esse processo é detalhado no Capítulo 4.

científica, nunca havia participado de um projeto de pesquisa e tudo o que constava no meu formulário de experiência profissional eram o meu emprego e seis meses de participação em um projeto de extensão; (2) durante a segunda fase do processo seletivo, eu talvez tenha cochilado durante a prova – em minha defesa, eu tinha virado a noite finalizando o meu TCC – e, em função disso, sabia que meu desempenho seria péssimo. Contudo, como a vida tem por *hobby* desmentir nossas convicções, fui aprovada. O próximo passo foi definir o orientador e o escopo da pesquisa. Quanto a este, eu já tinha em mente o que queria fazer: estudar logística reversa. Mas a dissertação que você tem em mãos não é sobre logística reversa, não é mesmo? Pois bem...

Ainda quando estava concluindo alguns processos burocráticos da graduação, encontrei com a Lud. Ela estava andando pelo corredor e me reconheceu de uma disciplina optativa que ministrou quando eu estava no quinto período da graduação – nela, nós lemos alguns capítulos do livro *Da horda ao Estado*, de Eugène Enriquez, e eu continuo completamente apaixonada por tudo o que esse homem escreve. Assim que contei a ela que faria parte do programa de mestrado, o "encontrei com a Lud" se transformou em um "a Lud me encontrou", já que, no mesmo momento, ela me comunicou que eu seria sua orientanda e que iriamos "estudar trabalho". Simples assim.

Tudo bem, não foi tão simples. Ela me deu a possibilidade de escolha, mas, infelizmente, faço parte do clichê das librianas indecisas. Todas as minhas incertezas recaíam sobre a metodologia proposta. Para início de conversa, eu nem gosto de gente – prefiro planilhas, números, gráficos... Coisas que um computador pode me ajudar a compreender. Como eu conseguiria fazer com que uma pessoa me contasse a história da sua vida? Hoje, após percorrer todo esse caminho, afirmo categoricamente que minhas preocupações estavam no lugar errado. Coletar as histórias foi, de longe, a parte mais tranquila e prazerosa deste trabalho. Por mais que eu estivesse cansada e insegura, Alexia e Joana foram extremamente agradáveis comigo em todos os momentos, e eu dei boas risadas durante as entrevistas. É uma pena que você, leitor, não terá acesso ao relato do dia em que Alexia chamou o namorado de sua amiga de "gigolô de puta pobre", ou de quando Joana invadiu um acampamento cigano para resgatar sua amada, que se recusou a fugir com ela. Essas ótimas histórias me renderam muitas gargalhadas, mesmo quando eu já as conhecia e estava transcrevendo e relendo os relatos pela milésima vez.

Enfim, voltando ao assunto: eu deveria ter me preocupado com outra coisa: o trabalho. Você pode pensar que tráfico de drogas é um tema "muito pesado", mas nenhuma parte desta pesquisa me impactou mais do que o estudo do trabalho. À época

em que me candidatei para o mestrado, estava passando por um momento difícil no meu emprego. A ouvidoria da instituição classificou esse "momento difícil" como "assédio moral e sexual", ao passo que a psiquiatra que me atendeu classificou como "CID 10 F32.1 - Episódio depressivo moderado" e depois como "CID 10 F41.2 Transtorno misto ansioso e depressivo". Eu dispenso as classificações, mas é impossível dispensar os efeitos delas, principalmente quando se tem que ler uma série de livros e artigos sobre precarização e significado do trabalho e participar de alguns congressos nessa área, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, estes caminharão para o tema "assédio". Com a experiência de vida que tenho hoje, percebo que foi uma grande irresponsabilidade da minha parte me propor a adentrar esse tema em um momento em que eu estava tão vulnerável – bem como uma tremenda burrice não ter previsto que isso seria um problema.

Todo esse contexto tornou a experiência do mestrado ainda mais difícil. Por sorte, contei com a ajuda de muitas pessoas durante essa caminhada. Elas estão devidamente citadas nos agradecimentos desta dissertação, mas gostaria de dar destaque a duas em especial: minhas orientadoras. Lud e Carol foram extremamente pacientes, gentis, generosas e delicadas comigo, mesmo depois de terem me visto chorar descontroladamente – e, infelizmente, não posso afirmar que isso aconteceu apenas uma vez. Entretanto, nenhuma delas saiu correndo: elas continuaram ali, pacientemente me apoiando e me guiando através dessa jornada.

Realizar esta pesquisa transformou minha vida e a forma como eu vejo o mundo, mas acredito que isso ocorra com qualquer pessoa que se proponha a estudar qualquer coisa que seja. Por exemplo: quando estava cursando o Técnico em Estradas (esqueci de mencionar: além de administradora, eu também sou técnica em estradas), minha mãe não suportava viajar comigo porque eu soltava gritinhos sempre que via um BDCC (Bueiro Duplo Celular de Concreto) nas margens da rodovia. Creio que tudo o que estudamos nos ajuda a conhecer o mundo e a reconhecer nossa própria existência, mesmo que seu objeto de estudo seja um bueiro.

Entretanto, quero relatar aqui uma experiência transformadora que eu vivenciei e que está diretamente relacionada ao escopo deste trabalho. Por meio de uma parceria entre o Núcleo de Estudos Organizacionais, Sociedade e Subjetividade (NOSS) e o Projeto Mulheres Mil, tive a oportunidade de visitar a PIEP, complexo penitenciário onde ambas as entrevistadas cumpriram pena. Nessa ocasião, fiquei trancada em uma sala com um grupo de detentas e, em determinado momento, notei que o sol iluminava uma parte do

corredor que estava do outro lado da grade. Lembro com nitidez a sensação que tive nesse momento: um incômodo gigantesco por não poder colocar o meu pé naquela luz quentinha. Não era racional estar trancada em uma sala com um grupo de presidiárias e concentrar todos os meus medos na possibilidade de não sentir o calor do sol no meu pé. Eu simplesmente não conseguia deixar de me sentir estúpida por ter essa reação e isso me deixou inquieta durante muito tempo (muito tempo mesmo, provavelmente mais de um ano) e só passou quando a Carol, minha coorientadora, me convidou para participar do Grupo de Estudos Críticos Sobre Crime e Sociedade Punitiva, oferecido pelo Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos da UFMG. Depois de ler e debater uma série de textos, eu finalmente entendi – e não perco mais a oportunidade de colocar meus pés no sol sempre que posso.

Sem querer me estender demais, apesar de já ter me estendido mais do que devia, agradeço a você, leitor, por ter interesse neste trabalho. Espero que ele te transforme, assim como me transformou, ou que ao menos lhe permita se reconhecer um pouco mais como sujeito de sua história. Afinal, na perspectiva fenomenológica, conhecer o mundo é conhecer a si mesmo.

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo geral compreender o trabalho feminino no tráfico de drogas. A partir de discussões que vão além dos motivos e implicações da entrada das sujeitas nesse ambiente, procuramos compreender o contexto do trabalho, as percepções e os processos de significação dessas mulheres. É importante ressaltar que, na presente pesquisa, partimos de dois grandes norteadores: (1) a compreensão do trabalho enquanto construtor de vivências e de significados (GAULEJAC, 2007; CASTRO E ZANELLI, 2010; BENDASSOLLI E SOBOLL, 2011b; LHUILIER, 2014); e (2) o reconhecimento da existência de diferenças na distribuição das atividades de trabalho entre homens e mulheres e as consequências dessa disparidade, refletidas nas desigualdades econômicas, de acesso à escolaridade e à qualificação, nas relações de poder, nas hierarquias e no desemprego (SEGNINI, 2003; HIRATA E KERGOAT, 2007).

Acerca das pesquisas relacionadas a essa temática, são apresentadas duas grandes discussões relacionadas à entrada de mulheres no tráfico de drogas: a primeira, que vê esta como uma consequência direta da vulnerabilidade feminina na estrutura familiar; a segunda, que atribui essa decisão à possibilidade de aumento do poder aquisitivo e dos apelos de consumo pregados incessantemente pelo capitalismo mercadológico (PIMENTEL, 2008; BARCINSKI, 2009a; 2012; CARVALHO E JESUS, 2012; RAMOS, 2012; CURCIO, 2016). A contribuição desta pesquisa é ir além dessa discussão, apresentando vivências e experiências sobre a atividade – considerada aqui efetivamente como um trabalho, conforme a definição do termo, que, apesar de complexo, abrange toda e qualquer a atividade voltada à produção de meios, tangíveis ou intangíveis, e que contribui para a vida humana, social e individualmente, por meio do dispêndio de uma energia física e/ou mental (LIEDKE, 2006).

Ao analisar a estrutura do tráfico de drogas, identificamos que essa atividade possui três características que, de acordo com Etzioni (1989), configuram as organizações: (1) divisão do trabalho e do poder, que se dá de forma planejada, com o intuito de se atingir um objetivo delimitado; (2) presença de centros de poder, que agem na organização da estrutura, a fim de se obter maior eficiência; e (3) substituição e reordenação da mão de obra empregada na atividade. Estando em um contexto organizacional, as pesquisas acerca do trabalho feminino no tráfico de drogas contribuem com a Administração, principalmente no que diz respeito aos Estudos Organizacionais e

ao estudo do trabalho a partir de uma perspectiva clínica. Ademais, tal investigação se mostra relevante, uma vez que não foram identificados estudos com esse escopo no Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL), na principal plataforma que concentra os periódicos da área[3].

Ainda seguindo os princípios gerais da Administração[4] (FAYOL, 1978) e suas subáreas (recursos humanos, marketing, finanças e produção, entre outras), o tráfico de drogas apresenta um arranjo organizacional arrojado, dotado de uma hierarquia bem definida e que contempla diversas funções, como produção, armazenagem, distribuição, venda, controle financeiro, recrutamento etc. Dessa forma, mesmo se tratando de uma organização ilícita[5], suas atividades e estrutura se assemelham às de uma organização empresarial formal. Por outro lado, o tráfico de drogas conta com uma particularidade: trata-se de uma organização que demanda uma estrutura dinâmica e adaptável (FEFFERMANN, 2008), a fim de se readequar às novas formas de combate à essa atividade – que são dão por meio de operações policiais, mudanças de legislação, entre outras –, de modo que as ferramentas administrativas utilizadas por ela devem ser moldadas à essa necessidade (JOHNSON et. al, 1990; PROCÓPIO FILHO, 1997).

Para alcançar os objetivos da pesquisa, a metodologia escolhida foi a trajetória de vida laboral proposta por Pinto, Carreteiro e Rodrigues (2016). Tal método busca destacar os conflitos e contradições que atravessam o sujeito, levando em consideração seus aspectos subjetivos, sociais, familiares e históricos. As mulheres escolhidas para a pesquisa realizaram trabalhos de cunho tático e estratégico na hierarquia do tráfico de drogas, sendo responsáveis por funções diversas no período em que atuaram nessa atividade. Ambas foram presas por crimes relacionados ao tráfico de drogas e cumpriram pena – total ou parcialmente – no Complexo Penitenciário Feminino Estevão Pinto (PIEP). Cabe salientar que, no âmbito do trabalho, frente ao contexto da máxima produtividade e da precarização do labor, o trabalhador, muitas vezes, pouco reflete acerca da atividade em detrimento da urgência do fazer. A narrativa oral convida esse

[3] Em consulta realizada no dia 12/11/2020 na plataforma SPELL (disponível em: http://www.spell.org.br/), sete trabalhos retornaram à pesquisa pelo termo "drogas" e quatro retornaram à pesquisa pelo termo "tráfico". Os outros termos pesquisados – "tráfico de drogas", "mulheres no tráfico de drogas" e "trabalho no tráfico de drogas" – não obtiveram resultados.

[4] A citar: divisão do trabalho, autoridade e responsabilidade, disciplina, unidade de comando, unidade de direção, subordinação do interesse particular ao interesse geral, remuneração do pessoal, centralização, hierarquia, ordem, equidade, estabilidade do pessoal, iniciativa e união do pessoal.

[5] Cabe ressaltar que a determinação da licitude ou não de uma substância ou de um ato parte de uma convenção social (DORNELLES, 2017), de forma que nada é intrinsecamente ilícito. Mais detalhes acerca dessa determinação estão dispostos no Capítulo 2.2 O tráfico de drogas: uma organização que opera às margens da lei.

sujeito, que não raro está marcado pela invisibilidade, pela resignação e pelo adoecimento, a buscar e ressignificar os sentidos atribuídos ao trabalho (SOUZA E CARRETEIRO, 2016).

Além do Preâmbulo, o presente trabalho se divide em sete capítulos, sendo o primeiro esta Introdução. No segundo capítulo serão apresentados os conceitos de instituição e organização e, em seguida, apresentar-se-á o tráfico de drogas enquanto uma organização que opera às margens da lei, abordando o contexto onde ele se desenvolveu, como se dá sua estrutura e qual a relação dessa atividade com os usuários de psicotrópicos ilícitos. Dessa forma, caracterizaremos o tráfico de drogas como uma organização com estrutura similar à empresarial formal. Esse capítulo também conta com algumas pontuações acerca dos conceitos de gestão e administração – cruciais para o entendimento tanto da diferença entre a dinâmica de coordenação e alocação dos recursos, presente no tráfico de drogas, e a Administração enquanto campo de estudo, quanto dos processos decisórios, tendo em vista que tal aporte teórico é necessário para embasar a compreensão da forma como estes processos ocorrem nesta organização[6]. Adicionam-se a esse capítulo algumas considerações a respeito do encarceramento feminino, pois, apesar de esse não ser o tema principal deste trabalho, entende-se que essa experiência teve desdobramentos significativos na trajetória das entrevistadas.

O terceiro capítulo consiste na apresentação da psicossociologia, abordagem teórica que busca compreender o corpo social a partir dos processos de significação e processos subjetivos dos sujeitos que dele fazem parte (BENDASSOLLI E SOBOLL, 2011b; LHUILIER, 2014). Uma vez que, de acordo com essa abordagem, o trabalho não deve ser estudado de maneira desprendida das demais atividades do sujeito, também abordaremos a divisão sexual do trabalho – discussão que se torna necessária pelos motivos supracitados –, além de breves considerações acerca dos estudos que tratam sobre o trabalho feminino no tráfico de drogas. Os procedimentos metodológicos serão apresentados no quarto capítulo, onde daremos ênfase à trajetória de vida laboral, método utilizado na presente dissertação.

Por sua vez, no quinto capítulo, as histórias das entrevistadas serão apresentadas ao leitor, estando divididas em três elementos: no primeiro, a pesquisadora apresentará algumas considerações acerca das entrevistadas, tendo como base principal suas anotações presentes no diário de campo; o segundo consistirá em uma apresentação feita

[6] Indo de encontro à linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) do CEFET-MG (processos decisórios em arranjos organizacionais).

pelas próprias entrevistadas aos leitores desse trabalho; e, por fim, o terceiro contará com suas trajetórias laborais, incluindo, além de suas experiências no tráfico de drogas, outros aspectos que impactaram suas vidas e a relação das mesmas com o trabalho.

No sexto capítulo, essas trajetórias serão analisadas de forma transversal em dois eixos principais. No primeiro, serão abordadas as questões referentes à gestão e a estrutura organizacional do tráfico de drogas, bem como o processo de tomada de decisão. O segundo terá como foco o trabalho da mulher no tráfico de drogas, contemplando a imagem de "mulher do tráfico" descrita pelas entrevistadas, as funções que essas mulheres exercem nessa organização, as formas de exercício de poder e os custos psicossociais aos quais essas mulheres foram submetidas em razão de seu posicionamento. Por fim, o sétimo capítulo contará com as considerações finais do presente trabalho.

1.1 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é compreender o trabalho feminino no tráfico de drogas. Para tal, partiu-se de uma postura oriunda da psicossociologia do trabalho, da divisão sexual deste e da criminologia crítica. Como aporte metodológico, utilizou-se a trajetória de vida laboral e, com isso, espera-se contribuir com o campo da Administração por meio da investigação das atividades de trabalho usando a perspectiva clínica. Tem-se, também, como objetivos específicos:

- Analisar as características da gestão do tráfico de drogas relatadas pelas entrevistadas a partir das ferramentas e técnicas de gestão estudadas, discutidas e consolidadas pela administração enquanto campo de estudo;
- compreender os processos de tomada de decisão realizados por essas mulheres enquanto gestoras de uma atividade ilícita, levando em consideração seus impactos psicossociais;
- levantar questões acerca das condições e processos de atribuição de sentido ao trabalho feminino no tráfico de drogas.

2 AS ORGANIZAÇÕES

Neste capítulo, nos dedicaremos a expor as organizações e instituições que perpassam a trajetória laboral das entrevistadas. De início, torna-se necessário discutir os conceitos de instituição e de organização, bem como a sua gestão e administração, que são utilizadas como mecanismos de controle dos sujeitos e das relações de poder estabelecidas entre eles. Também incluiremos uma exposição das teorias acerca dos processos decisórios em organizações empresariais formais, que servirá como base para a discussão sobre a tomada de decisão no tráfico de drogas.

Em seguida, apresentaremos o tráfico de drogas enquanto uma organização que opera às margens da lei, elencando algumas das suas características que se assemelham às das organizações empresariais, como estrutura organizacional, hierarquia, mercado, produção e distribuição. Uma vez que as condições sociais, políticas, culturais e ambientais permeiam a dinâmica organizacional, elencaremos um breve histórico das políticas públicas que controlam a produção, comercialização e consumo de substâncias psicotrópicas no Brasil e no mundo.

Por fim, fecharemos este capítulo com uma breve elucidação a respeito do sistema prisional brasileiro e das condições das mulheres inseridas nesse sistema. Tal tema não é o foco do presente trabalho, mas é pertinente abordá-lo, pois o mesmo faz parte das trajetórias das entrevistadas. Dessa forma, o leitor compreenderá quais os possíveis impactos da privação de liberdade na vida dessas mulheres.

2.1 Instituição, organização, gestão e administração: apresentação dos conceitos

Como dito anteriormente, cabe aqui uma breve discussão acerca da distinção entre os conceitos de instituição e de organização. As instituições estabelecem uma maneira de regulação, assegurando a durabilidade e a transmissão do estado. No corpo social, têm função normativa, sendo responsáveis pela mediação de conflitos e pelas sanções. Família, escola e trabalho podem ser considerados instituições, pois nesses locais manifestam-se os processos decisórios que determinam a perspectiva normativa do corpo social e os exercícios de poder que compelem o sujeito a agir de acordo com o que é legitimado por este (ENRIQUEZ, 1997).

As organizações, por sua vez, são instituições criadas e recriadas a fim de se atingir um objetivo específico. Esses objetivos são sua razão de ser: estabelecem as linhas

mestras da atividade organizacional, constituem uma fonte de legitimidade e uma unidade de medida para a produtividade, delimitam padrões para a mensuração do êxito e justificam sua existência. Três características principais configuram as organizações: (1) a divisão do trabalho e do poder, que se dá de maneira planejada e intencional, a fim de impulsionar a realização de objetivos específicos; (2) a presença de centros de poder, que têm como objetivo ordenar a estrutura organizacional, visando obter maior eficiência; e (3) a substituição e reordenação do pessoal, que diz respeito à possibilidade de demissões, transferências e promoções. Portanto, as tribos, as classes, os grupos étnicos, os grupos de amigos e as famílias não podem ser consideradas organizações (ETZIONI, 1989). É a partir das organizações que as instituições são renovadas e expressas, sustentando sua existência (PINTO, CARRETEIRO E RODRIGUEZ, 2016).

De acordo com Daft (2014), as organizações são importantes para os indivíduos e para a sociedade pois abarcam as seguintes funções:

> 1. Reunir recursos para alcançar metas e resultados desejados.
> 2. Produzir bens e serviços com eficiência.
> 3. Facilitar a inovação.
> 4. Utilizar tecnologia moderna de fabricação [...].
> 5. Adaptar-se a um ambiente em transformação e influenciá-lo.
> 6. Criar valor para proprietários, clientes e funcionários.
> 7. Acomodar constantes desafios da diversidade, da ética e da motivação e coordenação dos funcionários (DAFT, 2014, p. 12).

Blau e Scott (1970) classificam as organizações em formais e informais. A organização formal é estabelecida com propósito explícito mediante a uma coordenação de esforços coletivos, enquanto a organização informal nasce das organizações formais, constituindo subgrupos que constroem hábitos, valores e normas a partir da convivência com o grupo. Os autores ressaltam que é impossível compreender as organizações sem levar em conta a estrutura informal que nasce de um sistema formal (BLAU E SCOTT, 1970). Outros autores apontam que a formalidade na estrutura organizacional se dá em função da burocracia, caracterizada pela divisão do trabalho, presença de centros de poder e impessoalidade (SCHULTZ, 2016). Frente a essa complexidade, abordagens interdisciplinares são importantes para a compreensão da dinâmica das organizações. Ao incluir contribuições de diversas áreas do conhecimento (como antropologia, história, ciência política, sociologia, economia, direito, entre outras), o pesquisador tem condições de apreender diferentes níveis de realidade no contexto organizacional (SOUZA, 2012).

Os indivíduos e seus relacionamentos consistem nos principais elementos de uma organização. Esta só é viável a partir do momento em que um grupo de pessoas se

organiza, interage e partilha funções a fim de atingir um objetivo comum (DAFT, 2014). Dessa maneira, é impossível pensar as organizações sem considerar as relações sociais e de produção que as permeiam. O ser humano constrói a organização e é construído por ela, uma vez que é influenciado em diversos aspectos da vida: nascimento, desenvolvimento, trabalho, saúde, educação, entre outras (SILVA, 2013; SCHULTZ, 2016).

"À primeira vista, para Marx, a organização controla para produzir" (CUNHA, 2010, p. 15). Sendo assim, os mecanismos de controle são inerentes a seu funcionamento, mesmo quando se trata de outras formas de gestão, como hospitais e universidades. Esses mecanismos operam por meio da gestão ou da administração organizacional.

Pinheiro (2013) revisou as publicações referentes à etimologia destes dois termos. Ao fim do levantamento, o autor definiu a gestão como

> um conjunto de procedimentos constituídos de teorias, técnicas e áreas funcionais, formais e informais, planejados e espontâneos, realizados e presentes em todas as instâncias da sociedade, na qual visam alcançar objetivos. Porém, como os objetivos são muitas vezes divergentes, isto implica na elaboração de diferentes teorias, técnicas e áreas do saber, o que aponta para a impossibilidade de considerar a gestão como neutra e aplicada em qualquer contexto (PINHEIRO, 2013, p. 37).

No que concerne ao o termo "administração", "a discussão ainda não é esclarecedora, [...] possibilitando diversas interpretações para o seu uso" (PINHEIRO, 2013, p. 38), mas este parece ser o termo mais adequado para se referir a área do saber e ensino das ciências sociais aplicadas que têm a gestão como um de seus objetos de estudo. Sendo assim, assumimos que a administração é uma ciência formal voltada para a área do ensino, enquanto a gestão, que pode ocorrer de maneira formal ou não, está relacionada à ação. Nesse sentido, a gestão abarca o viés científico e artístico do ato, bem como as ferramentas e técnicas que dele fazem parte (PINHEIRO, 2013).

O estudo científico da administração constituiu, ao longo dos anos, um sistema de ideias que objetivam oferecer um arcabouço técnico e pragmático de ferramentas capazes de auxiliar no processo de solução de problemas administrativos e gerenciais. As teorias que a compõem carregam, atualmente, considerações acerca da gestão capitalista, não da gestão em geral – ou seja, proposições e técnicas voltadas para a administração de organizações empresariais. Ao longo dos anos, estas evoluíram e ganharam diferentes enfoques, que nada mais são do que recomendações acerca de como exercer o poder e o controle a fim de se obter resultados mais rápidos, mais eficientes e mais eficazes, aumentando a produtividade da organização e reduzindo seus custos, e como manter uma

postura que seja, ao mesmo tempo, cooperativa e competitiva, motivadora e monótona, disciplinar e comprometida (FARIA, 2004).

A divisão do trabalho, os sistemas hierárquicos e a separação entre o funcionário e o meio de serviço são características das organizações que refletem as relações mais amplas do exercício do poder, fazendo com que a organização burocrática capitalista se mostre como uma forma hegemônica de dominação (CUNHA, 2010). Sendo assim, a organização burocrática, proposta por Weber, vai além da produção de bens e serviços e/ou da garantia de remuneração como um meio de sobrevivência para o trabalhador, estando centrada na garantia do controle social por meio das relações de poder. "As organizações burocráticas servem de unidades de dominação, sendo, igualmente, responsáveis pela inculcação ideológica, pela adoção da submissão, pelos comportamentos controlados e socialmente aceitos, todos entendidos como naturais" (FARIA E MENEGHETTI, 2011, p. 432). Para que esse mecanismo de controle e poder possa operar, é inerente a existência de uma desigualdade (FARIA E MENEGHETTI, 2011).

Na sociedade moderna, as organizações ocupam um papel central frente a valorização da racionalidade que, hipoteticamente, seria capaz de viabilizar o suprimento das necessidades da sociedade de maneira mais eficiente se comparada às instituições. Por meio desse discurso, as organizações formam um poderoso instrumento social, dotado de necessidades e interesses próprios (MILANI, MOSQUIN E MICHEL, 2008) e coordenando um grande número de ações humanas (ETZIONI, 1989). O processo decisório é uma das várias formas de manifestação desse instrumento e, no capítulo a seguir, serão apresentadas as teorias mais populares acerca da tomada de decisão em organizações empresariais formais. Essa apresentação permitirá a compreensão dos processos de tomada de decisão realizados pelas entrevistadas enquanto gestoras de uma atividade ilícita.

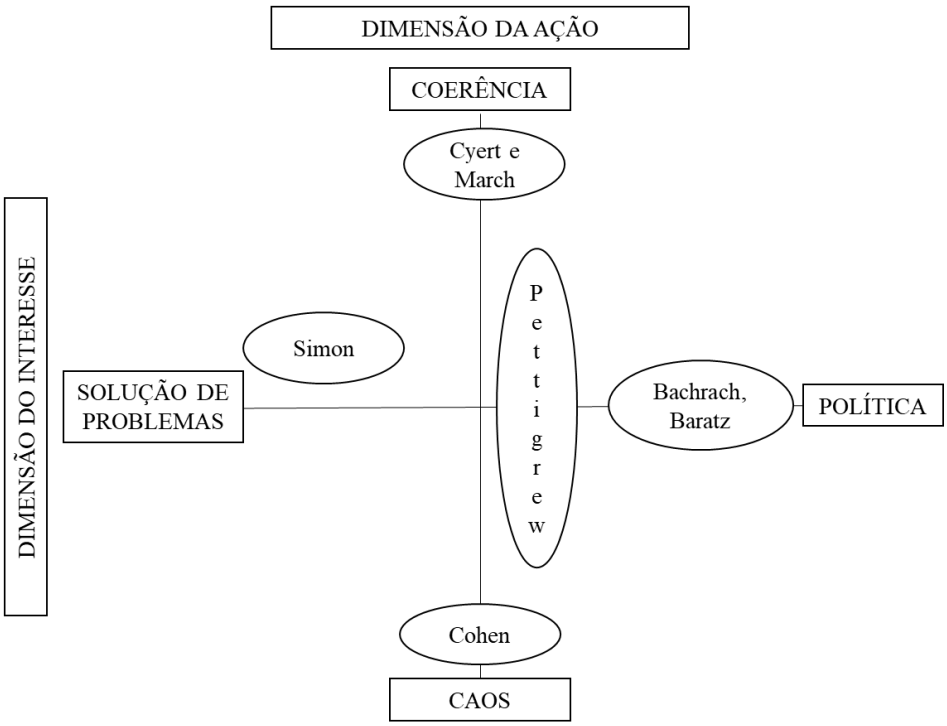
2.1.1 Os processos decisórios nas organizações empresariais formais

Os processos decisórios, além de serem intrínsecos ao futuro e ao posicionamento da organização, também traduzem sua dinâmica de alocação e exercício das relações de poder. Tal fato está explícito na determinação de uma agenda de deliberações, na definição das pessoas que participam da tomada de decisão – e, intrinsecamente a esta, na exclusão daqueles que não participam – e nos sujeitos que exercem influência sobre

as decisões ou sob os que participam ativamente desse processo (MILLER, HICKSON E WILSON, 2009). Em um contexto em que predomina a noção de racionalidade instrumental e da racionalidade econômica (ENRIQUEZ, 2006), é natural que as discussões desse campo de estudo estejam, majoritariamente, concentradas no paradigma funcionalista, que traduz a tomada de decisão em um processo racional e limitado, destinado a viabilizar o alcance dos objetivos da organização (MILLER; HICKSON E WILSON, 2009; BORGES, 2012).

No entanto, as teorias que investigam a natureza dos processos decisórios nos estudos organizacionais são diversas e multidimensionais. Um mapeamento da área realizado por Miller, Hickson e Wilson (2009) classifica os estudos sobre a tomada de decisão em duas dimensões: ação, relacionada à natureza e à estruturação, e interesse, que busca compreender a influência de fatores diversos no processo (como ilustrado na figura abaixo).

FIGURA 01 – Mapeamento do campo de pesquisa dos processos decisórios



Fonte: Elaborado pela autora (2019). Adaptado de Miller, Hickson e Wilson (2009).

Partindo da imagem acima, no quadrante compreendido entre a coerência (na dimensão da ação) e a solução de problemas (na dimensão do interesse), temos um grupo de autores – dentre eles, Cyert, Dill e March (1959) – que defendem a possibilidade de

mapear a tomada de decisão a fim de encontrar uma trajetória linear e progressista, bem como o conceito de racionalidade limitada, no qual a decisão é tomada de forma racional pelo indivíduo, levando-se em consideração que o mesmo é limitado pela própria cognição humana. Já na dimensão do interesse, autores como Simon (1980) focam na decisão como uma ferramenta para solucionar problemas, considerando um cenário onde os objetivos e metas são claros e os agentes da decisão buscam soluções com base em uma visão integrada da questão a ser resolvida (MILLER, HICKSON E WILSON, 2009; BORGES, 2012). Esse grupo de teorias compõem o Modelo Racional, pois ambos sugerem a utilização de instrumentos para contornar as limitações humanas e reduzir a complexidade dos problemas apresentados. Um dos instrumentos propostos são os *softwares* de desempenho, que agrupam dados acerca dos procedimentos operacionais, produtos, ritmo de trabalho, entre outros, afim de compor a "memória da organização" (CHOO, 2006; RIBEIRO, 2015).

Ainda na tentativa de criar um modelo que descrevesse as etapas do processo de tomada de decisão, Mintzberg, Raisinghani e Theoret (1976) estruturaram a tomada de decisão em três fases principais. Na fase de identificação, problemas, crises e oportunidades são delimitados e informações são recolhidas e organizadas de forma a se compreender as relações de causa e efeito relevantes para o processo, estimulando o início da atividade decisória. A segunda parte é tida como a fase de busca, na qual os gestores delimitam estratégias que podem ter como fonte as memórias e as rotinas da organização, a comunicação com fornecedores e as buscas ativas – em que se procura ativamente uma alternativa – e passivas – quando espera-se que surjam novas alternativas que não foram buscadas. Por fim, na terceira fase, as alternativas coletadas são avaliadas em uma espécie de sondagem. Gradualmente, as que se mostram inviáveis são retiradas, de forma a restar apenas as mais atrativas e condizentes com os objetivos da organização. Por fim, a tomada de decisão ocorre ao passo que grupos conflitantes tentam acordar uma opção comum, respeitando-se a hierarquia organizacional. O modelo em questão conta, ainda, com seis fatores dinâmicos, que compreendem as interrupções, adiamentos e adiantamentos de prazos, *feedbacks* e ciclos de fracasso e compreensão (CHOO, 2006).

Entretanto, ao analisar casos práticos[7], autores como Bachrach e Baratz (1963, 1970) e Pettigrew (1997, 1990) identificaram que os modelos anteriormente propostos

[7] Um dos casos analisados foi a Crise dos Mísseis de Cuba, um confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética que ocorreu em 1962. As decisões estavam relacionadas à implantação de misses balísticos (CHOO, 2006).

não eram suficientes para explicar as decisões efetivamente tomadas, uma vez que os tomadores de decisão exerciam graus de influência diferentes, que variavam de acordo com suas posições e relações, resultando em decisões que não eram completamente voltadas para a racionalidade instrumental proposta por Simon (1980). A partir dessa constatação, os autores desenvolvem o modelo político baseado no princípio de que toda atividade humana é realizada por motivações políticas, à medida que os tomadores de decisão controlam as informações baseados em seus interesses (CHOO, 2006; MILLER, HICKSON E WILSON, 2009; BORGES, 2012). Nesse modelo, as ações decisórias são analisadas à luz de quatro pontos: quem são os jogadores[8]; quais suas posições no jogo (estabelecidas por meio de seus interesses, objetivos, reações e pontos de vista); qual a influência de cada jogador (poder de barganha, autoridade e controle sobre as informações); e como esses fatores se combinam de forma a gerar ações/decisões (CHOO, 2006).

Autores como Cohen, March e Olsen (1972) concebem a racionalidade como um mito derivado da racionalidade econômica e, em função disso, defendem que o processo de tomada de decisão acontece de maneira quase aleatória (MILLER, HICKSON E WILSON, 2009; BORGES, 2012). Eles descrevem um modelo de tomada de decisão operante em organizações "incoerentes", nas quais os membros que a compõem não teriam conhecimento acerca de seus processos, sendo chamadas também de "anarquias organizadas". Nesse contexto, os gestores podem refletir sobre um problema antes de tomar uma decisão (tomada de decisão por resolução), tomá-la com o intuito de viabilizar outra escolha (tomada de decisão por inadvertência) ou em um contexto em que a escolha não serve, necessariamente, à resolução de um problema (tomada de decisão por fuga). Esse modelo também pode ser chamado de *garbage can* e se mostra funcional para compreender decisões tomadas em contextos incertos e conflituosos, uma vez que não dependem da definição de um objetivo (COHEN, MARCH E OLSEN, 1972; CHOO, 2006).

Apesar de diversas, as abordagens supracitadas compartilham uma estrutura comum que conta com quatro etapas: presença de uma situação que demanda a tomada de decisão (por exemplo, uma questão que precisa ser resolvida); identificação de cenários e alternativas possíveis; escolha de um curso de ação; e avaliação da decisão

[8] Os autores usam o termo "jogadores" para se referir aos indivíduos que estão inseridos no processo decisório – tanto os que participam ativamente como tomadores de decisão, quanto aqueles que podem exercer influência e interferir no processo de alguma forma (CHOO, 2006).

tomada. Essa estrutura "padrão" independe da área de aplicação e do nível (operacional, tático ou estratégico) em que a tomada de decisão ocorre e é identificada até mesmo em situações cotidianas (MILLER E STARR, 1972; ARAUJO, 2020).

No entanto, o fato de o processo decisório ser permeado por condições sociais, políticas, culturais, ambientais e cognitivas implica em uma limitação da racionalidade, do planejamento e do controle da organização e de seus resultados (SOUZA, 2012). Dessa forma, a discussão acerca da tomada de decisão extrapola o processo em si, interferindo e sendo interferida pela subjetividade dos indivíduos e do meio onde ela ocorre. Ademais, todas as linhas de pesquisa supracitadas foram desenvolvidas por autores ocidentais, ou seja, elas acontecem em um dado contexto. Uma vez que a cultura ocidental não é única existente e o meio onde o processo decisório ocorre interfere diretamente na tomada de decisão, apresentando uma série de aspectos que devem ser analisados cuidadosamente, observa-se uma lacuna nos modelos propostos, posto que nenhum deles abarca a complexidade inerente às diferenças entre as culturas e os impactos que esse aspecto, tanto no âmbito organizacional, quanto no regional, exercem sobre a tomada de decisão (MILLER, HICKSON E WILSON, 2009).

A partir dessas considerações, outros aspectos passam a compor os estudos acerca dessa temática, contribuindo para extrapolar a visão mecanicista. March (1989; 1999; 2009) passa a considerar os aspectos interpretativos, dividindo o processo decisório em um momento composto por regras e escolhas racionais (primário) e outro em que a decisão gera significados que alimentam o processo (secundário), de forma que a convivência social, bem como os rituais e símbolos que compõem aquele meio, validam a ordem social e fazem com que a decisão assuma um papel secundário, cedendo o protagonismo ao processo em si, uma vez que

> Durante o processo decisório, há uma ocasião para definição da virtude e da verdade, para a descoberta ou interpretação do que está acontecendo, do que os indivíduos têm feito e do que justifica suas ações. Além disso, é ocasião para atribuição de glória e culpa e para exercitar contestar ou reafirmar amizades, antagonismos, poder e status (BORGES, 2012).

Outro enfoque relevante diz respeito ao processo de obtenção de conhecimento e socialização do sujeito que toma a decisão. Partindo desse princípio, cria-se o conceito do homem-camaleão: o sujeito conduzido pela incerteza em detrimento do juízo, que toma decisões reativas e que assume um "personagem" que muda de acordo com a situação. Seus processos decisórios tendem a seguir modismos administrativos, adquirindo caráter dinâmico e adaptável à gestão. Essa personalidade está presente nos

gestores e atribui a eles um fundamento individual, não pautado na racionalidade e na viabilidade econômica (CALDAS E TORNELLI, 2000). Corroborando com essa diretriz, o estudo realizado por Araújo (2020) aponta para o fato de que as informações utilizadas na tomada de decisão são coletadas ao longo da trajetória profissional do tomador de decisão, ora com certo direcionamento, ora de forma despretensiosa e inconsciente, de modo que

> [...] há situações em que a informação já foi internalizada pela vida cotidiana, histórica e social e não será recuperada de algo externo, consultável por uma determinada ocasião (ARAÚJO, 2020).

Ademais, para compreender o processo decisório enquanto componente da dinâmica organizacional, torna-se necessário identificar quais sujeitos estão envolvidos nessa sistemática e quais são omitidos dela, bem como aqueles que são capazes de exercer influência tanto no processo em si, quanto na definição dos itens que compõem a agenda da tomada de decisão (MILLER; HICKSON E WILSON, 2009).

A respeito dessa composição, a coletivização dos saberes e a inclusão dos trabalhadores enquanto protagonistas desse processo tornam-se alternativas interessantes frente à demanda dos mercados globalizados por respostas rápidas e efetivas. No entanto, promover a troca de saberes entre níveis hierárquicos diferentes é uma tarefa difícil, de forma que não é comum que os trabalhadores que se encontram em um nível operacional participem do processo decisório (DURRIVE, 2016). A exclusão destes aumenta a alienação dos mesmos em relação ao seu trabalho, processo que se intensificou com a popularização do Taylorismo, levando-os a abrirem mão do sentido do seu trabalho, o que enfraquece os vínculos sociais e torna o sujeito mais vulnerável ao adoecimento psíquico (PAUGAM, 1999; NAVARRO, PADILHA, 2007; CASTRO; ZANELLI, 2010). Essas questões serão abordadas no capítulo destinado ao estudo do trabalho. Por hora, nos limitaremos a tratar de duas instituições que perpassam a vida das mulheres cujas histórias serão retratadas nesse trabalho: o tráfico de drogas e a prisão.

2.2 O tráfico de drogas: uma organização que opera às margens da lei

Antes de adentrarmos a discussão acerca do tráfico de drogas, é necessário nos atentarmos para o fato de que existem diversas linhas de pensamento que buscam nortear a abordagem em referência ao consumo e ao tráfico dessas substâncias (RODRIGUES, 2003, 2005). O próprio conceito de “crime” pode ser compreendido de diversas formas,

sob diversas óticas, fato que dificulta sua definição. Isso acontece porque a concepção de crime fundamenta alinhamentos políticos e econômicos, além de se adaptar quando objetiva explicá-los a partir de circunstâncias particulares (DORNELLES, 2017). Sendo assim, a comercialização e o uso de determinadas substâncias não é, nem nunca foi, intrinsecamente um ato criminoso.

A perspectiva da relação entre droga e crime se deve, principalmente, a dois fatores. O primeiro diz respeito ao fato de que a determinação do que pode ser considerado crime parte de um conjunto de forças que coexistem e se relacionam em determinada sociedade, de modo que sua definição passa a selecionar a "clientela" do sistema penal, de acordo com os interesses de um grupo de pessoas que detém maior poder (DORNELLES, 2017). O segundo está relacionado às tendências proibicionistas, que se popularizaram a partir do início do século XX, tendo como objetivo combater todo o uso de substâncias que não servissem a fins médicos (RODRIGUES, 2003).

A junção desses dois fatores é refletida no estabelecimento das políticas públicas que controlam o uso, produção e comercialização de drogas – e no fato de que estas, atualmente, tenham sido pautadas apenas em questões políticas, fazendo com que o proibicionismo continue sendo a abordagem predominante no ocidente (BOITEUX, 2015b). Ademais, percebe-se que, na contramão dos princípios estabelecidos pela Convenção Única sobre Entorpecentes de 1961, ocorreu, ao longo dos anos, um aumento no número de drogas apreendidas, ao passo que as mesmas estão cada vez mais acessíveis, baratas e potentes (BOITEUX, 2015b).

Nos capítulos a seguir, serão apresentados os principais eventos acerca das políticas de drogas, de forma a evidenciar os aspectos supracitados. Em seguida, discorreremos sobre a comercialização das drogas no cenário brasileiro atual, buscando elucidar a dinâmica e o funcionamento das organizações que executam essa atividade. Por fim, uma vez que a legislação se omite no que diz respeito à distinção entre usuário "simples" e usuário dependente ou "problemático" (BOITEUX, 2015a) e não apresenta critérios legais objetivos com relação às quantidades, de forma que as aplicações da legislação tendem a proceder de maneira seletiva (RODRIGUES, 2005, 2009), discutiremos as políticas de tratamento aos usuários dessas substâncias.

2.2.1 A criminalização das drogas

No presente capítulo, faremos uma exposição dos principais eventos acerca das políticas de drogas. Além do Brasil, os países cujas medidas serão citadas foram escolhidos de acordo com a relevância das mesmas – seja por terem estimulado a adoção de medidas semelhantes em outros países, como com a Guerra às Drogas, declarada por Nixon nos EUA em 1972 (WACQUANT, 1999), seja por irem na contramão das tendências populares na época, como a Lei de Drogas holandesa, que começou a adotar a redução de danos em detrimento do proibicionismo (BASTOS, 2015). Também foram citadas as medidas tomadas por Portugal (que iniciou o processo de descriminalização das drogas em 2001) e pelo Uruguai (que legalizou o uso recreativo da *cannabis* em 2013), uma vez que essas tiveram grande repercussão no Brasil e reascenderam algumas discussões acerca da posição das políticas nacionais a respeito do consumo de drogas (VENTURA E BENETTI, 2014; FERRARI E NERES, 2015; LIMA, 2016; MENDES et al., 2019).

O quadro a seguir tem por finalidade nortear o leitor quanto a linha do tempo dos fatos narrados. Apenas pela visão do quadro, é perceptível notar a seletividade política na escolha das drogas cujo consumo e comercialização são consideradas criminosas[9]. De fato, a perspectiva proibicionista foi estabelecida sem que houvesse

> [...] um debate racional, científico ou democrático a respeito, tendo sido seguido de forma acrítica pela quase unanimidade dos países do mundo, que seguiram a normativa internacional na definição de quais drogas seriam consideradas lícitas (tais como álcool e tabaco) e quais seriam ilícitas (como maconha, cocaína, heroína e outras) (BOITEUX, 2015a, p. 18).

[9] Em conformidade com Rodrigues (2003), Boiteux (2015b) e Dornelles (2017).

QUADRO 01 – Principais eventos relacionados às políticas públicas que controlam a produção, comercialização e consumo de drogas

ANO	**MEDIDA**
1839 a 1860	Guerra do ópio
1919	Aprovação da Lei Seca nos EUA
1921	Brasil cria primeira lei que limita o uso de ópio, morfina, heroína e cocaína
1961	Convenção Única Sobre Entorpecentes (ONU)
1972	O presidente dos EUA, Richard Nixon, declara Guerra às Drogas
1976	Revisão na Lei de Drogas holandesa (com foco na redução de danos)
	Promulgação da Lei de Entorpecentes no Brasil
2001	Descriminalização do uso de drogas em Portugal
2006	Instituiu-se o Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas (SISNAD) no Brasil
2013	Legalização da *cannabis* e elevação das penas para tráfico de crack e cocaína no Uruguai

Fonte: Elaborado pela autora (2019). Adaptado de Duarte (2005), Rodrigues (2003; 2009) e Boiteux (2015b).

Duarte (2005) elucida a retomada do uso medicinal e lúdico de substâncias psicotrópicas em função da ascensão das ideias racionalistas e iluministas no século XVIII. Nesse cenário, o ópio se tornou o principal produto de exportação das potências econômicas europeias e estima-se que a Inglaterra tenha movimentado cerca de 20 milhões de libras esterlinas com sua exportação. Pouco mais de um século depois, deu-se o primeiro confronto armado em decorrência do comércio de drogas.

Conhecido como Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), o conflito foi desencadeado pela proibição do governo chinês de receber carregamentos de ópio vindos da Inglaterra, sob a justificativa de que o uso excessivo da substancia estava se transformando em um problema social. A China foi derrotada e teve que ceder parte de seu território ao governo inglês, bem como abrir parte de seus portos para receber importações vindas dos países europeus e dos EUA. Em 1906, 40 milhões de chineses se declararam viciados em ópio, sendo que 20% da população consumia a substância regularmente (CARVALHO, 2014). De maneira contraditória, o alto consumo de ópio na China incitou a criação da Sociedade Anglo-Oriental para a Supressão do Comércio de Ópio na Inglaterra, que protestava contra o incentivo a transformação do uso de ópio em um hábito (DUARTE, 2005).

Nos Estados Unidos, a Lei Seca, aprovada em 1919, determinava que os processos de produção, transporte e comercialização de bebidas alcoólicas foram criminalizados no

território estadunidense. Os objetivos da lei não se limitavam a extinguir a produção e comercialização da substância, mas a eliminar todas as práticas sociais e hábitos relacionados ao álcool. Tal política foi amplamente burlada, fato que impulsionou o mercado clandestino, no qual o álcool era comercializado juntamente com outras drogas, como a cocaína. Em pleno cenário de crise econômica, a proibição contribuiu para a ascensão econômica de gangues e organizações mafiosas (RODRIGUES, 2002; 2004; 2009).

Em 1909, na China, ocorreu a primeira conferência internacional que objetivava discutir o controle de drogas. Apesar de pouco categórica, ela abriu portas para uma série de encontros diplomáticos que discutiram os rumos da tendência proibicionista mundial, culminando na Convenção Única sobre Entorpecentes, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1961. Em linhas gerais, o tratado estabelecido nessa convenção determinava que apenas substâncias com uso médico comprovado podiam ser legalmente produzidas, comercializadas e consumidas. As substâncias utilizadas para demais fins, principalmente aqueles ligados à alteração do estado de consciência, deveriam ser proibidas, mediante punição de todo indivíduo relacionado a elas de alguma forma (RODRIGUES, 2009). Esse sistema

> [...] se sustenta nos seguintes pontos:
> i) é um modelo uniforme de controle que submete as substâncias proibidas a um regime internacional de interdição, sendo o seu uso terapêutico bastante restrito;
> ii) defende-se a criminalização do uso e do comércio, com opção primordial pela pena de prisão;
> iii) o tratamento e a prevenção ao uso de drogas ilícitas não é priorizado;
> iv) rejeição de alternativas, dentre elas as medidas de redução de danos, como a troca de seringas;
> v) não reconhecimento de direitos das comunidades e povos indígenas em relação ao uso de produtos tradicionais, como a folha de coca, diante da meta de erradicação das plantações e da cultura tradicional (BOITEUX et. al, 2009, p. 21).

Em conformidade com as tendências mundiais e com a Convenção Única sobre Entorpecentes, o então presidente dos Estados Unidos da América, Richard Nixon, declarou guerra às drogas. Esse momento emblemático é considerado um dos pontos de concretização da política proibicionista diplomática, uma vez que os EUA, em posição de consumidor de drogas que não eram produzidas nos limites de seu estado, investiram em ações de proteção à fronteira e se autodeclararam autorizados a atacar as fontes produtoras dessas substâncias. Desde então, o país tem destinado bilhões de dólares ao combate militarizado do narcotráfico – que continua se adaptando e se expandindo – e às

políticas de encarceramento, vindo a se tornar o país com a maior população carcerária do mundo (WACQUANT, 1999; ALVES, 2018).

Tal posicionamento vai ao encontro da sustentação do sistema proibicionista, que se ampara em certas estratégias, como a que consiste no modelo punitivo que deduz, sem nenhum estudo empírico, que o fato de uma substância ser considerada ilícita e ter o seu uso passível de punição/prisão faria com que os indivíduos deixassem de consumi-la (BOITEUX, 2015b). Outros dois alicerces argumentativos que, embora tenham sido desacreditados por diversas pesquisas, continuam se fazendo válidos nas discussões do senso comum e do discurso popular são a "teoria da epidemia" e a "teoria da escalada".

> De forma resumida, pode-se dizer que a "teoria da epidemia" [...] considera que o uso de drogas deve ser proibido por comparar a "toxicomania" a uma doença contagiosa, que se propaga rapidamente. Já a "teoria da escalada" [...] defende que as drogas leves, como a maconha, conduziriam diretamente às drogas pesadas, apontando para a existência de uma hierarquia entre drogas pesadas e leves (BOITEUX, 2015b, p. 148).

O tabaco e o álcool, no entanto, não são proibidos e não se propagaram rapidamente, ao contrário do proposto pela "teoria da epidemia" – que, inclusive, não possui base empírica. Da mesma forma, os estudos elaborados por Boiteux et al. (2009) e Castilho (2007) mostram que, ao contrário do que sugere a "teoria da escalada", o usuário que consome drogas "leves" tem acesso a drogas "pesadas" em função da própria política proibicionista, que coloca ambas equiparadas no princípio da ilegalidade, de forma que ambas são vendidas lado a lado (como, por exemplo, a venda de maconha e cocaína no Rio de Janeiro).

A política de Guerra às Drogas desencadeou certo nível de indistinção entre uso e comercialização – no que diz respeito a despenalização, tratamento e prevenção – referente à saúde pública. Esse fenômeno se intensificou a partir da década de 1980, quando as hepatites, overdoses e o emergente surto de HIV/AIDS ganharam a atenção dos legisladores e gestores responsáveis pela elaboração das políticas públicas (BASTOS, 2015). Paralelamente, as políticas de Redução de Danos, até então ignoradas, começaram a ganhar legitimidade[10].

O modelo de redução de danos se tornou popular a partir do momento em que a política proibicionista passou a ser vista por médicos e cientistas sociais de diversas

[10] Essa política foi inicialmente implementada no formato de grupos de apoio, como as associações sindicais de usuários de drogas pesadas (*junkies*) na Holanda (BASTOS, 2015).

nacionalidades como uma guerra perdida, considerando-se que "consumir psicoativos faz parte de qualquer cultura, é hábito sempre presente na história humana e que não pode ser suprimido" (RODRIGUES, 2003, p. 262). Tendo como princípio a autonomia dos sujeitos, esse modelo defende que o uso de substâncias psicoativas pode ser prejudicial ou não. É tido como uma estratégia para pessoas que desejam apenas diminuir o consumo, oferecendo a elas pessoas o suporte de serviços públicos de saúde. A partir dessa concepção, buscou-se oferecer suporte e minimizar os perigos para aqueles que optam pela ebriedade (MARLATT et. al, 2011).

Para Boiteux (2015a), a redução de danos tem como objetivo reduzir os riscos do consumo de drogas, sem, no entanto, exigir a abstinência do usuário. Nesse paradigma, as políticas públicas não deveriam se voltar para a erradicação do uso de drogas, mas para a diminuição do "uso problemático", uma vez que ele pode gerar danos a quem consome (como problemas físicos, financeiros e de relacionamento interpessoal) e, consequentemente, para o conjunto social (perda de força produtiva e a presença de um agente capaz de desestabilizar a ordem) (RODRIGUES, 2003). Essa prática nasceu a partir da substituição de seringas e da conscientização de pessoas que fazem uso de drogas injetáveis acerca do risco de transmissão de doenças, como a AIDS. Posteriormente, alcançou o status de política pública, a partir de medidas de saúde pública e suporte social (BOITEUX, 2015a).

Frente às recentes mudanças no mercado canábico, alguns países passaram a criar políticas locais menos proibicionistas e mais focadas na redução de danos sem, no entanto, abandonar os Tratados Internacionais (BASTOS, 2015; BOITEUX et al., 2009). Como exemplo, cita-se a reformulação das políticas de drogas da Holanda, que ocorreu em 1976. Apesar da importação, exportação, venda e porte de drogas continuarem sendo ilegais no país,

> o governo formulou uma política de drogas que tolera o consumo da *cannabis* sob normas e condições estritas. Os *Coffee Shops* têm permissão exclusiva de vender drogas leves, numa quantidade inferior a 5 (cinco) gramas de maconha por pessoa, por dia. [...] Os *Coffee Shops* não podem fazer propaganda de drogas. Pessoas com menos de 18 anos estão proibidas de adquirir drogas [nesses estabelecimentos] e não podem frequentá-los (BASTOS, 2015, p. 11).

Em Portugal, por sua vez, a Lei nº 30, promulgada em 2000, permitia o porte e o consumo de qualquer droga, desde que a quantidade portada não fosse superior ao equivalente ao consumo por dez dias. Mesmo sob o olhar desconfiado de órgãos internacionais – como a United Nacional Office on Drugs (UNODC) da ONU –, o modelo

português passou a ser considerado como uma possibilidade de descriminalização do consumo de drogas, obtendo melhoria em seus indicadores referentes à saúde e ao aprisionamento (LIMA, 2016).

Na América Latina, por sua vez, aponta-se o caso do Uruguai que, em 2013, estabeleceu uma normativa para controlar toda a cadeia de produção, distribuição e venda de *cannabis*. "Isto equivale a regulamentar a importação, exportação, plantação, cultivo, colheita, produção, aquisição, armazenamento, comercialização, distribuição e uso da *cannabis* psicoativa, ou marijuana, e seus derivados em território nacional" (FERRARI E NERES, 2015, p. 58). No entanto, Bastos (2015) aponta que essa reformulação estrutural no mercado de canábicos não está relacionada ao uso recreativo ou ao "turismo de drogas", mas ao uso medicinal de substâncias do composto – como o canabidiol, utilizado no tratamento da epilepsia (BASTOS, 2015; BOITEUX, 2015a).

Para Bastos (2015), a grande diferença entre as drogas e outros "temas polêmicos" diz respeito ao âmbito em que essas questões são discutidas: enquanto os demais tópicos são tratados em âmbito nacional ou, no máximo, transnacionais, as políticas de drogas estão interligadas a acordos internacionais vigentes. Mesmo frente ao caráter dinâmico do narcotráfico, os Tratados Internacionais tendem a persistir nas mesmas diretrizes concebidas há cerca de 100 anos atrás. Zaccone (2007) argumenta que a guerra às drogas gera mais danos à saúde pública do que o tráfico, uma vez que a mesma gera mais mortes do que as overdoses por uso de psicotrópicos. Independentemente desses aspectos, o tráfico de drogas, enquanto crime organizado, é dotado de um modo de operação que se adapta de forma rápida e articulada, fazendo frente, quase imediatamente, aos novos padrões de segurança (CUNHA, 2011).

No capítulo seguinte, veremos como o tráfico de drogas opera, enquanto organização ilícita, em território brasileiro.

2.2.2 A comercialização de um *commodity* ilícito

O tráfico de drogas é um processo global e, para Fefferman (2008), essa característica é fundamental para que a atividade continue existindo. Por não ser produtor, o Brasil exerce um papel similar ao de um centro de distribuição no narcotráfico, sendo tido como um país de trânsito. Dessa forma, a cocaína produzida pelos países vizinhos (como Bolívia, Colômbia e Peru) chega ao Brasil e é reencaminhada para os mercados da América do Norte e da Europa. Apesar disso, o país tem mostrado um desenvolvimento

expressivo enquanto mercado consumidor. De acordo com o II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, em 2001, 19,4% dos entrevistados alegaram já ter usado algum tipo de droga durante a vida, número que subiu para 22,8% em 2005. O consumo mercado ainda é modesto se comparado aos Estados Unidos (45,8% em 2006), mas apresenta aumento significativo no consumo da maconha (6,9% para 8,8%) e da cocaína (2,3% para 2,9%) (BOITEUX et. al, 2009).

O aumento do consumo de psicotrópicos já era uma preocupação do governo em 1998, quando

> [...] o Excelentíssimo Presidente da República, participando de Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas, Dedicada a Enfrentar Junto o Problema Mundial da Droga, aderiu aos "Princípios Diretivos de Redução da Demanda por Drogas" estabelecidos pelos Estados-membros, reforçando o compromisso político, social, sanitário e educacional, de caráter permanente, no investimento em programas de redução da demanda, para concretizar a execução das medidas descritas no art. 14, parágrafo 4o, da Convenção das Nações Unidas Contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas, de 1988 6. Na oportunidade, reestruturou o Sistema Nacional Antidrogas – SISNAD, com a finalidade de eliminar, no País, o flagelo representado pelas drogas (BRASIL, 2002).

No entanto, o aumento na demanda e no consumo não são os únicos fatores que favorecem o crescimento do tráfico de drogas. A atual conjuntura revela um mercado capitalista e globalizado, no qual aqueles que possuem maior poder de adaptação à mercados globais são incluídos, enquanto os que não os possuem são excluídos, estimulando o surgimento de uma condição polarizada. Além disso, o trabalho formal tem sido alvo de precarização frente o aumento dos esforços para aumentar a produtividade e a diminuição de investimentos em melhorias das condições de trabalho. Dessa forma, o trabalho formal deixou de se tornar um mecanismo de emancipação e passa a reforçar a desigualdade do sistema capitalista global. É nesse contexto que o tráfico se apresenta como uma oportunidade para que os sujeitos se incluam no sistema que outrora lhes excluía, negando-lhes as condições mínimas de sobrevivência e/ou a possibilidade de se adaptar ao apelo consumista estimulado pela política neoliberal (FEFFERMANN, 2008; FARIA E BARROS, 2011).

Para Boiteux et al. (2009) o tráfico de drogas é um fenômeno complexo, dotado de uma estrutura particular que não segue um modelo estrutural único. Dentro do ciclo de exportação, cada localidade exerce uma atividade específica, que varia de acordo com

as atividades desenvolvidas pelos traficantes[11], a região e o mercado consumidor interno. A concorrência do mercado se expressa por meio do "poderio" dos pontos de venda e é maior nas regiões mais populosas, sendo disputadas por meio da quantidade de drogas e armas (FEFFERMANN, 2008).

No que diz respeito à estrutura e suas funções, os atores do tráfico de drogas têm diferentes papeis distribuídos dentro de uma rede hierárquica complexa, que envolve atividades de participação e importância distintos. Sendo a droga uma *commodity* comercializada no mercado ilícito, os traficantes são responsáveis pela gestão de uma cadeia de distribuição multiforme, atuando como tomadores de decisão em busca de oportunidades de maximização de lucro e minimização de risco (DESROCHES, 2007). Johnson et. al (1990) fazem uma comparação entre as atividades operacionais distribuídas ao longo de uma cadeia de suprimentos tida como padrão em uma empresa formal e as atividades desempenhadas ao longo de toda a cadeia do narcotráfico, desde a produção até a venda no mercado varejista.

Cabe ressaltar que essa atividade apresenta grande poder de contingência, sendo capaz de responder simultaneamente aos fatores externos e internos que operam em diversos níveis e aos estímulos mercadológicos. Por esse motivo, as estruturas do tráfico de drogas são flexíveis e heterogêneas, não se desenvolvendo de maneira uniforme entre os países e regiões (PROCÓPIO FILHO E VAZ, 1997). Tomaremos o quadro comparativo elaborado por Johnson et. al (1990) como uma primeira abordagem, visando exemplificar a característica empresarial e hierárquica do tráfico de drogas.

[11] Como será tratado no decorrer desse capítulo – mais especificamente no "QUADRO 02 – Funções e os diversos níveis do negócio de distribuição de drogas", complementado pelos cargos e descrições apresentados por Feffermann (2008) e Glenny (2016), existem vários níveis hierárquicos na organização do tráfico de drogas, de forma que os agentes que fazem parte dessa dinâmica possuem atribuições e níveis de responsabilidade diversos. A experiência de um traficante que cultiva a matéria prima e produz a droga é discrepante em relação a experiência de um traficante que exerce funções temporárias na organização do tráfico de drogas (como os "vapores", que distribuem a droga pelos pontos de venda (FEFFERMANN, 2008; GLENNY, 2016), também apresentados a seguir).
Portanto, desde já, cabe ressaltar que a utilização do termo "traficante" no presente trabalho se refere ao traficante varejista – representado no "Quadro 02 – Funções e os diversos níveis do negócio de distribuição de drogas" como "Revendedor/Negociante".

QUADRO 02 – Funções e os diversos níveis do negócio de distribuição de drogas

Funções e os diversos níveis do negócio de distribuição de drogas	
Níveis equivalentes no mercado legal	**Funções atribuídas ao nível**
Produtor, fabricante	Cultivar as matérias primas (folha de coca, maconha, ópio) Todas as etapas de preparação de heroína, cocaína e maconha - como comumente vendidas
Traficantes	
Importador	Contrabando de grandes quantidades para dentro de um país
Distribuidor (atacadista)	Transporte e distribuição em lotes ou unidades
Revendedor / Negociante	
Distribuidor (varejista)	Adulteração e venda de produtos (alto e médio custo)
Proprietário de loja (varejista)	Adulteração e produção em larga escala de unidades individuais (sacos, frascos, gramas)
Gerente, Segurança ou Contador	Supervisiona três ou mais vendedores, fecha contratos informais, coleta o dinheiro e faz a contabilidade, distribui as unidades para os vendedores
Vendedor (varejista)	
Balconista, vendedor porta a porta, telemarketing	Faz a venda para o consumidor final, responsável pela mercadoria e pelo dinheiro
Distribuidores de baixo nível	
Anunciantes, distribuidor de folhetos, segurança	Auxilia nas vendas e anuncios, protege o vendedor da polícia e de criminosos, manipula a droga ou o dinheiro (nunca os dois ao mesmo tempo)
Empregado temporário	Fornece pequenos serviços para vendedores ou usuários. O pagamento pode ser feito com dinheiro ou drogas

Fonte: Elaborado pela autora (2019). Adaptado de Johnson et. al (1990).

No contexto brasileiro, Feffermann (2008) e Glenny (2016) explicam como se dá a hierarquia no tráfico de drogas. A primeira relata o resultado de seus estudos com jovens no tráfico de drogas de São Paulo, comandado pelo Primeiro Comando da Capital (PCC)[12], enquanto o segundo parte do relado de Nem, comandante do tráfico na

[12] Organização criminosa formada na Casa de Detenção de São Paulo, o antigo Carandiru, em 1993. As organizações criminosas serão conceituadas no próximo capítulo.

Rocinha[13] entre 2005 e 2011. A seguir, apresentam-se os cargos e as funções atribuídas a eles (do nível hierárquico mais baixo para o mais alto):

- Olheiros: se posicionam em lugares estratégicos e usam gritos, assobios, bombinhas e acenos para alertar os demais membros da organização acerca de atividades estranhas, como incursão policial ou entrada de pessoas desconhecidas no local.
- Endoladores: responsáveis pelo processamento da droga. Trabalham em casas e apartamentos onde as drogas são divididas em saquinhos.
- Vapores: distribuem a droga pelos pontos de venda. Podem receber por tarefa, como *freelancers*, ou com salário fixo, quando vinculados a pontos de venda específicos.
- Subgerentes: são responsáveis pelo controle das contas e pelo funcionamento do ponto de venda.
- Gerentes: coordenam bairros inteiros, com diversos pontos de venda. Garantem que a mercadoria seja entregue nos pontos certos, recolhem o dinheiro e a prestação de contas elaborada pelos subgerentes e apresentam-na ao chefe.
- Fiel: braço direito do "dono do morro". Responsável pela gestão máxima das vendas e da segurança, desempenhando papel essencial nas finanças e na imagem pública do chefe máximo (FEFFERMANN, 2008; GLENNY, 2016).

Na Rocinha, a parte do mercado de drogas que abarca as funções supracitadas emprega entre duzentas e trezentas pessoas. Já as funções relacionadas à segurança são independentes e ocorrem de maneira paralela à comercialização das drogas. Cerca de 150 seguranças, chamados de soldados, se dividem em dois grupos principais: um responsável por proteger os pontos de venda e outro que cuida da segurança do "dono do morro" e demais membros do alto escalão da hierarquia. Eles também são responsáveis por defender o território contra possíveis ações da polícia ou de quadrilhas rivais (GLENNY, 2016).

O trabalhador que se encontra nos níveis hierárquicos mais baixos é ora indispensável, ora descartável nesse sistema organizacional. Para eles, não existe

[13] Favela localizada na cidade do Rio de Janeiro, atualmente a maior favela do Brasil em número de domicílios (IBGE, 2020).

assistência jurídica em caso de detenção. Como em algumas empresas formais, os patrões do tráfico de drogas nem sempre garantem as condições mínimas de trabalho. A vida do sujeito é aprisionada pela função que o mesmo exerce. “Os patrões expõem de forma crescente seus trabalhadores e, se houver alguma falha no trabalho, o patrão mata ou manda matar. Não há diferença substantiva; a única diferença é que o jovem é demitido da vida” (FEFFERMANN, 2008, p. 9).

Comparando o modelo apresentado por Johnson et. al (1990) com a descrição de Feffermann (2008) e Glenny (2016), percebe-se que o narcotráfico reproduz a estrutura de um trabalho legal: a divisão do trabalho abarca as relações entre trabalhador e produto, as tarefas são distribuídas e cada um tem responsabilidade com o cumprimento de suas obrigações. O sistema conta com cadeias de distribuição, relações de compra e venda, cartelas de clientes, prestação de contas e contabilidade, relações interpessoais, cultura organizacional, controle de qualidade, relações de poder, normatização, contrato social. A reprodução é tão fiel que os próprios integrantes têm por hábito chamar o grupo onde trabalham trabalha de “firma” e os coordenadores dos pontos de venda de “gerentes”. “A boca é trampo. Só que é um trampo embaçado” (FEFFERMANN, 2008, p. 7).

Essas características são convergentes com a definição de crime organizado que, para Mingardi (2007), não depende da modalidade do crime que define sua existência, mas de um grupo de características que, para a maioria dos autores da área, são: hierarquia, previsão de lucros, divisão do trabalho, planejamento empresarial e simbiose com o Estado. As quatro primeiras características citadas são similares às demais atividades empresariais modernas, apenas foram adaptadas para o contexto das organizações criminosas. A polêmica gira em torno da última característica, pois, de acordo com o autor, a ligação

> Em todas as organizações estudadas aparece uma ligação com a máquina do Estado. Um desmanche de carros roubados só consegue operar se tiver respaldo da fiscalização ou da polícia. Um ponto de tráfico, que tende sua clientela anos a fio no mesmo local, tem necessidade constante de algum tipo de proteção (MINGARDI, 2007, p.57).

Albanese, Das e Verma (2003) também reconhecem que as relações estabelecidas com as organizações governamentais, autoridades judiciais e policiais viabilizam o funcionamento do crime organizado. Acerca do tráfico de drogas, um exemplo emblemático e que chegou a conhecimento público foi o do banco HSBC, acusado de viabilizar e operar a lavagem de dinheiro para o Cartel de Medelín, que operou na Colômbia entre 1972 e 1993 (DIRTY, 2018). Dessa forma, o dinheiro angariado por esse

mercado ilícito é concentrado em organizações lícitas, como bancos, empresas que lavam o dinheiro[14] e no mercado financeiro (ZACCONE, 2007).

O crime organizado ocorre dentro das organizações criminosas caracterizadas por uma estrutura rígida, nas quais a disciplina é controlada por meio de castigos físicos (inclusive a morte) e a continuidade dos postos de poder ocorre de forma dinástica (CUNHA, 2011). De acordo com a Lei nº 12.850, de 2 de agosto de 2013,

> § 1o Considera-se organização criminosa a associação de 4 (quatro) ou mais pessoas estruturalmente ordenada e caracterizada pela divisão de tarefas, ainda que informalmente, com objetivo de obter, direta ou indiretamente, vantagem de qualquer natureza, mediante a prática de infrações penais cujas penas máximas sejam superiores a 4 (quatro) anos, ou que sejam de caráter transnacional (BRASIL, 2013).

Essa definição converge com a determinada pela Convenção de Palermo, em 2004. Frente ao avanço das organizações ao redor do mundo, a convenção buscou promover a uniformização do termo, de moda a viabilizar a cooperação entre os países no combate ao crime organizado (CUNHA, 2011).

No que diz respeito às organizações criminosas relacionadas ao tráfico de drogas que operam no país, destacamos a atuação do PCC e o Comando Vermelho (CV). O primeiro foi criado após o massacre do Carandiru[15], com a finalidade de garantir as condições morais e materiais do cárcere. Em seu estatuto, a facção exige "lealdade, solidariedade e união na luta contra as injustiças e a opressão dentro das prisões" (ADORNO, 2007). Em pouco tempo, a organização se espalhou pelo sistema carcerário, sendo responsável pelo controle de atividades ilícitas realizadas fora da prisão, bem como pelo provimento de serviços e bens básicos às famílias dos presidiários (AMORIM, 1993; DIAS, 2009). Por sua vez, as atividades do CV começaram no presídio Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, a partir da convivência entre os presos políticos da Ditadura Militar. No início dos anos 1980, o grupo ainda não estava ligado ao tráfico de drogas, mas, ao

[14] Prática financeira que tem como objetivo esconder a origem ilícita de ativos, de forma que os mesmos possam ser operados no mercado como se tivessem origem lícita ou de modo que dificulte a identificação do ato ilícito.

[15] O Massacre do Carandiru foi uma chacina que aconteceu no dia 2 de outubro de 1992 quando, às vésperas das eleições municipais, Pedro Franco de Campos (o então secretário de segurança pública do Estado de São Paulo) ordenou que forças policiais invadissem a Casa de Detenção de São Paulo para conter uma rebelião que estava acontecendo no Pavilhão 9. Não havia reféns e os presos estavam desarmados, com a exceção de estiletes improvisados, pedras e sacos de urina/fezes. De acordo com o processo jurisdicional, 111 detentos foram mortos e 92 sofreram lesões. A investigação foi marcada pelas diversas tentativas de manipular a cena do crime, comprometendo os laudos periciais. Parte dos crimes relacionados ao massacre prescreveram e ninguém foi formalmente responsabilizado (FERREIRA, MACHADO E MACHADO, 2012; EPISÓDIO, 2020).

final da década, com o início do mercado da cocaína e a consolidação do país na rota do narcotráfico, ampliou seu poder e ainda hoje está ativo nos presídios cariocas e em associações de moradores da periferia (GLENNY, 2016).

2.2.3 Tratamento aos usuários no Brasil

Independentemente do sistema punitivo, a atividade do tráfico opera plenamente no Brasil. Para Faria e Barros (2011), o seu crescimento foi impulsionado pelo desenvolvimento global do capitalismo, explicado anteriormente, e pela ausência do Estado enquanto agente social. Ao contrário do que se esperava, a proibição da produção, comercialização e uso de psicotrópicos não eliminou os hábitos relacionados a essas substâncias. "O consumo de psicoativos existia antes da proibição e continuou sob ela, só que um mercado inteiro passou à ilegalidade e, com isso, inúmeras pessoas, com seus hábitos e negócios, tornaram-se criminosas" (RODRIGUES, 2009, p. 6).

Em 2002, percebeu-se o início de uma mudança paradigmática com relação aos usuários de drogas psicotrópicas. A Política Nacional Antidrogas foi publicada por meio do Decreto nº 4.345 e, apesar de ainda adotar o proibicionismo como principal norteador, o governo brasileiro passou a considerar e promover ações voltadas para a redução de danos. Com o apoio do Ministério da Saúde e do Sistema Único de Saúde (SUS), o uso abusivo de drogas passou a ser tratado como um problema de saúde pública, tornando-se objetivo dessa política diminuir as consequências do uso de psicotrópicos no âmbito jurídico e aumentar a qualidade de vida do usuário. Infelizmente, parte dos programas impulsionados por essa política não foi vista com bons olhos pela sociedade. Em função das matérias vinculadas na imprensa, a opinião pública adotou uma postura de demonização das drogas, principalmente no que diz respeito ao crack, e de rejeição à programas que não pregam a sobriedade (LIMA et. al, 2017).

Em função da falta de informação e da excessiva propaganda proibicionista, a população mantém sua postura conservadora em relação ao tema, como demonstrado na pesquisa elaborada por Boiteux (2015a). A droga mais conhecida pelos entrevistados foi o crack – ultrapassando a maconha e a cocaína, sendo que 32% dos entrevistados afirmaram que esta era a droga mais consumida no país. No entanto, na mesma pesquisa, dentre os 47% que alegaram já ter feito o uso de alguma substância ilícita, apenas 2% alegam ter feito uso de crack. Essa falsa percepção ocorre em função da publicidade higienista, que afirma que há uma "epidemia de crack" e que "o crack está fora de

controle". Em função dessa falsa percepção, o governo brasileiro lançou o programa "Crack, é possível vencer" que, até 2017, havia custado cerca de 258 milhões de reais aos cofres públicos[16] e, na visão de Boiteux (2015a), foi uma política equivocada e que culminou na internação compulsória de alguns usuários.

> [...] verifica-se que a opinião pública se baseia no aspecto simbólico, na lei, e não na possibilidade concreta desta alterar comportamentos, ou na implementação efetiva de políticas públicas eficientes. Segue a política do senso comum, na linha da proibição, da criminalização, tanto do usuário como do traficante como uma estratégia inquestionável para atingir os fins de redução do consumo." (BOITEUX, 2015a, p. 156).

Por meio de um edital publicado pelo governo brasileiro em 2015, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) recebeu a quantia de sete milhões de reais para a elaboração do 3º Levantamento Nacional Domiciliar sobre o Uso de Drogas. A pesquisa foi concluída em 2016, mas nunca foi divulgada pelo governo. Dias e Garçoni (2019) acreditam que tal fato se deu em função de que a pesquisa não confirma a epidemia de crack no Brasil – o levantamento aponta que apenas 0,9% da população realizou consumo de crack alguma vez na vida.

Durante o primeiro quadrimestre de 2019, o presidente do Brasil aprovou, por meio do Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019, a nova Política Nacional sobre Drogas (BRASIL, 2019). Tal decreto muda o paradigma da política pública brasileira, abandonando as medidas de redução de danos e voltando os paradigmas proibicionistas por meio da promoção da sobriedade e do tratamento dos usuários em comunidades terapêuticas. O atual governo já havia dado sinais de abandono da abordagem de redução de danos quando, em março de 2019, divulgou a "assinatura de contratos com 216 novas comunidades terapêuticas para tratamento de dependentes químicos, ao custo de R$ 153,7 milhões por ano para 10.883 vagas" (DIAS E GARÇONI, 2019). Tal postura vai ao encontro da abordagem asilar, na qual o indivíduo é visto como doente e sua cura só pode ser realizada por meio de remédios. A intervenção é centrada unicamente no dependente químico, isolando-o do convívio social, exceto por aproximações de caráter pedagógico e assistencial (COSTA-ROSA, 2000; PERRONE, 2014).

Pelo exposto, percebe-se que as políticas públicas brasileiras que abarcam a questão das drogas apresentam tendências majoritariamente proibicionistas. No entanto, ao passo em que essas políticas tentam coibir o tráfico de drogas, o consumo e a venda de substâncias ilícitas continuam crescendo no país (BOITEUX, 2015a; 2015b). Para

[16] Dados do Portal da Transparência (Acesso em 26/02/2019).

além da imagem de guerra perdida, em que nenhuma medida parece ser capaz de desarticular o tráfico de drogas e de suprimir o consumo das mesmas,

> [...] o Estado logrou êxito, ao conferir poderes que podem ser utilizados de forma abusiva por parte do sistema penal, ao legitimar ou submeter, sob seu controle, as camadas da população marginalizadas pelo empreendimento neoliberal (GARÉ, 2018, p. 119).

Para Boiteux et. al (2009), essa dinâmica é alimentada pelo desemprego, a exclusão e a falta de perspectivas, uma vez que se mostra como uma oportunidade viável e lucrativa para pessoas que não conseguem se inserir no mercado de trabalho formal. Nesse contexto, o grupo social mais vulnerável é aproveitado como mão de obra no tráfico.

Como consequência, vemos crescer a imagem do "traficante" como um ser perigoso, cruel e livre de princípios morais, que age de forma violenta e bárbara a fim de obter grandes lucros. No entanto, menos de 10% dos que são presos por esse crime portam armas de fogo e grande parte ocupa função secundária no tráfico (sacoleiros, embaladores, vendedores), das quais nenhuma implica, necessariamente, o uso da violência (ZACCONE, 2007). A cultura do medo e da violência que permeia a figura dos traficantes presos, mesmo estando longe da imagem real, gera consequências concretas: 26% dos homens e 62% das mulheres aprisionados respondem por crimes relacionados ao tráfico de drogas (BRASIL, 2018).

A seguir, abordaremos algumas questões a respeito das instituições prisionais brasileiras, tendo como foco a população carcerária e os presídios femininos. Cabe recapitular que esse não é o tema central da presente dissertação, mas, uma vez que a trajetória laboral de ambas as entrevistadas engloba essas instituições, é pertinente contextualizá-las, com o objetivo de compreender o contexto em que essas experiências ocorreram e os possíveis impactos que a privação de liberdade pode ter causado na vida dessas mulheres.

2.3 Breves considerações sobre o encarceramento feminino

A pena de privação de liberdade está prevista e é regida pela Lei nº 7.210, de julho de 1984 (Lei de Execução Penal) e, ao longo dos anos, tem se mostrado como um eficaz instrumento de controle social. Trata-se de um sistema seletivo, que acentua as condições de vulnerabilidade social de negros, mulheres e jovens, rotulando e marginalizando esses

indivíduos, ao passo que se afasta de seu proposito primário de ressocializar e recuperar os indivíduos (SILVA, 2015). Essa condição fica evidente nos relatórios presentes no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN, que mostra que 54% da população carcerária brasileira têm idade compreendida entre 18 e 29 anos de idade, 63,3% se declaram como pretos ou pardos e 51,3% não completaram o ensino fundamental (BRASIL, 2018). Sendo assim, fica evidente que

> [...] a forma jurídica geral, que garante um sistema de direitos igualitários, é neutralizada por uma espessa rede de poderes não igualitários, capazes de recolocar as assimetrias políticas, sociais e econômicas negadoras das mesmas relações formalmente igualitárias, surgidas da natureza (contratual) do direto (MELOSSI E PAVARINI, 2006, p. 264).

Quanto às mulheres, entre 2000 e 2017 o aprisionamento aumentou cerca de 675% e, dentre as presas, cerca de 60% respondem por crimes relacionados ao tráfico de drogas (BRASIL, 2016). Por mais que população carcerária feminina tenha aumentado, porém, as estruturas penitenciárias não são pensadas para suprir as suas necessidades – alguns desses espaços são estabelecimentos construídos para homens e que foram desativados por não oferecerem condições suficientes para a execução da pena destes – e, no geral, possuem deficiência na prestação de serviços de saúdes específicos para o gênero feminino, como exames ginecológicos preventivos ou consultas para gestantes e lactantes (SILVA, 2015). Em função disso, muitas presas não têm acesso adequado ao pré-natal e às condições humanizadas de parto (CASTILHO, 2007). O acesso aos seus direitos sexuais e reprodutivos não é minado apenas pela insuficiência de atendimentos médicos, mas também pela falta de infraestrutura, uma vez que muitos presídios femininos não contam com um espaço destinado às visitas intimas e, quando o possuem, é comum que as presas se sintam envergonhadas e intimidadas ao utilizá-lo (SILVA, 2015).

Um aspecto relevante na cultura prisional feminina está relacionado ao exercício da sexualidade: não raro, mulheres que mantinham relações exclusivamente heterossexuais fora da cadeira começam a desenvolver relações homossexuais no cárcere. Estas costumam ser firmadas de forma que as mulheres ocupem o papel de uma figura feminizada, atrelada à ética e ao cuidado – aquela que cuida da parceira, da cela e da comida – ou masculinizada, que encarna os privilégios socialmente destinados aos homens, como o exercício do poder e da dominação, além da não obrigatoriedade da monogamia (BARCINSKI, 2012). Dessa forma,

> assim como ter participado do tráfico de drogas aparentemente aproximava as participantes do "mundo dos homens", ser reconhecida como homem em uma

> prisão feminina garantia a algumas mulheres os privilégios destinados socialmente aos homens (BARCINSKI, 2012, p. 438).

Ressalta-se que esse modelo de relação não é uma regra geral, mas é comumente praticado por mulheres que se declaram heterossexuais, mesmo mantendo relações homossexuais no cárcere. Nesse contexto, a homossexualidade ocorre em função da privação da possibilidade de uma relação com o sexo oposto (BARCINSKI, 2012).

De fato, para além dos empecilhos estruturais ao exercício dos direitos sexuais e reprodutivos, citados anteriormente, a literatura aponta que a experiência do abandono tende a ser mais intensa para as mulheres. Enquanto os homens encarcerados recebem visitas frequentes e mantêm suas relações afetivas, as mulheres tendem a ser abandonadas por seus parceiros e por seus familiares. “O distanciamento da família é um dos aspectos negativos mais presente na vida das mulheres presas” (SCHERER et. al, 2020). Muitas vezes, as mulheres são enviadas para estabelecimentos prisionais muito distantes da moradia de seus familiares, o que diminui a frequência das visitas, tanto por falta de recurso monetário quanto pela ausência de tempo livre disponível. Por essa razão, muitas vezes

> [...] as mulheres preferem permanecer em estabelecimentos carcerários provisórios insalubres, com superlotação, onde não possuem acesso a direitos, para ficarem perto de seus familiares do que irem para penitenciárias mais aparelhadas longe do acesso de visitas familiares e com possibilidades de trabalho, educação e remição de pena (SILVA, 2015).

Após deixar as prisões, as mulheres se deparam com uma série de empecilhos reinserção na sociedade. Apesar da existência de uma série de legislações de amparo, como assistência social para encontrar um emprego e garantir a sua alimentação (MENDONÇA et al. 2016), existem obstáculos para o cumprimento dessa lei e, em função da falta de interesse do público e do preconceito, as egressas são, em muitos casos, desassistidas por esses mecanismos (ASSIS, 2007). Somado ao trabalho e à obtenção de renda, as preocupações das egressas também abarcam questões familiares e a convivência social, uma vez que, após passar por uma série de episódios de despersonalização, a recuperação de sua identidade e autonomia não ocorre de forma instantânea (FRINHANI E SOUZA, 2005; BARCINSKI, 2012; SCHERER et. al, 2020).

3 O TRABALHO

Tendo em vista que o labor é um elemento central na construção do sujeito e das unidades sociais da qual ele faz parte (LHUILIER, 2014), apresentaremos, neste capítulo, a psicossociologia do trabalho. A essa abordagem interessa o estudo da organização do trabalho e o conjunto das normativas que interferem na maneira de pensar e no comportamento do sujeito (PINTO, CARRETEIRO E RODRIGUEZ, 2016). Tida a existência, no contexto do trabalho, de uma disparidade entre homens e mulheres no que tange às ocupações, também discorreremos acerca da divisão sexual do trabalho, tendo como ponto central o trabalho feminino, uma vez que esse é o foco do nosso objetivo de pesquisa.

3.1 Psicossociologia do trabalho

Partindo do pressuposto de que o sujeito é duplamente constituído – composto tanto por elementos subjetivos, psíquicos e singulares, quanto a partir de sua inserção em um universo social –, a psicossociologia objetiva investigar a correspondência entre ambas as partes, tendo como objeto de estudo o sujeito inserido em grupos, organizações e instituições do qual o mesmo faz parte (BENDASSOLLI E SOBOLL, 2011b; LHUILIER, 2014). A concepção do trabalho pela psicossociologia aborda as ações do sujeito sobre o ambiente, defendendo que ela não pode ser estudada de maneira separada das demais atividades humanas, sejam elas individuais, cívicas ou coletivas. Toda e qualquer forma de separar o trabalho dessas atividades leva à desumanização do trabalhador (LHUILIER, 2014).

Essa abordagem se mostra pertinente em um contexto em que os processos gerenciais, compostos pelas ferramentas administrativas, são, cada vez mais, instrumentos sofisticados de captura da subjetividade. Práticas que pregam e potencializam a imposição da racionalidade funcionalista – como o aumento do trabalho prescrito, que tem desencadeado uma série de consequências psíquicas aos sujeitos que exercem o labor nessas organizações – calam os processos subjetivos ao exigirem que o ser humano reduza suas paixões em função das exigências das organizações (ENRIQUEZ, 1995; 2006). Essas práticas se popularizaram durante a ascensão do Taylorismo – e, posteriormente, do Fordismo –, momento em que o trabalhador perdeu grande parte do controle sobre o processo produtivo e teve seu tempo apropriado por meio

da gerência, causando um distanciamento entre a concepção e a execução do trabalho. Em meados dos anos 1970, esse formato deu lugar a um modelo mais flexível: o Toyotismo, que manteve a configuração objetivista e aprimorou as formas subjetivas de exploração e controle do trabalho (NAVARRO; PADILHA, 2007). Como consequência da aplicação desenfreada desses modelos, cita-se o aumento da pressão por produtividade, a falta de autonomia e o controle sobre as atividades exercidas, a sobrecarga de trabalho, as baixas remunerações e a falta de suporte por parte dos superintendentes (CASTRO; ZANELLI, 2010).

Dentro dessa lógica organizacional, torna-se cada vez mais difícil corresponder aos ideais de produtividade e o trabalhador perde a dimensão de seu trabalho, de modo que se torna estranho a ele o motivo pelo qual exerce determinada função, por que ele a exerce daquela forma e não de outra e qual o papel dessa atividade dentro do sistema que leva ao produto final. Ao trabalhador cabe apenas saber qual tarefa cumprir – nada mais. Esses fatores potencializam as contradições inerentes a esse sistema predatório e contribuem para o crescimento do mal-estar do sujeito, podendo ocasionar o adoecimento psíquico (*burnout*) (BARROS, ANDRADE E GUIMARAES, 2008; DURRIVE, 2016) e o enfraquecimento dos vínculos sociais (PAUGAM, 1999). Ademais, o conjunto social, político, ideológico e econômico das organizações funciona como uma estratégia de dominação, uma vez que a organização identifica as vulnerabilidades dos sujeitos premiando ou punindo suas atitudes, influindo sua submissão e reforçando o poder das organizações sobre eles (PAGÈS et. al, 1993; GAULEJAC, 2007).

Uma vez que o trabalhador é reduzido a um mero recurso empresarial, o sujeito passa a medir o seu valor e a viver em função da organização, de forma que as demais finalidades humanas e papéis sociais se perdem (GAULEJAC, 2007). Assim sendo, para além dos efeitos causados pelas contradições, o desemprego e a dificuldade de ingressar ou de se recolocar no mercado de trabalho também podem contribuir para o enfraquecimento do vínculo entre o sujeito e a sociedade, uma vez que este se percebe em uma situação de fracasso profissional e é levado a crer que essa condição é notável diante a sociedade. “Como a desclassificação social é uma experiência humilhante, ela desestabiliza as relações com o outro, levando o indivíduo a fechar-se sobre si mesmo” (PAUGAM, 1999, p. 74). Evidencia-se, então, o “crescimento da força serializante do sistema de produção atual, capaz de engendrar a luta individualizada, a perda dos laços sociais e a desconstrução das identidades coletivas” (CASTRO; ZANELLI, 2010, p. 51).

Entretanto, a psicossociologia entende que as dinâmicas sociais não são impositivas, uma vez que o indivíduo participa da construção das mesmas (LHUILIER, 2011; 2014). Dessa forma, aponta-se um questionamento central: o que impede o sujeito de reagir frente às inúmeras contradições presentes em um sistema de gestão prescritivo? O estudo realizado por Pagès et. al (1993) indica que esse processo reacionário é combatido por meio de estratégias de mediação utilizadas pela gestão hipermoderna, de forma que, sempre que o sujeito se depara com uma contradição, é realizado um processo mediador que retoma a posição deste ao ponto de partida inicial. Dessa forma, o trabalhador adota uma postura ambivalente com relação à organização, na qual ele está ciente das "desvantagens" impostas pelo sistema de gestão, mas também está ciente das "vantagens" que lhe são oferecidas como contraponto. Esse processo é constantemente alimentado com novos elementos mediativos, que podem ser classificados em quatro tipos: econômico, no qual o contraponto advém dos altos salários (vantagem econômica); político, que direciona a iniciativa individual para que esta atenda aos objetivos da empresa; ideológico, proporcionando, por meio do vínculo entre sujeito e empresa, a internalização desses valores por parte do funcionário; e psicológico, que faz a ponte entre os benefícios e a sensação de prazer, bem como entre as restrições e a angústia. Por meio desses artifícios, o trabalhador passa de um ponto para outro, mediando subjetivamente os conflitos decorrentes dessas contradições e os findando antes mesmo que eles possam desencadear prejuízos à organização empresarial (PAGÈS et. al, 1993).

Nessa conjuntura, é necessário repensar os processos de forma a recompor os vínculos sociais, de modo a substituir o funcionalismo e suas contradições por um paradigma que tenha foco na compreensão dos sentidos, substituindo também o objetivismo e promovendo uma abordagem clínica que evidencie as experiência dos trabalhadores e os compreenda como sujeitos produtores e produtos do processo organizacional (CASTRO; ZANELLI, 2010).

3.2 Divisão sexual do trabalho

As discussões acerca da divisão sexual do trabalho abarcam duas esferas distintas: a primeira diz respeito às diferenças na distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho – as tarefas exercidas, profissões ocupadas e suas variações no tempo e espaço analisados. A segunda está relacionada à divisão desigual do trabalho doméstico. Os debates acerca desta questão foram impulsionados pelas discussões feministas que

ocorreram na França no início da década de 1970, onde se propunha repensar o trabalho. Essa reflexão desencadeou análises sobre o acúmulo de trabalho, as desigualdades entre os gêneros e o sistema social onde elas têm origem (HIRATA E KERGOAT, 2007).

Não tratamos, aqui, apenas do trabalho enquanto função remunerada, mas como um construtor de vivências. No plano coletivo, tal fato implica que não nos referimos apenas ao trabalho profissional[17], mas também ao trabalho doméstico – abarcando inclusive os cuidados afetivos e corporais com relação aos filhos e acompanhamento da escolaridade dos mesmos –, caracterizado pela disponibilidade permanente da mulher com relação a família e aos parentes. Por sua vez, no plano individual, retomamos o conceito de trabalho enquanto agente transformador de si mesmo e do meio social, no qual se leva em conta a subjetividade (KERGOAT, 2002).

As desigualdades referentes ao sexo são observadas nas múltiplas relações que transcorrem na sociedade. No contexto brasileiro, é possível percebê-las nas desigualdades econômicas, de acesso à escolaridade e à qualificação, nas relações de poder, nas hierarquias e no desemprego. Os processos de reestruturação do capitalismo industrial em um contexto globalizado trazem consigo a precarização do emprego formal, se manifestando por meio de trabalhos temporários e/ou intermitentes, terceirização, privatizações, entre outros. Associados, esses fenômenos constroem novos contornos para a desigualdade sofrida pelas mulheres no mundo do trabalho, dificultando o acesso das mesmas ao mercado formal e reforçando a naturalização das formas de dominação que historicamente conferem à mulher o papel de cuidadora do lar e da família (esfera reprodutiva) e ao homem o papel de provedor (esfera produtiva) (SEGNINI, 2003; HIRATA E KERGOAT, 2007).

Dessa forma, a divisão sexual do trabalho está ancorada em dois princípios: o da separação, que determina a existência de trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e o da hierarquia, que determina que o trabalho do homem "vale" mais do que o trabalho da mulher. Essa divisão se aplica a todas as sociedades conhecidas, sendo mantido por processos de legitimação e ideologia naturalista. No entanto, isso não significa que seja uma condição imutável. Em diferentes tempos e espaços, percebe-se que esses princípios agem em formatos distintos. Com a popularização das ideias feministas, percebemos que a situação das mulheres, principalmente as que vivem em países desenvolvidos, tem melhorado gradativamente. No entanto, a separação e a hierarquia, bem como a distância

[17] "[...] quer seja assalariado ou não, comercial ou não, formal ou não" (KERGOAT, 2002).

entre o trabalho feminino e o masculino, continuam se mostrando insuperáveis (HIRATA E KERGOAT, 2007).

Essa distância e a divisão desigual de responsabilidade sobre o trabalho de homens e mulheres são as bases do sistema capitalista patriarcal, que constitui uma estrutura que favorece a exploração o trabalho das mulheres pelos homens. Tal fato fica evidente quando trazemos a discussão para o âmbito dos trabalhos remunerado e não remunerado. Os trabalhos característicos da esfera reprodutiva são exercidos pelas mulheres de forma gratuita, o que faz com que os homens fiquem livres para exercer os trabalhos da esfera produtiva. No entanto, percebe-se que o trabalho feminino é gratuito apenas no âmbito familiar, passando a ser remunerado (e considerado produtivo) quando exercido para outras pessoas que não seu marido (BIROLI, 2016). Sendo assim, as diferenças entre os sexos não se tratam apenas de uma classificação biológica, mas de construções sociais de base material/capitalista/patriarcal que se fundamentam em uma relação hierárquica/de poder/de classe entre os sexos (KERGOAT, 2002).

3.2.1 Breves considerações sobre o trabalho feminino no tráfico de drogas

No imaginário coletivo, a existência da mulher no tráfico de drogas é quase nula. Nos documentários, músicas e ensaios populares que trazem o tráfico de drogas como temática principal, as mulheres não têm presença marcante na narrativa (BARCINSKI, 2012). No entanto, essa nulidade não se repete, por exemplo, nos dados publicados pelo Departamento Penitenciário Nacional – DEPEN[18], que estimam que cerca de 26 mil mulheres foram condenadas ou aguardam condenação por crimes ligados ao tráfico de drogas (BRASIL, 2016).

Muitos estudos objetivam compreender as motivações acerca da crescente entrada da mulher nessa atividade ilegal. Em um deles, Barcinski (2009b) aponta que o discurso das entrevistadas é marcado pela dualidade: elas se posicionam como agentes da decisão e como vítimas de um sistema que as direcionou para esse caminho. A academia também compartilha dessa dualidade. Gilfus (1992) não concorda com o entendimento da inserção da mulher no tráfico de drogas como uma forma de carreira ou profissão, defendendo que as mulheres "imergem" nessa essa atividade como uma forma de sobreviver às

[18] O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) Mulheres – 2016 aponta o crescimento de 455% na taxa de aprisionamento de mulheres no Brasil entre 2000 e 2016.

dificuldades financeiras, vícios e relacionamentos abusivos aos quais as estão sujeitas. Por outro lado, Barcinski (2012) mostra que algumas mulheres concebem uma série de benefícios atrelados à atividade ilegal: ser temida, respeitada, reconhecida por sua ousadia e coragem. No entanto, a própria autora cita essas benesses como uma forma de remediar temporariamente situações de invisibilidade social.

Mesmo no trabalho "fora da norma"[19], as mulheres sofrem com a desigualdade e os estigmas pregados pela sociedade patriarcal, desempenhando funções subalternas na hierarquia do tráfico (BARCINSKI, 2012). Dentre as mulheres presas por envolvimento nessa atividade, as funções mais desempenhadas são: "mula"/"avião" – responsável pelo transporte de pequenas quantidades de droga; "vapor" – quem realiza a negociações em varejo; e "fogueteira" – encarregada de alertar sobre a presença da polícia. Assim como no mercado formal, tal fato não impede que mulheres cheguem a posições de maior prestígio, como "dona de boca de fumo", "contadora/caixa" e "gerente" (DE SOUZA, 2009), mas dificulta a ascensão da mulher na hierarquia da organização. A diferença salarial entre as funções pode colocar a mulher num papel de dependência financeira do marido ou companheiro, colocando-a em uma situação vulnerável e propensa a abusos físicos e psicológicos (GILFUS, 1992).

Apesar desses apontamentos, defendemos que as discussões acerca da criminalidade feminina devem envolver um nível da análise amplo, que leve em consideração questões acerca da opressão sofrida por essas mulheres na família, no trabalho e nos espaços públicos, bem como cor e classe. Antes de tentar compreender a as influências do gênero e da desigualdade social e de classe no aumento da criminalidade e do encarceramento, é necessário ouvir a mulher que optou por entrar nesse mundo, a fim de obter suas percepções, experiências e motivações (GILFUS, 1992). Por esse motivo, e também por este se tratar de um estudo sobre um trabalho marginal/ilegal, escolhemos a trajetória de vida laboral como aporte metodológico, que será apresentado no capítulo a seguir.

[19] O trabalho "fora da norma" é definido por Segnini (2010) como uma atividade informal, destituída de direitos trabalhistas e caracterizada pela insegurança social.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreendemos a metodologia como um modo de fazer pesquisa científica composto por conhecimentos críticos acerca do processo de se produzir ciência e que serve aos propósitos da pesquisa. Uma vez que o presente estudo tem como objetivo compreender o trabalho feminino no tráfico de drogas – que inclui levantar questões acerca das condições e de seus processos de significação –, optamos por utilizar o método qualitativo. A finalidade desse tipo de pesquisa é compreender os fenômenos pelo ponto de vista dos sujeitos que dele participam. Para tal, utiliza-se da interação e do contato direto entre pesquisador e objeto de pesquisa, permitindo a inserção de questões subjetivas na investigação científica e adquirindo valor epistemológico ao permitir o acesso a conceitos que não podem ser assimilados por atos instrumentais (GODOY, 1995b; GONZÁLEZ-REY, 2005).

A pesquisa é construída na medida em que o pesquisador coleta os dados, partindo de questões amplas que se tornam mais específicas no decorrer da atividade (GODOY, 1995a). Isso ocorre em consequência do objeto de pesquisa não poder ser reproduzido em ambiente controlado e das construções resultantes da pesquisa serem sempre parciais, pois dependem de observações, sensibilidades e perspectivas. Tais fatos não impedem a observação, mas tornam necessário o reconhecimento do pesquisador – sua história, interesses, posições e preconceitos (SOUZA, 2004). Em razão disso, buscamos evidenciar tais pontos por meio das mediações das entrevistas, como será explicado a seguir, e expô-los no Preâmbulo desta dissertação.

Para compreender o papel da mulher no tráfico de drogas, bem como atingir os objetivos específicos da presente pesquisa, utilizaremos o método de trajetória de vida com recorte temático, que se mostra fecundo quando utilizado para analisar contextos de marginalização e/ou exclusão, bem como nos estudos acerca do trabalho e de trajetórias profissionais (BARROS E LOPES, 2014). Por meio dele, é possível reconhecer o saber sociológico a partir do saber individual, construindo o conhecimento a partir da experiência cotidiana extraída da interlocução (BARROS E SILVA, 2002). A análise será realizada a luz das ferramentas e técnicas de gestão estudadas, discutidas e consolidadas pela administração enquanto campo de estudo, levando-se em consideração a psicossociologia, abordada no capítulo anterior, de forma a nos permitir compreender as relações entre trabalho e subjetividade (BENDASSOLLI E SOBOL, 2011b). A seguir, faremos uma revisão acerca do método e detalharemos os processos de coleta.

4.1 Conte-me sua história: história de vida e trajetória de vida laboral

A trajetória de vida consiste em um recorte da história de vida, sendo que esta oferece as bases teóricas norteadoras daquela. Dessa forma, iniciaremos este tópico com uma discussão acerca do método de História de Vida, apresentando, a seguir, as peculiaridades da trajetória de vida e do recorte temático escolhido.

O método de História de Vida foi desenvolvido e popularizado a partir das pesquisas elaboradas na Escola de Chicago[20], pautadas no interacionismo e na multidisciplinaridade – abrangendo, principalmente, antropologia, sociologia, ciência política, filosofia e psicologia –, e contribuiu para a legitimação de técnicas qualitativas de pesquisa sociológica. Foi nesse contexto que o filósofo americano George Herbert Mead desenvolveu o conceito de interacionismo simbólico, em que os significados sociais são produzidos a partir da interação entre os indivíduos e, dessa forma, a concepção subjetiva que os mesmos têm da sociedade constitui o principal objeto da pesquisa sociológica (GOLDENBERG, 1997).

Busca-se acessar e compreender o universo do sujeito por meio de seu discurso, uma vez que este o perpassa e o transforma. A riqueza desse método de coleta se concentra no fato de que determinados acontecimentos só podem ser analisados e compreendidos a partir de seu interior, ou seja, têm seu cerne nas experiências individuais dos sujeitos (BARROS E SILVA, 2002). O método de História de Vida possibilita à ciência obter uma nova perspectiva acerca dos sujeitos de formação ao tomar como fonte da história os que são, não raro, excluídos dela, em função de uma perspectiva centrada nos valores dos vencedores, ao mesmo tempo em que potencializa uma nova maneira de compreender o mundo social (SOUZA, 2006).

De acordo com Barros e Silva (2002), a pesquisa em História de Vida é composta por duas dimensões: a descrição dos fatos, que corresponde às experiências particulares, inscritas em um contexto social e remetente a esse; e a busca de sentido, presente na retomada, na reflexão acerca dos atos de reiteração. Esse sentido não está presente no relato em si, mas no que é relatado pelo sujeito enquanto ser concreto, inserido em relações dinâmicas. Dessa forma, o pesquisador que opta por trabalhar com a metodologia qualitativa de História de Vida, obtendo relatos que partem do ponto de vista de quem os

[20] Termo referente a um conjunto de pesquisas realizadas pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, iniciadas no final do século XIIX e início do século XIX.

narra (SPINDOLA E SANTOS, 2003). Assim, uma tensão entre passado e presente emerge, resultando em um efeito de sentido que gera perguntas capazes de resultar em uma força de mudança (BARROS E SILVA, 2002).

Essa força de mudança ocorre em função da historicidade. O ser humano é produzido e produtor de sua própria história, uma vez que o mesmo é constituído por elementos pessoais e sociais enquanto, simultaneamente, intervém sobre eles, carregando a historicidade em si e transformando seu sujeito. Porém, falta a algumas pessoas a experiência da historicidade necessária para tomar consciência dessa condição. Por meio da pesquisa em História de Vida – ou seja, da descrição dos fatos e da busca de sentido – o sujeito pode obter essa experiência e potencializar forças de modificação da sua história (GAULEJAC, 2014; BARROS E LOPES, 2014; CARRETEIRO, 2017).

História e trajetória de vida compartilham as características supracitadas. A diferença entre elas se dá pelo fato de que o pesquisador, ao optar pela metodologia de História de Vida, abarca toda a vida do sujeito, desde a infância até o momento presente, passando por todas as fases e acontecimentos que dela fazem parte (ALBERTI, 2005). Esse método de coleta considera uma infinidade de aspectos da vida do sujeito, tornando-se necessário um grande número de encontros e gerando uma ampla quantidade de dados. A fim de facilitar e/ou viabilizar a análise, o pesquisador pode optar por estabelecer recortes temáticos, que podem ser feitos no decorrer das entrevistas ou definidos de antemão (PINTO, CARRETEIRO e RODRIGUEZ, 2016).

Durante a vida, o sujeito ocupa posições sucessivas e simultâneas. Quando utilizamos o método da trajetória, fazemos o recorte de um desses papéis – nesta pesquisa em específico, o trabalho. No entanto, não se ignora o entrelaço entre as situações pessoais, familiares e sociais, ou seja, o contexto onde a trajetória laboral acontece. Durante o relato, evidenciam-se os processos de construção e desconstrução de significados e mudanças nas relações que o indivíduo estabelece com o meio e com seus pares (GONÇALVES E LISBOA, 2007).

Nos estudos organizacionais, principalmente no estudo das atividades laborais, a construção da narrativa da trajetória de vida auxilia na contextualização das produções sociais singulares que ocorrem dentro das instituições. Os relatos são dotados de particularidades e transversalidades. Essas duas características implicam na possibilidade de que o mesmo fenômeno social possua significados e contextos diferentes, ao mesmo passo em que possuem aspectos transversais, que perpassam diversas situações e

permitem que o mesmo elemento esteja presente em situações organizacionais distintas (PINTO, CARRETEIRO E RODRIGUES, 2016).

4.2 A entrada em campo: conhecendo as entrevistadas e suas histórias

Em termos práticos, as formas de coleta que servem ao método escolhido podem ser agrupadas em duas dimensões: a dos documentos pessoais, como cartas, diários, autobiografias, fotografias e objetos pessoais; e a das entrevistas bibliográficas, que podem ser orais ou escritas (SOUZA, 2006). No presente trabalho, utilizou-se entrevistas orais e em profundidade[21]. Estas foram pensadas conforme Spindola e Santos (2003), de modo a despertar no entrevistado o desejo de conduzir a conversa, permitindo a interação constante com o pesquisador.

As entrevistadas foram indicadas pelo Grupo de Amigos e Familiares de Pessoas em Privação de Liberdade, organização comunitária sem fins lucrativos que tem como objetivo a organização e mobilização de amigos e familiares de pessoas em situação de privação de liberdade a fim de garantir seus direitos. Em parceria com o Núcleo de Assistência às Famílias (NAF) e com o Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o grupo compõe a Plataforma Desencarcera, iniciativa do Instituto Direitos Humanos que difunde informações, denúncias e produções científicas sobre o Sistema Prisional do Estado de Minas Gerais.

Após contato preliminar, realizado por meio de mensagens e ligações telefônicas, as entrevistadas tomaram conhecimento do objetivo da pesquisa e foram convidadas a se encontrarem com a pesquisadora para que pudessem obter mais informações sobre a investigação científica. Os encontros aconteceram em local e horário escolhidos por elas, de acordo com suas disponibilidades e com o objetivo de não atrapalhar suas tarefas rotineiras. No primeiro contato presencial, foram apresentados os objetivos da pesquisa, o método que seria utilizado e o tempo médio de duração das entrevistas. Também foi realizada a leitura conjunta e o esclarecimento de dúvidas acerca do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[22], no qual as participantes foram informadas

[21] Por se tratar de uma pesquisa que envolve a participação de seres humanos, o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e está registrado sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE nº 18844719.6.0000.8507 (em conformidade com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde).
[22] Disponível no Apêndice A.

que a pesquisa se daria de forma anônima, que elas poderiam abandonar as entrevistas no momento em que quisessem, que não seriam forçadas a responder perguntas e que poderiam entrar em contato com a pesquisadora a qualquer momento para esclarecer dúvidas acerca dos procedimentos.

Ambas tiveram disponibilidade e aceitaram participar do processo, descartando a necessidade de buscar-se mais entrevistadas. Foram realizadas cinco entrevistas, com o espaço médio de uma semana entre elas e com duração média de uma hora e vinte minutos. Nos encontros, as entrevistadas foram convidadas a contar livremente sobre sua história, a partir da pergunta inicial "Conte-me sua história?". Conforme o andamento da coleta, as entrevistas eram transcritas e lidas sistematicamente para que a pesquisadora pudesse internalizar as narrativas, aprimorar a condução das entrevistas e estabelecer parâmetros de comparação (semelhanças e diferenças) entre ambas. Após cada uma das entrevistas, realizou-se o processo de mediação das entrevistas, seguindo o método proposto por Guimarães (2014). Neste, a pesquisadora realiza um relato oral acerca do material coletado e dos encontros para uma das orientadoras, que mediavam o conteúdo das entrevistas e a análise da pesquisadora, ajudando-a a delimitar e organizar o material coletado (GUIMARÃES, 2014).

A partir das mediações, foi possível antever a transversalidade das análises, bem como conscientizar a pesquisadora acerca de suas reações, fazendo com que ela reconhecesse sua própria história, seus interesses e posições sobre a pesquisa. Dessa forma, a pesquisadora voltava ao campo com questões mais claras, que eram postas às entrevistadas logo no início dos encontros, como forma de esclarecer alguns pontos da narrativa e dar início ao relato de forma fluida. Como o objetivo da pesquisa foi esclarecido de maneira prévia, as entrevistadas naturalmente guiaram seus relatos em torno de suas atividades no tráfico de drogas. Foram poucas as intervenções da pesquisadora na narrativa e, quando feitas, eram postas de forma a estimular a continuidade dos relatos ou esclarecer alguma dúvida sobre um termo utilizado.

Ao final do quarto encontro, foi proposto às entrevistadas que se apresentassem aos leitores desta dissertação por meio de um carta escrita por elas ou por meio de uma produção artística – música, poema, filme, quadro, escultura ou outra de sua preferência, com o único adendo de que, caso escolhessem uma forma de arte não-escrita, deveriam explicar o motivo da escolha. Ambas se mostraram entusiasmadas com o pedido e, no último encontro, apresentaram esses materiais. Eles serão apresentados nos capítulos a seguir, antecedendo a história de cada uma.

No último encontro, ao final das entrevistas, foi informado a elas, novamente, que a pesquisa era anônima e que seus nomes, bem como os demais nomes mencionados por elas, não seriam expostos na dissertação. Porém, também foi posto que seria incoerente apresentar essas histórias, tão pessoais e singulares, por meio de uma nomenclatura genérica. Dessa forma, foi proposto que elas escolhessem o nome pelo qual seriam chamadas ao longo deste trabalho. A reação de ambas à essa proposta e os nomes escolhidos também serão apresentados no capítulo seguinte.

Com relação a análise, a trajetória de vida laboral tem aporte teórico na psicossociologia (PINTO et al., 2016), o que não implica a exclusão da possibilidade de inserção de pontos partilhados entre essa teoria e a psicodinâmica. Destacamos que o método de coleta escolhido implica em uma análise particular, que se assemelha à análise de conteúdo, mas que, por questões epistemológicas, não pode ser definida como tal (GUIMARÃES, 2014; CAEIRO, 2017). Ao contrário desta, as análises das trajetórias não se limitam apenas à identificação do caminho percorrido pelo sujeito, suas escolhas e possibilidades; elas devem abranger os aspectos sociais e institucionais que condicionam a trajetória, uma vez que a sociedade produz mecanismos de condução social que guiam as escolhas do sujeito.

Esse processo foi viabilizado por meio das diretrizes estabelecidas durante reuniões realizadas entre a pesquisadora e suas orientadoras. Em conjunto com as mediações realizadas durante as coletas, esse processo foi imprescindível para a realização da pesquisa, pois permitiu que a pesquisadora identificasse os pontos de transversalidade nas histórias narradas e traçasse o fio condutor das mesmas. Esse processo permitiu "elaborar categorias sócio analíticas, que passam a atestar a interação ente várias dimensões sociais, financeiras, históricas, organizacionais, singulares" (PINTO et al., 2016, p. 1011). Sendo assim, o significado do trabalho no tráfico de drogas é construído pelas entrevistadas por meio de diversos outros aspectos de suas vidas, que, apesar de serem intrínsecos, foram categorizados no presente trabalho, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor e cumprir os objetivos da pesquisa.

A análise foi dividida em dois capítulos principais. O primeiro, "Presa ou morta: a trajetória das mulheres antes, durante e depois do tráfico de drogas", consiste na apresentação das mulheres que foram entrevistadas para a realização desse trabalho. Cada entrevistada possui seu próprio capítulo, que é dividido de forma a permitir que a pesquisadora explicite sua impressão sobre cada uma. As entrevistadas se apresentam aos leitores (por meio de uma carta ou expressão artística, como citado anteriormente) e suas

narrativas são postas de forma ampla. Ao final, são destacados alguns pontos que demonstram como elas se posicionam, enquanto mulheres, em seus relatos.

O segundo capítulo, “O trabalho feminino no tráfico de drogas”, consiste na análise transversal das histórias. Ela foi feita de forma que, em um primeiro momento, apresentamos a gestão de forma mais técnica, estabelecendo paralelos entre as funções que as entrevistadas exerciam no tráfico e posições de trabalho no mercado formal/empresarial. Logo após, apresentamos questões acerca do significado e das experiências subjetivas no trabalho.

No que diz respeito ao retorno da pesquisa aos entrevistados, foi acordado que cada uma das participantes receberá sua trajetória de vida laboral transcrita, impressa e encadernada após a defesa da dissertação. Esse retorno é inerente à pesquisa qualitativa, que deve ser devolvida ao pesquisado uma vez que envolve vivências pessoais e seus significados. Ele também serve para renovar o contato entre pesquisador e participante, reforçando compromisso ético na construção da ciência (GONÇALVES E LISBOA, 2007).

5 PRESA OU MORTA: A TRAJETÓRIA DAS MULHERES ANTES, DURANTE E DEPOIS DO TRÁFICO DE DROGAS

Tendo em vista que, na pesquisa qualitativa e no que tange às coletas dos relatos orais, o pesquisador não é estranho aos fenômenos narrados e está vulnerável aos impactos da observação (CARRETEIRO; BARROS, 2014), os capítulos das entrevistadas serão abertos por uma apresentação de cada uma delas, elaborada a partir do ponto de vista da pesquisadora e contendo suas impressões, registradas por meio de trechos retirados e adaptados do diário de campo. Dessa forma, o texto de abertura dos capítulos "5.1 Alexia" e "5.2 Joana" possuem um tom mais pessoal. Em seguida, as entrevistadas se apresentarão aos leitores da presente dissertação[23] – Alexia optou por se apresentar por meio de uma música, enquanto Joana escreveu uma carta de próprio punho. Por fim, seus relatos foram organizados de forma a contemplar suas experiências profissionais, incluindo suas respectivas atuações no tráfico de drogas, e outros aspectos que impactaram a vida e a relação das entrevistadas com o trabalho, e serão apresentados a seguir.

5.1 ALEXIA

Alexia é uma mulher negra, de estatura média, com idade em torno dos quarenta anos. Sua postura é desafiadora, como se ela estivesse o tempo todo dizendo "eu posso lidar com qualquer coisa, quer apostar?" – o que gera certo contraste com o seu estilo: roupas coloridas, femininas, bijuterias delicadas e maquiagem marcada [Trecho do Diário de Campo, dia 13/11/2019]. Ela tem quatro filhos, mas não fala sobre o mais velho e se mostrou muito incomodada e evasiva ao ser questionada sobre ele, de forma que preferi não insistir no assunto. Durante a manhã e à tarde, trabalha como doméstica para uma família de classe média. Considera-se muito esforçada e esperta, o tipo de pessoa que é capaz de aprender qualquer coisa rapidamente. Seu olhar é atento, como se ela estivesse o tempo todo tomando notas e fazendo julgamentos.

Ela foi a primeira pessoa que entrevistei longamente para um trabalho acadêmico – antes, havia apenas feito entrevistas semiestruturadas e relativamente curtas. Como esperado, eu estava apreensiva sobre todo o processo, mas, acima de tudo, estava curiosa.

[23] Como dito no capítulo anterior, elas foram convidadas a se apresentar para os leitores desta dissertação por meio de uma carta, poema, música, ou qualquer outra expressão artística.

Todos os diversos trabalhos que li no processo de pesquisa sobre o método de história e trajetória de vida laboral eram de uma conexão e de uma profundidade hipnotizantes e eu queria saber como era participar daquela construção. No entanto, de todas as minhas curiosidades, havia uma que se destacava: a escolha do nome por parte das participantes. Fiquei maravilhada ao ler outros trabalhos que utilizavam essa mesma técnica e estava ansiosa para saber quais nomes seriam escolhidos, seus significados e como eles podiam se conectar com a história. Talvez por isso eu tenha ficado extremamente surpresa e apreensiva quando a primeira entrevistada se recusou a escolher outro nome que não fosse o seu próprio [Elaborado a partir de trechos do Diário de Campo dos dias 13/11/2019 e 15/12/2019]:

> *Eu, não! Não vou andar com o nome dos outros. Vou andar com o meu nome. O meu nome, não tem problema nenhum, não. Mas eu não quero usar o nome de... nada... eu não quero, não é minha* vibe *isso, não. Isso não é a minha cara. Eu não gosto de vulgos, de nomes cruzados, não.*

Depois de conversar com as minhas orientadoras, expliquei à entrevistada as questões que inviabilizavam a exposição de seu próprio nome e consegui convencê-la a escolher outro. Sua escolha foi Alexia, um nome de origem grega originado do termo *alexo,* que significa defender, ajudar. Sendo assim, Alexia é aquela que defende, a defensora da humanidade. Quando perguntei a ela o motivo da escolha, ela me respondeu que

> *Alexia é nome de... puta. De pessoas que não se identificam, que não querem ser identificadas. Tipo traficante, prostituta, é... pessoas que não querem, é... divulgar seu nome, entendeu? Principalmente puta porque é nome de guerra. Só que eu não sou puta, eu lembrei desse detalhe porque elas usam muito, né?*

Recebi sua escolha como uma forma de protesto. Já que ela teve que fazer algo que não ia ao encontro dos seus desejos, me ofereceu um nome típico de pessoas que "*andam com o nome dos outros*". [Trecho do Diário de Campo do dia 19/11/2019].

Por mais que Alexia apresentasse essa postura dura e intimidadora (e por mais que eu estivesse apreensiva sobre a coleta de dados), não demonstrou vergonha ou timidez ao narrar suas histórias. Por vezes me peguei rindo de alguns de seus relatos e, mesmo quando o gravador não estava ligado, ela conversava abertamente sobre sua vida pessoal e chegou a me oferecer alguns conselhos amorosos. Ela consegue ser, simultaneamente, carismática e rígida – e não raro me deparo com reportagens que afirmam que esse perfil é inerente a um bom gestor [Elaborado a partir de trechos do Diário de Campo dos dias 11/11/2019, 04/12/2019 e 15/12/2019].

Nas páginas a seguir, Alexia se apresentará e será apresentada por mim. E, para fazer jus aos seus desejos, deixo aqui a informação de que seu nome próprio remete a uma pessoa que age sem se preocupar exageradamente com a opinião dos outros. Para ela, o importante é estar em paz com sua própria consciência.

5.1.1 Alexia por Alexia

Como dito no capítulo destinado à Metodologia, foi proposto às entrevistadas que elas se apresentassem às pessoas que teriam acesso a suas histórias. Essa apresentação poderia ser feita por meio de carta, música, desenho, pintura, poema ou de qualquer outro tipo de arte que a entrevistada julgasse adequado. Alexia escolheu a música "Dona de Mim", cuja letra está disposta a seguir:

Dona de Mim

Composição: Arthur Marques

Performada por: Iza

"Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo não

Sempre dou o meu jeitinho
É bruto, mas é com carinho
Porque Deus me fez assim

Dona de mim
Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera minha visão
Foi tanto "sim" que agora eu digo "não"
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Quero saber só do que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não me limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca"[24]

Alexia apresentou a música em questão por meio de seu videoclipe, de modo que é pertinente inserir, aqui, uma breve descrição do mesmo. Nele, vemos cenas intercaladas da vida de três mulheres negras: a primeira está com o seu filho em casa e, ao mesmo tempo, cuida e brinca com a criança enquanto cumpre afazeres domésticos, como lavar a louça; a segunda é uma professora lecionando sobre o Quilombo dos Palmares[25], quando um tiroteio começa e ela, junto com os seus alunos, se joga no chão em busca de proteção; e a terceira está algemada frente a um juiz (homem e branco) e um júri composto por homens (também brancos), enquanto é defendida por uma advogada (mulher branca).

Por meio do videoclipe, identificamos diversos pontos de representação da mulher na sociedade, em especial da mulher negra[26], como a atribuição da responsabilidade de cuidar da casa e do filho, este último sem a ajuda ou a presença de uma figura paterna, a

[24] Nesse trecho, optou-se por não colocar a letra da música no formato ABNT para citação longa, pois entende-se que a letra faz parte da narrativa da entrevistada e o formato em questão, com fonte em tamanho menor, fugiria ao objetivo principal da autora, que é dar visibilidade à narrativa própria e pessoal da entrevistada.
[25] Os quilombos eram locais de refúgio para escravos que se rebelavam e fugiam de seus donos. O Quilombo dos Palmares foi o maior e mais duradouro quilombo do Brasil, tendo surgido no século XVII e abrigado escravos que fugiam das capitanias da Bahia e de Pernambuco. Chegou a abrigar quase 30 mil pessoas e, atualmente, é reconhecido como patrimônio cultural do Mercosul e considerado um símbolo moderno da resistência do povo africano à escravatura (FUNARI E CARVALHO, 2005).
[26] A exposição e interpretação dos símbolos presentes no videoclipe em questão e expostas nesse parágrafo foram retiradas de entrevistas e falas da cantora IZA, bem como do diretor e roteirista do clipe, Felipe Sassi.

supressão do povo preto dos acontecimentos históricos e a repressão do mesmo por meio de políticas genocidas, como as ações policiais violentas e a falta de representatividade feminina em posições de poder. Também observamos, na cena em que uma mulher negra está sendo defendida por uma mulher branca, uma mensagem de sororidade que, ao mesmo tempo, evidencia o racismo presente na sociedade. Nas cenas finais, vemos a cantora fazendo uma performance junto a um coral composto por outras mulheres negras, representando a união de suas vozes em uma luta comum. A letra, o clipe e a performance são símbolos fundamentais para se compreender como Alexia se coloca no mundo.

5.1.2 A história de Alexia: "nem fugindo você consegue fugir"

É o poder, aceita porque dói menos
De longe falam alto, mas de perto tão pequenos
Se afogam no próprio veneno, tão ingênuos
Se a carapuça serve falo mesmo
E eu cobro quem me deve
[...]

Sociedade em choque eu vim pra incomodar
Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar
Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim se equivocou
Fui eu quem criei, vivi, escolhi me descobri e agora aqui estou
Não aceito cheque, já te aviso não me teste
Se merece então não pede pra fazer algo que preste
[...]

Se não tá no meu lugar então não fale meu (não fale)
Se for fazer pela metade não vale (não vale)
Eu vivo com doses de só Deus que sabe
O resto ninguém sabe
Quebro tudo pra que todos se calem

Karol Conka, "É o poder"

Tanto o processo de coleta da história de Alexia, quanto sua vida começam de uma forma muito rápida, intensa e agitada. Logo aos três anos de idade, ela perdeu sua mãe. Aos oito, começou a trabalhar "*em casa de família*", fazendo trabalhos domésticos. Aos doze começou a fumar cigarros de tabaco. Engravidou do primeiro filho aos quatorze. Experimentou maconha aos quinze e cocaína aos dezoito. Ela abriu o seu relato compartilhando todas essas informações de uma vez, ao mesmo tempo em que afirmou que nada disso definiu suas escolhas. Essa afirmação se repetiu durante todo o seu depoimento, não apenas em relação ao uso e ao tráfico de drogas, mas em vários outros aspectos de sua vida:

> *Não adianta jogar a culpa em ninguém, foi escolha minha. Minha opção. Ninguém escolheu por mim.*
>
> *Eu fiz as minhas escolhas. Então eu tive que pagar pelo que eu fiz.*
>
> *Eu decidi ficar com alguém, entendeu? E isso é escolha minha, se eu decidi também de largar também eu largo.*

Ela não culpou sua família, ou a carência que sentiu na infância, mas disse que esse primeiro trabalho aos oito anos "*foi desencadeando alguma coisa em mim. Porque eu via eles pegar meu dinheiro e eu não ter nada. Eu queria as coisas...*". Após o nascimento de seu primeiro filho, Alexia começou a furtar em lojas de departamento e supermercados e toda sua renda familiar era proveniente da venda dos itens oriundos desses furtos. Não demorou muito tempo para que ela percebesse que poderia lucrar muito mais se usasse esse dinheiro para comprar drogas e revendê-las, e foi o que fez.

No início, ela contava com a ajuda de seu namorado da época que, de acordo com ela, era seu "*piloto de fuga*". Entretanto, a relação entre os dois era difícil:

> *[...] esse cara me infernizava minha vida, infernizava! Nós, nós brigava, brigava, brigava. Nossa, eu já quebrei garrafa de cerveja na cara dele, nossa... Uma vez eu queria matar ele com uma faca. Nossa, só confusão que eu arrumei com esse cara.*

As intensas brigas foram piorando conforme Alexia ia descobrindo que seu parceiro frequentemente a roubava, subtraindo dinheiro e alguns itens furtados para manter seu vício em crack. Aos poucos, ela foi se afastando dele e conhecendo outras pessoas. Por intermédio das novas amizades, conseguiu seu próprio "território": um bairro onde só ela vendia drogas. Seu rendimento girava em torno de três, quatro mil reais por hora, uma pequena fortuna para a época. O negócio andava lado a lado com sua vida pessoal. Quando, aos dezoito anos, Alexia começou a usar cocaína regularmente, o tempo dedicado ao tráfico aumentou.

> *Se eu ficava três horas traficando, comecei a ficar seis. Aí... foi daí em diante, aí que eu parei de mexer com coisas pequenas, comecei a mexer com coisas grandes, né? Não queria mais mexer com pouca coisa.*

Mesmo com o aumento das tarefas, Alexia deixou bem claro que preferia trabalhar sozinha:

> *Não tinha envolvimento com ninguém. Eu não tinha... não trabalhava com ninguém, não mexia com ninguém, não fazia nada que eu não... mesmo porque o lucro era melhor também. Quando tem mais gente envolvida você tem que acabar... tendo mais gasto, com alimentação, com transporte, é... coisas assim que... que pra mim não era conveniente. Então eu não gostava muito.*

Parte disso também advinha de seu temperamento explosivo. Alexia frequentemente se descreveu como uma pessoa nervosa, destemida e que "*não estava nem aí pra nada*". Isso fazia com que algumas pessoas tivessem receio em confrontá-la – ou até mesmo em interagir com ela. Porém, isso não impediu que seu primeiro marido se aproximasse.

Ambos usavam cocaína na época. Firmado o relacionamento, ele não tardou a se juntar a ela nos negócios. "*Juntou a fome com a vontade de comer*", disse. A rotina da família sempre foi bem definida. Seus filhos iam e voltavam da escola em uma van: dois na parte da manhã e um na parte da tarde. De acordo com Alexia, eles sempre foram muito tranquilos, gostavam de ficar em casa jogando videogame ou iam visitar os avós. Durante a semana, na parte da tarde, Alexia pegava a droga e embalava – ela deixa claro que nenhuma dessas atividades eram realizadas em sua casa ou perto dos seus filhos. A partir das dezoito horas, seu marido saía para fazer as entregas e ela, via de regra, o acompanhava. À uma da manhã (duas, no máximo), eles encerravam as entregas. Ela se recusava a ficar por conta do tráfico em tempo integral: "*De seis a uma. Só. Quem pegou, pegou, quem não pegou não pegava mais*". Aos sábados, Alexia tinha um compromisso inadiável: um passeio com os filhos. Ela conta que sempre os levava para jogar boliche ou para comer em alguma lanchonete que eles escolhiam.

Mesmo estando em uma parceria, era ela quem cuidava da maior parte das tarefas e estava à frente de tudo:

> *Eu ia, eu buscava, eu negociava, eu fazia tudo sozinha. Eu só não vendia, quem passava era meu ex-marido.*

Apesar disso, ela conta que frequentemente precisava intervir diretamente nas vendas – única responsabilidade do marido. Diversas vezes reclamou por ele ser "*muito mole*", contando que frequentemente ele "*levava ferro*" por falta de pagamento.

> *[...], eu nem deixava o [MARIDO] ir sozinho, eu tinha que ir. Que se não ele não pagava o [MARIDO], não. Eu tinha que ir.*

Esse fato, alinhado ao seu temperamento forte, fazia com que os clientes reclamassem quando ela acompanhava o marido nas entregas:

> *Aí eles falava assim "pede pra... não deixa sua mulher vir, não". Falei assim "a droga é minha quem vai sou eu". "Não, eu mando o dinheiro direitinho". Eu disse assim "tsc tsc tsc [barulho de quem nega], eu que vou". Porque ele ia e eles não pagavam ele. Porque sabia que conseguia engalobar ele e ficar faltando dinheiro.*

O público alvo de Alexia e de seu marido eram membros da alta sociedade: pessoas que moravam em bairros nobres, com grande poder aquisitivo e que assumiam cargos altos em grandes companhias. Ela se aproveitava desse aspecto para usufruir de um pouco do luxo que aquelas pessoas possuíam. Sempre que possível, marcava a entrega da mercadoria em restaurantes caros.

> *Todos os restaurantes da zona sul, os mais chiques eu comi, hoje eu nem sei como é que tá lá hoje. Mas os melhores restaurantes... a gente ia e comia. E ainda as vezes eu fazia média, falava assim "tem como a gente encontrar em tal restaurante?". A conta ficava pra eles pagar.*

Entretanto, o alto padrão de vida de seus clientes não evitava as discussões sobre o pagamento. Era comum Alexia fechar um negócio por um determinado preço e, na hora da entrega, o cliente insistir em pedir um desconto ou alegar que não tinha dinheiro para realizar o pagamento.

> *Eles gostam muito de cheirar, mas também não gostam muito de gastar. Eu conheço um, conheci um cara [...], a casa dele você precisa de ver que mansão, mansão! Que o cara era o mais chorão do planeta, [...] ele queria sempre que fizesse mais barato, mais barato.*

> *Mas, peraí, você pediu a droga e não tem dinheiro? "Ah, tal dia eu pago, pago certinho". Eu falava "Ah, tá, o dia, no dia que você receber você vai usar droga".*

Alexia, porém, era firme no controle de seu negócio e, frente a essas situações, seu temperamento explosivo era sua maior ferramenta. Como ela já era conhecida por ser "esquentada", bastava ameaçar "fazer um barraco" para que os clientes cumprissem o acordo – o que não a impedia de usar a força bruta. Alexia contou que nunca gostou de armas, apesar de já ter possuído algumas.

> *Já tive arma, mas meus filhos estavam crescendo e eu fui e vendi elas devido ao medo de... acidente, acontece muita coisa.*

Seu gosto estava voltado para as facas. Sempre andava com um facão e seu taco de *baseball* – do qual falava com um tom fraterno, quase como se fosse um animal de estimação. Ela contou que a maioria das pessoas envolvidas no tráfico de drogas preferiam armar emboscadas ao confronto direto, mas não ela, que possuía a coragem necessária para esse tipo de embate.

> *Elas armam pra pessoa, falam, tipo assim, um esquema que ela não tem a coragem de fazer com as próprias mãos. Eu não, eu tinha coragem de fazer,*

> *eu fazia [...] pra eles saberem que eu, que eu não... Num tava brincando. [...] Com facão, com o taco, só homem mesmo. Vacilou comigo eu peguei.*

Como sua vida pessoal e seu negócio caminhavam muito próximos, era previsível que a forte personalidade de Alexia reverberasse também em seu relacionamento. A relação era conturbada, pois, de acordo com ela, seu marido era "puteiro" e tinha o hábito de pegar drogas "por fora" para consumir com suas amantes. Para não deixar barato, ela o traía também.

> *E a gente trai também, eu traia ele, ele me traía, era uma bagunça dos inferno. Porque ele... eu descobria e eu fazia a mesma coisa*

Além disso, as crises frequentemente desencadeavam agressões físicas. Quando Alexia flagrou seu marido junto com uma vizinha, não tardou em usar o capacete de moto que estava usando para "dar uma surra" nela. As brigas constantes alternavam entre a vida pessoal e o tráfico, como quando seu marido comprou drogas para usar com outra mulher e um fornecedor tentou realizar a cobrança junto com as mercadorias que Alexia comprou para revender.

> *Eu falei assim "dá minha droga você não vai descontar, não, você vai atrás dele, foi você que vendeu fiado pra ele, eu não vendi nada pra ele". Aí nós dois começamos a discutir, eu falei assim "ó, quer saber? Vai tomar no seu cu. Eu não peguei droga nenhuma com você, entendeu? Você vai cobrar dele". Aí eu cheguei lá em casa e falei pra ele "você vai lá pega, é... pega droga fiado com os outros pra mandar descontar? Não senhor, você vai levantar o dinheiro e vai lá pagar ele, eu não.... eu não vou, é, pagar droga pra você, não".*

O comportamento de Alexia era frequentemente justificado por ela em função do estresse e da tensão constante que as responsabilidades lhe causavam.

> *Você tem que dar conta de dinheiro, dar conta de dinheiro, de droga, de casa, tem que dar conta disso, de aquilo, é muita informação. Entendeu?*

Ela precisava ficar atenta não só aos prejuízos por parte dos clientes que se recusavam a pagar ou atrasavam o pagamento – fatores que Alexia conseguia, na maioria das vezes, contornar –, mas também com as traições e emboscadas armadas por parte dos concorrentes. As emboscadas, que ela chamou de "*pegar na crocró*", eram armadas apenas para desafetos, mas o roubo de mercadorias entre os traficantes era direcionado a qualquer um que "desse bobeira".

> *Eu já fui roubada várias vezes, a minha droga. Colocar, esconder em algum lugar, né? Pessoa tá de tocaia lá e rouba [...]. Tipo assim, tinha um mato ali, nós ia no mato. Olhava, olhava, não tinha ninguém, nem uma alma penada,*

> *só você na rua. Você busca, cadê a merda da droga? Sumiu. Sempre tem um de tocaia.*

Como haviam poucos fornecedores, Alexia era capaz de identificar sua droga e, portanto, ficava fácil descobrir quem havia cometido o furto. Quando ela encontrava o responsável, seu taco de *baseball* entrava em ação.

> *[...] a gente conhecia a nossa droga porque cada uma vinha de um lugar diferente. Aí eu já peguei nego vendendo a minha droga. Aí, é... e aí você vê a confusão armada. Eu dei muita paulada, muito, eu era muito violenta devido a isso, né? Fazer a pessoa devolver sua droga.*

Ademais, a tensão gerada pelo medo de ser pega pela polícia era constante. Ela contou que não era diretamente investigada, mas seu marido, sim. O medo era permanente. Contou ainda que se sentia paranoica a respeito disso e, por vezes, no meio da madrugada, sentia que a polícia iria invadir sua casa a qualquer minuto e que ela precisava levar sua família para outro lugar.

> *Então você vê, você nem fugindo você consegue fugir, entendeu? Como é que você vai fugir de um lugar, com medo, chega no lugar você quer fugir de medo de outra coisa, que aí você começa a viajar em outra coisa [...]. Eu, eu já viajei, [...], cheguei quatro horas e, às seis horas da manhã, na minha loucura, voltei de novo. Coloquei todo mundo no carro. Voltei de novo. Pra você ver, tirei os meninos de madrugada da cama, fui porque eu cismei que a polícia estava lá. Depois lembrei que eu tinha esquecido droga lá dentro, tive que voltar seis da manhã. Olha só que loucura.*

Esse aspecto afetava sua relação com os filhos. De acordo com ela, eles sempre foram compreensivos e "espertos", tinham consciência das coisas que ocorriam ao seu redor e não tardavam e cumprir suas ordens urgentes. No entanto, ela não negou que suas escolhas podem ter sido, de alguma forma, nocivas a eles.

> *Você tá achando que você tá protegendo, mas na verdade você tá fazendo é mau pros seus filhos.*

Violência, morte e injustiça também foram presentes em seus relatos. Mesmo dizendo que, hoje, as coisas são muito mais violentas, Alexia não negou que teve que lidar de perto com a parte bruta do tráfico.

> *Eu conheço várias pessoas que são ruim, ruim de natureza, bate por bater, mata por matar, é... eles envolvem com todo o tipo de pessoas, entendeu? [...] Pessoas que te falam, dão tiro na mão dos outros. Já vi várias coisas acontecendo, entendeu? Vários tipos de coisa. O que eu podia falar? Nada. O que eu ia fazer? Nada, né? Tava no meio... quem tá na chuva, minha filha, é pra se molhar. Se você abrisse o bico, sobra pra você. Por isso muitas vezes eu me calei. Eu já vi várias coisas terríveis. Terríveis. Mas tipo assim, tem a lei, né? Bico calado.*

Em uma dessas ocasiões, sua irmã era a vítima. Por conta de uma dívida, Alexia teve que se colocar entre uma arma e a cabeça da sua irmã para tentar poupá-la. Mesmo com seus pedidos e a promessa – cumprida no dia seguinte – de que ela arcaria com a dívida que não era sua, a mesma levou uma surra. "*Surra mesmo, não foi uns tapinhas, não. Foi surra!*". E só porque essa situação específica acabou "bem", não significa que Alexia não lidou com situações em que as coisas acabaram mal. Ela relatou, mais de uma vez e com muito pesar, uma briga entre dois amigos seus. Motivada por um vale-transporte, a desavença se desenvolveu e resultou na morte violenta de um deles.

> *Eu encontrei com ele de manhã, falei assim "[FULANO], vai embora, [FULANO]... esse povo vai armar pra você de novo", "vai nada, eu vou é matar eles", não sei o que. Foi de noite eles mataram ele na avenida. Pegou ele, isso era porque era um círculo de amizade. Imagina se fosse inimigo? Todos nós ali éramos amigos.*

Eram múltiplos os fatores estressantes. Além dos já citados, Alexia sentia que não podia confiar em ninguém, tinha medo de ser flagrada por câmeras, mudava o cabelo constantemente com a intenção de se disfarçar e não ser pega pela polícia e deixou de visitar amigos e parentes por medo de que seus desafetos os atacassem. Todos esses fatores intensificavam seu desassossego.

> *Sua mente, você não tem mente nem pra dormir. Você não conseguia nem dormir. Quando você dormia, quando eu dormia, dormia duas noites seguidas. Dormia duas noites seguidas, ficava três... Às vezes eu ficava quieta, mas era muito difícil.*

Apesar de tudo, o lucro obtido compensava o esforço – pelo menos durante o tempo em que Alexia atuou no tráfico de drogas. Mesmo com as despesas com a cocaína e alguns eventuais prejuízos, ela contou que chegou a possuir uma casa, cinco motocicletas e três carros. Além disso, ela participava de muitas festas e aproveitava para viajar e conhecer vários lugares. Para ela, o tráfico proporcionava o que era necessário para sair da favela e conhecer o mundo além daqueles muros: visitar museus, teatros, fazer trilhas e caminhar pela natureza. Alexia demonstrou incômodo ao relatar que as pessoas não acreditavam quando "*uma mulher que nem eu*" contava que gosta desse tipo de atividade e criticou seus colegas por não se esforçarem para conhecer o mundo além de suas comunidades.

> *Ela tava conversando lá, eu fui e falei assim "ô gente, vocês que não sabem o mundo tão grande que tem lá fora. Vocês aprecem que vocês emperraram aqui dentro dessa favela, vocês não saem pra canto nenhum".*

Sua atuação no tráfico de drogas também oferecia vantagens para além daquelas que o dinheiro podia comprar, como poder, fama e respeito.

Porém, tudo mudou quando seu marido foi preso. Os policiais foram até a casa de Alexia alegando que ela iria até a delegacia apenas para prestar depoimento. Após verificarem sua ficha e descobrirem que ela já possuía outras duas passagens por tráfico de drogas, "*aí não teve jeito, né? Tive que cumprir*". Alexia recebeu uma condenação de cerca de doze anos de prisão e cumpriu a maior parte da pena no Complexo Penitenciário Estevão Pinto (PIEP). Durante muito tempo, culpou o marido pela prisão.

> *[...] muito tempo eu passei na cadeia achando que a culpa era dele. Não! Eu achava assim, eu pensava assim "ai, a culpa dele de eu estar presa é dele". Não, a culpa não foi dele, não. Eu tinha participação, sim. E o que é mais difícil de encontrar é a pessoa... assumir que ela é culpada, que ela é que procurou tudo isso [...]. Ele não me obrigou a incluir ele, ele... ele não me obrigou a fazer nada. Eu sabia de tudo, até mais do que ele.*

Apesar de relatar diversas vezes que tinha dificuldade em conviver "*com aquele tanto de mulher*", e que "*muita mulher junta é muito chato*", Alexia tinha, em geral, um bom comportamento na prisão. Ela disse que não podia ser "boazinha demais" para que as outras detentas não se aproveitassem dela.

> *Então você tem que mostrar também que você tem é... que você domina também. Se não elas até te bate lá dentro [...]. Então, assim, a gente tinha que impor nosso território, né?*

Haviam discussões e alguns gritos, mas essas eram coisas consideradas normais e parte da rotina de todas. Em função de sua conduta, Alexia teve alguns benefícios, como ficar no pavilhão onde havia um número menor de presas por cela e escolher os melhores trabalhos dentre os disponíveis – que eram, em geral, repetitivos ou exigiam muito esforço físico. Lá dentro, ela conseguiu tirar o diploma do Ensino Médio, trabalhou fazendo faxina, jardinagem, bijuterias, brinquedos, confecção de materiais gráficos, entre outros. Todos os meses, ela recebia as metas que precisavam ser batidas.

> *[...] tinha uma meta pra bater porque se não dava problema, burocracia deles lá. Fim de ano, então, nossa senhora! Pegava maior rabo de foguete.*

Sempre que tinha oportunidade, ela lia cartilhas e materiais para se conscientizar dos seus direitos e opções. A partir dessas leituras, passou a considerar o trabalho essencial para sua rotina na prisão. De acordo com ela, algumas presas não gostavam de trabalhar na cadeia porque o salário era ruim e demorava a cair na conta – elas demoravam

cerca de cinco meses para receber. Ela contra-argumentava, dizendo que não trabalhava pelo dinheiro, "*até porque o que eu ia fazer com o dinheiro lá dentro?*", mas pela remissão da pena.

> *Eu acho muito importante o trabalho, né? Dentro de cadeia pra redimir a pena, né? É difícil, não é fácil, não, mas compensa. Eu achava que não compensava, mas depois, quando bateu as minhas remissões que eu fui, que eu senti, que eu vi que aquele esforço que eu tava fazendo não era em vão.*

A rotina na cadeia era bem definida e com várias regras. Durante o dia, ela precisava passar pela revista vexatória mais de cinco vezes, o que era cansativo.

> *Era muito ruim mesmo. Já pensou depois de você fazer movimento com o braço o dia inteiro você ter que tirar a roupa, ficar toda pelada, passar naquele procedimento, pra subir pra cela, pra tomar um... pra esperar ainda, porque tinha que esperar. Porque você não vai chegando e tomando banho, não.*

A hora do banho era particularmente caótica. Alexia contou que as mulheres que não trabalhavam optavam por tomar banho no mesmo horário em que as que trabalhavam estavam saindo do serviço, causando tumulto e disputa pelos chuveiros. Ela já teve que esperar mais de duas horas para conseguir se lavar. Fora isso, ela reclamou que algumas detentas tentavam "espionar" as outras durante o banho[27]. Para tentar evitar isso, ela tinha a ajuda das colegas mais próximas.

> *[...] a gente tinha que vigiar porque tinha umas que... ficava olhando, aí, tipo assim, eu tomava, ela tomava o banho primeiro, eu ficava na porta. Quando não tinha porta, a gente tinha que colocar um pano, aí eu ficava na porta, aí eu entrava e ela ficava do lado de fora pra ninguém ficar olhando a gente pelada porque elas... costumam fazer esses tipos de coisas.*

As amizades firmadas dentro da cadeia não eram importantes apenas na hora do banho. Alexia conheceu várias colegas, com quem ainda mantém contato. Em um lugar tão plural quanto a prisão, é comum que pessoas tenham manias e hábitos diversos: algumas são mais organizadas, outras mais bagunceiras; algumas gostam de festa, de conversar, de contar piadas e rir alto, outras gostam do silêncio, da quietude, de tirar um cochilo nos tempos livres. Esses são só alguns fatores de convivência que Alexia citou – e imagina-se que existam muitos outros. Dividir a cela com uma pessoa que tem hábitos

[27] Alexia contou que muitas das presas tinham uma curiosidade sexual pelo corpo das outras e que era comum que mulheres que nunca tivessem tido relacionamentos homossexuais começassem a namorar e se relacionar sexualmente com outras mulheres dentro da cadeia. Ela compartilhou o caso específico de uma mulher que era casada com um homem fora da cadeia, se divorciou dele para casar com uma mulher enquanto estava presa e, após ser libertada, se divorciou da parceira e voltou a casar com o ex-marido.

incompatíveis com os seus pode ser detestável, mas, ao mesmo tempo, dividi-la com alguém que compartilhava os mesmos valores e hábitos facilitava (e muito) a vida na cadeia: o dia a dia ficava mais agradável com uma boa companhia, alguém para dividir as dores, os pesares, a rotina e as piadas. Foi assim que uma de suas companheiras de cela acabou se tornando sua melhor amiga no cárcere.

> *Tudo a gente fazia juntas. A única hora que ela ficava sozinha era na hora que eu ia pra escola. Ela não quis estudar. Mas trabalhar era junto, nós almoçávamos juntas, nós jantávamos juntas, ela me esperava chegar da escola pra ir jantar. Eles achavam que a gente era casal. A gente não ligava pra o que os outros falavam, não. A gente nunca teve nada, não.*

Nos finais de semana, seus parentes e amigos se revezavam para ir vê-la. Mesmo assim, ela já chegou a ficar mais de um mês sem receber nenhuma visita. Nesses dias, ela e sua amiga aproveitavam para dormir e descansar dos trabalhos exaustivos.

> *Às vezes eu ficava um mês sem visita, aí tinha mês que eu tinha visita toda semana. Mas é... eu também entendia, eles trabalham, dinheiro, não é barato ir na cadeia. Tem tudo isso, entendeu? Então quando eles falavam assim "não posso ir" eu já não... já falava assim "só nos dias dos pertences, coloca essas coisinhas pra mim".*

Quanto aos pertences, Alexia tinha direito a realizar ligações semanais para se comunicar com sua família. Nessas ligações, ela pedia itens de higiene básica para ela e para a amiga, que era natural de outro país e, por isso, não possuía nenhum tipo de apoio fora da cadeia.

> *[...] eu pedia coisas assim... que davam certo. Aí a [AMIGA], eu pedia pra mim e pra [AMIGA]. Porque a [AMIGA] dava o dinheiro, eles compravam e levavam pra ela.*

Ela também pedia pratos específicos quando estava com vontade de comer algo diferente, mas sempre se preocupava em pedir coisas que fossem fáceis de preparar porque não queria dar trabalho aos familiares. Ela contou que eles passavam muito tempo esperando na fila – e, algumas vezes, nem conseguiam entrar – e, por isso, podia acontecer de ela já ter almoçado quando eles chegassem. Como não era permitido levar os alimentos para a cela, ela também não os pedia em muita quantidade. Ademais, as visitas não eram momentos agradáveis para Alexia.

> *Fora assim, que... era ruim, sabe? Nossa, quando meu irmão ia, meu irmão ficava chorando o tempo todo, meu primo também ficava chorando o tempo todo. [...] Tadinho, eu morria de dó dele, ele já entrava com a sacolinha [faz cara de choro], [rindo].[...] e ficava assim, acabava que a gente nem falava muito, não. Eu ficava lá sentada vendo eles chorando, eles choram pra*

> *caramba. [...] Toda vez que eles entravam eles entravam chorando e saiam chorando.*

No entanto, Alexia continuava sendo ela mesma, e seu temperamento também se manifestava naquele ambiente. Uma vez, no trabalho, ela discutiu com um grupo de mulheres que "faziam corpo mole" com a intenção de transferir o trabalho pesado para as outras detentas.

> *Chegava caminhão pra descarregar, você pensa bem, era pra pegar de duas. Elas sentavam e ficavam esperando as trouxas pegarem. Aí eu, beleza, "ué, mas isso tá errado!". Você carregar 50 quilos sozinha? [...] O caminhão chegou e eu sentei. E elas lá. "Uai, você não vai, não?", "eu não! Pra quê? Uai, se você [FULANA] não falou outro dia que você não precisava desse emprego aqui, que era pra deixar as novatas carregarem. Eu já tenho 3 anos aqui dentro, nunca deixei de fazer, de cumprir com nada aqui dentro, então vou fazer igual a você, vou ficar sentada [...]. Igual ela falou, tem as trouxas pra carregar. Então que as trouxas carreguem".*

Mesmo assim, podemos dizer que seu ato de rebeldia foi tranquilo se comparado às explosões anteriores. Durante sua prisão, Alexia se envolveu em brigas físicas apenas uma vez:

> *[...] eu fazia faxina pra ganhar um maço de cigarro. Aí ela roubava meu cigarro pra pagar a faxina dela. Fora que ela juntava mais de cinquenta calcinha, fedia. E a cela é pequena. Aí um dia eu cheguei, conversei com ela, falei "nossa, [FULANA] isso é anti-higiênico, tá fedendo, você não sabe que a buceta fede naturalmente, não? Sua mãe não te ensinou isso, não?". [...] Aí um dia eu fui lá, nós duas começamos a discutir, aí ela foi... Foi lá na agente falar assim que eu tava ameaçando ela. Ah, mas eu fui lá na frente da agente e lá mesmo eu dei um coro nela. [...] Aí eu achei que eu ia ficar de castigo, mas [rindo], mas eles viram que era ela que tava errada [rindo]. [...] foi lá na cela lá e viram, né? Aquele tanto de calcinha suja. Aí, tinha vinte calcinha, não tem condições da pessoa juntar vinte calcinha, não. Não, não existe isso pra mim, não. [...] E ela não tomava banho, então era mais um agravante.*

Sua maior dificuldade foi lidar com a saudade que sentia dos filhos, que passaram a morar com os avós paternos após a prisão dos pais. Alexia disse que chorou várias vezes por não poder mais conviver diariamente com eles. Quando progrediu para o regime semiaberto, se esforçava para vê-los todos os dias, mas não podia ficar muito tempo, pois tinha um horário para voltar para a PIEP. Aos poucos, ela percebeu que esse curto tempo em que podia ficar com os filhos só evidenciava o quanto estava ausente. Todos os dias, as despedidas eram regadas a lagrimas e a saudade apertava ainda mais. Para Alexia, essa situação foi ficando cada vez mais insustentável, até o dia em que ela não aguentou mais e fugiu para o Rio de Janeiro.

> *Aí eu fui, sentei num lugar e fiquei pensando. Minha vida tá um inferno, porque eu saía e voltava, ia trabalhar [...] eu saia correndo, era uma maratona, pra*

> *ficar com eles uma hora, aí pra voltar pra cadeia. Às vezes eu chegava atrasada, tomava... canetada, nossa, era um inferno. Aí um dia eu fui e falei assim "você quer saber? O único jeito que eu tenho é pegar meus meninos e ir embora". Peguei os meninos, coloquei os meninos no carro e fomos. Nós saímos era... 10 horas da noite daqui de BH, chegamos lá 4 e pouca da manhã.*

Seus filhos não fizeram objeção à mudança abrupta e a única reclamação por parte deles foi em relação a não poderem parar na estrada para lanchar. Chegando lá, ela contou com a ajuda de uma prima, que a recebeu em sua casa. Ambas conversaram abertamente e Alexia contou que estava foragida da polícia. Sua prima a instruiu a alugar um barracão e a começar a trabalhar – tarefas que ela cumpriu em menos de quinze dias.

> *Eu, como eu sou uma pessoa comunicativa, na onde eu aluguei o pessoal já me deu a dica, "ó, descer pra praia seis horas da manhã, te contrata". Bora. Seis horas da manhã eu tava na praia, todo dia.*

O calor atrapalhava bastante: Alexia tem alergia ao próprio suor e precisava tomar várias duchas ao dia para dar conta do serviço. Mesmo assim, durante a alta temporada, chegou a trabalhar simultaneamente em três barraquinhas na orla da praia. Ela continuou trabalhando nesse ritmo durante quatro anos, até o dia em que precisou de uma consulta médica e não conseguiu marcá-la no Rio de Janeiro.

> *[...] lá no Rio não tem médico. Aí eu paguei o... uma consulta lá naquele hospital Vila da Serra, lá perto do Shopping Cidade, aí quando eu cheguei lá fora a polícia tava lá. Acho que eles puxaram pelo nome.*

Presa novamente, Alexia voltou para a PIEP para aguardar a audiência de justificativa, na qual ela deveria explicar o porquê de ter fugido da prisão. Ficou apreensiva, mas foi sincera frente aos questionamentos do juiz e da promotora.

> *Ele me fez uma pergunta, ele me perguntou assim "Alexia", ele e a promotora, porque tem a promotora e o juiz, "[...] se fosse pra você fazer tudo novamente, pelos seus filhos, você faria?". Eu falei assim "sim. Pelos meus filhos, sim", ele falou assim "você tem certeza?", falei assim "pelos meus filhos, sim. Não por outras coisas, mas pelos meus filhos, sim".*

Ela precisou esperar dois dias pela resposta do juiz. As colegas de cadeia, que também participaram da audiência de justificativa, diziam que ela pegaria, no mínimo, mais três anos de prisão, pois ela havia ficado foragida por mais tempo que as outras. No entanto, o resultado foi muito melhor do que o previsto: recebeu a pena mínima – quatro meses de serviço externo –, que foi cumprida na Casa de Direitos Humanos, onde ela desempenhou tarefas administrativas.

> *Ah, às vezes minha tarefa era ir na cadeia levar um papel, aí tinha que mapear as cidades, ver aonde que tinha, que tava precisando de ajuda. Muitas coisas relacionadas ao sistema prisional.*

Uma vez livre, ela optou por manter as amizades que tinha com as pessoas que ainda estavam envolvidas com o tráfico.

> *Mas a gente também não pode deixar de falar com as pessoas, num... querendo ou não a gente ainda acaba criando vínculo com alguns. Não é porque eles estão fazendo coisas erradas que... cada um faz o que quer da vida, né?*

Por meio desses contatos, ela se mantém atualizada a respeito dos negócios. Mas, mesmo assim, decidiu abandonar o tráfico e o uso de drogas. Segundo ela, se a atividade não compensava antes, em função do estresse e da tensão constante, hoje compensa menos ainda.

> *Antigamente o tráfico era mais organizado. Agora acabou. Agora é uma bagunça danada. Eu moro perto de uma biqueira e o que aquele povo não perde de droga é até brincadeira.*

> *Quando eu vendia, lá atrás, era três, era cinco por duas. Tinha que vender cinco pra mim pegar duas. Assim que era o pagamento. Agora você tem que vender cinco pra ganhar uma. Você vê, o risco já é maior, né?*

Hoje, atuar no tráfico de drogas exige a contratação de mais pessoas – como olheiros, que não eram necessários quando Alexia traficava. Além disso, o número de traficantes aumentou, ampliando a concorrência, e os territórios, antes delimitados e respeitados, ficaram cada vez mais indefinidos, aumentando a tensão e a violência entre os rivais. Todos esses fatores contribuem consideravelmente para a diminuição dos lucros e o aumento dos riscos, inviabilizando a atividade aos olhos de Alexia.

Essa decisão custou seu casamento, uma vez que seu ex-marido não abandonou a atividade.

> *[...] eu falei pra ele que eu não ia mexer mais com isso e tal. Aí ele também falou que não iria mexer, né? Só que ele começou a mexer, começou a se envolver... Aí eu falei pra ele. [...] Aí eu já tava trabalhando, aluguei um barracão pra mim e fui embora. Larguei ele. E ele tá até hoje.*

Alexia reconheceu que, com o conhecimento e a visão de mundo que possui hoje, não tomaria as mesmas decisões que tomou no passado. Porém, mesmo frente a todas as dificuldades que enfrentou – como o estresse da atividade no tráfico, a saudade dos filhos durante o período que estava presa e o fim de seu casamento –, ela não lamentou suas

escolhas, nem as consequências que se deram a partir delas. Ela chegou a dizer, mais de uma vez, que ter sido presa foi uma das coisas boas que aconteceram em sua vida.

> *Eu, eu acho, pra mim, a melhor coisa que aconteceu é eu ter sido presa. Se eu não tivesse sido presa eu ia ser morta.*

> *Às vezes a gente não entende, mas eu acho que isso foi necessário acontecer. Às vezes tem, às vezes a gente passa por coisa ruim e dessa coisa ruim você tem que tirar algo de bom. Algo de bom, porque... do jeito que eu tava, ou eu morria ou ia ser presa. Então, eu acho que presa seria melhor, sair com vida, né?*

Curiosa, questionei Alexia acerca de sua visão sobre o tráfico de drogas atualmente. Se é realmente tão arriscado e tão pouco lucrativo, por que vemos cada vez mais pessoas envolvidas com essa atividade? Ela afirmou que a maioria das pessoas que atuam no tráfico de drogas também são usuárias e que o vício em drogas "é caso de doença". Para sustentar o vício, as pessoas concordam em trabalhar para o tráfico.

> *[...] eles acabam vendendo droga pra... pra sustentar o vício. Eles ficam trocando, vendendo pra usar. Não tem lucro nenhum. Eu acho que isso virou foi é... doença. Isso é caso de doença, é... ou então eles liberam a droga que ninguém vai querer mais. Eu, na minha opinião, é essa.*

Ela contou que assistiu uma série de documentários sobre países que legalizaram o uso de drogas e, em alguns casos, forneciam uma quantidade para que os viciados pudessem suprir suas necessidades. Alexia afirmou que essas medidas diminuíram a criminalidade – "*não tem crime, não tem assalto, nem nada*" – e que esse tipo de medida nunca será aplicada no Brasil porque "*o que era pra estar protegendo a sociedade é os que são os traficantes*".

Depois de sair da cadeia, Alexia se dedicou a ajudar as pessoas. Ela disse que frequentemente encontra uma ou outra colega de cárcere na rua, usado drogas ou pedindo dinheiro. Não as ajuda com dinheiro pois sabe que elas gastam cerca de 300 reais por dia para sustentar o vício – muito mais do que ela ganha com seu próprio trabalho. Mas, quando percebe que elas estão fracas ou muito sujas, ela as convida para ir até a sua casa tomar banho e comer alguma coisa.

> *Não dou todo dia, sabe por quê? Porque senão todo dia elas querem. Elas têm dinheiro pra droga, mas pra comida elas não têm. Você tem que aprender a lidar com esse tipo de coisa também. Não dou elas cigarro, cigarro elas nem me pedem. [...] Aí, quando eu vejo que elas estão com a cara bem fraquinha, aí eu vou e dou um prato de comida, deixo tomar um banho...*

Toda semana, ela leva o filho mais novo para fazer trabalhos voluntários na comunidade onde mora. Com orgulho, ela contou que ele gosta muito de participar: mesmo nos dias em que ela está desanimada, ele insiste e a convence a ir. Já foi criticada pelos vizinhos, que dizem que ela está fazendo o papel de "empregada de favelado". Contando isso, ela se revolta.

> *O negócio aqui não é que você tá trabalhando de graça, não. Enfia na sua cabeça. Você está apenas doando o seu tempo que você ia estar fazendo merda, que eu sei muito bem, pra dar alegria pra alguém que tá precisando.*

Nos fins de semana, gosta de manter os mesmos hábitos que tinha antes de ser presa: passear no shopping com os filhos, assistir peças de teatro e exposições no Palácio das Artes e andar de bicicleta na orla da Lagoa da Pampulha com o seu atual namorado. Alexia o descreveu como uma pessoa com a personalidade muito difícil, mas, ao mesmo tempo, muito tranquila. Por mais que ele se comporte de maneira muito discrepante se comparado ao seu ex-marido – mais quieto, menos mulherengo –, ela não deixa de alertá-lo sobre suas condições para que o relacionamento continue.

> *Ó, eu falo [...] "Se eu descobrir, não tem volta. Eu já passei por essa situação de traição e eu não vou repetir a história". Mas ele não é mulherengo, não. Ele tem esse... esse lado dele, ele é muito família. Homem bom é esses assim, familiar, que gosta muito de ficar dentro de casa.*

Outro aspecto interessante do relacionamento é que, de acordo com ela, seu namorado a teme. O mesmo acontece com o atual namorado de sua amiga.

> *E ele sabe que eu fui presa, ele morre de medo, ô homem bundão [rindo]. Ele fica assim, "ah, não, você, você já passou por aquilo lá, né? Você sabe de muita coisa...". [...] ele morre de medo mesmo. Por isso que o marido da [AMIGA] apanha tanto, tem medo porque ela é ex-presidiária. É. E homem tem medo disso, sabia? Homem certo, mais certinho... tem medo, sabe? "Ah, ela já foi presa".*

Atualmente, Alexia trabalha como empregada doméstica em uma casa de família, mas está pensando em pedir demissão. O trabalho em si não é ruim, mas o salário não é dos melhores.

> *Eu gosto de lá. Eles me deixam de lado, não me enchem o saco pra nada. Mas é... o problema é o dinheiro, a gente precisa de dinheiro pra... pra gente crescer, né? Sem dinheiro a gente não faz nada.*

Seus planos profissionais para o futuro incluem fazer um curso de cuidadora de idosos. No nosso último encontro, ela já havia pesquisado a instituição que o oferece e planejava utilizar o décimo terceiro para pagá-lo.

> *O curso é rápido, é um mês, já dá encaminhamento. Aí eu vou começar. Eu vou mudar. Porque ganha melhor, bem... apesar de que tem que dormir, coisa que eu não sou muito chegada, mas... a gente tem que adaptar as coisas da vida.*

5.2 JOANA

A aparência física de Joana pode ser descrita como "andrógena". Entretanto, quando penso em uma pessoa andrógena, penso em alguém como a Ellen DeGeneres[28]: alguém que fica no "meio termo", que não é tão pronunciadamente feminina ou masculina. Joana está longe de estar no meio termo. Na verdade, ela está nos extremos: consigo imaginá-la como um moleque da quebrada, com a sobrancelha raspada, tocando funk em uma caixinha de som *bluetooth*, e também como uma mãe de família do interior, pouco vaidosa, que cuida dos filhos e cozinha o almoço em um fogão a lenha. Ela transita facilmente entre esses dois extremos sem precisar trocar de roupas ou acrescentar acessórios, sustentando sua imagem apenas pela forma como se apresenta [Trecho do Diário de Campo do dia 25/11/2019].

Em diversos momentos, Joana disse que sua "lábia" é uma de suas maiores qualidades. De fato, ela se mostrou muito boa em construir vínculos e frequentemente citava características que tínhamos em comum, como o signo (libra) e o fato dela ter cursado o primeiro período do curso no qual me formei (administração). Apesar disso, sua habilidade com as palavras recua para o segundo plano quando ela discorre sobre si mesma e sobre sua história. Várias pausas, inconsistências e inseguranças marcam sua fala. Por diversas vezes, Joana se interrompia, mudava o rumo da narrativa, pensava duas vezes antes de dizer algo ou tentava me passar a condução do relato com um simples "é isso, pode perguntar". Em alguns momentos, esse embaraço ocorreu porque ela não se sentiu confortável o suficiente para me contar alguns aspectos de sua história – talvez por medo da minha reação ou do meu julgamento. [Elaborado a partir de trechos do Diário de Campo dos dias 25/11/2019 e 04/12/2019]. Sei disso porque ela deu início ao nosso terceiro dia de conversa dizendo:

[28] Comediante estadunidense que apresenta o programa "The Ellen DeGeneres Show", televisionado pelas emissoras associadas da NBC. Ellen é branca, tem o cabelo curto "estilo Joãozinho" e os olhos azuis. Sempre usa terninhos com o corte reto e que contrastam com seus traços femininos, garantindo a ela uma aparência andrógena.

> *Eu vou te contar a verdade. Eu te contei que eu fui presa uma vez só. Na verdade não foi só uma vez, foram duas vezes. Eu pensei muito, minha consciência pesou, falei "vou ter que falar isso pra ela".*

Porém, em outras situações, era notável a confusão em suas lembranças. Mesmo estando disposta a me contar algo, ela não era capaz de lembrar alguns detalhes, e, mesmo depois de já ter narrado algum evento, ela não conseguia me dizer quando ele acontecera – durante sua adolescência? Antes da primeira prisão? Depois que entrou na faculdade? Ela tentava se lembrar, mas não conseguia [Elaborado a partir de trechos do Diário de Campo dos dias 25/11/2019 e 04/12/2019].

Ao fim de nosso último encontro, expliquei a ela (novamente) que toda a entrevista é apresentada de forma anônima, mas que tanto eu, quanto minhas orientadoras achávamos inapropriado apresentar a trajetória de vida de um sujeito e, ao mesmo tempo, referir-se a ele de forma tão impessoal como uma letra ("entrevistada X") ou um número ("entrevistada 1"). Nesse momento, Joana me interrompeu com o seguinte comentário:

> *Principalmente número, número não. Porque, pro estado, era o que eu era. Um número.*

Esse é o trecho mais simbólico de todo o seu relato. A facilidade que Joana tinha em aprender matemática e lidar com os números foi uma das principais características que a levaram ao tráfico. E foi devido a esse caminho que ela passou a ser considerada um número: despersonificada, manipulável, destituída de subjetividade. Apenas mais um. [Trecho do Diário de Campo do dia 19/12/2019].

Quanto à escolha do nome ficcional, ela considerou utilizar o pseudônimo de "lutadora", mas logo em seguida se lembrou de uma de suas lutadoras preferidas.

> *Joana d'Arc, ela é demais! Ela entrou pra guerra, assim, sem ninguém saber que ela era mulher. Eu acho que a história dela foi o seguinte, ela foi só vingar a morte do pai, mas na verdade ela era uma grande guerreira.*[29]

[29] Não há consenso sobre o fato de Joana d'Arc ter sido ou não uma guerreira: alguns historiadores garantem que ela lutou lado a lado com os homens na Guerra dos Cem Anos, outros afirmam que ela apenas acompanhou o exército, bradando palavras de incentivo aos que estavam na linha de frente. Mas, para além disso, ela foi um importante membro dos conselhos de batalha, pois todos acreditavam que ela recebia mensagens divinas que guiariam o povo francês à vitória – o que de fato aconteceu. Ao fim de sua vida, foi capturada, vendida aos ingleses, mantida como prisioneira e, por fim, queimada viva em uma fogueira. No entanto, a colocação de Joana é controversa: Quando o rei Carlos VII permitiu que Joana d'Arc se juntasse às tropas francesas, ele sabia que ela era mulher. Ademais, em maio de 1431, quando Joana foi queimada na fogueira, seu pai ainda era vivo. Historiadores estimam que sua morte se deu por volta de 1440, quase dez anos após o assassinato da filha (CRISPINIANO, 2014).

Não obstante, ao longo desse capítulo, será possível traçar diversos paralelos entre a figura histórica de Joana d'Arc e o relato de Joana. Começaremos essa trajetória com a carta que Joana escreveu para se apresentar aos leitores desta dissertação.

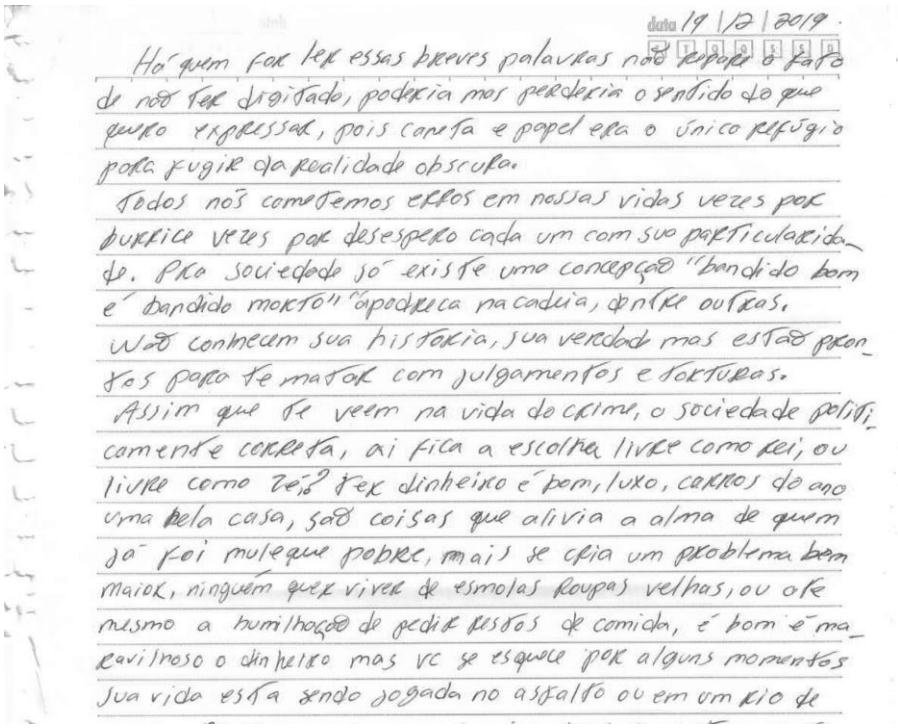
5.2.1 Joana por Joana

Como dito acima, Joana optou por se apresentar por meio de uma carta, que me foi entregue em nosso último encontro. Quanto ao conteúdo desta, cabe ressaltar dois pontos. O primeiro deles está logo no início, quando ela diz:

> *Há quem for ler essas breves palavras, não repare o fato de não ter digitado, poderia mas perderia o sentido do que quero expressar, pois caneta e papel era o único refúgio para fugir da realidade obscura.*

Nesse espaço de apresentação, decidi não fazer algo que Joana optou deliberadamente por não fazer também. Por esse motivo, a carta é apresentada em forma de imagem digitalizada. Tomei o cuidado de não alterar nenhum detalhe (nem as bordinhas do papel), retirando apenas um pedaço da segunda página, que estava completamente em branco. Para aqueles que preferirem, a versão digitada na carta está disposta no Apêndice A desta dissertação.

FIGURA 02 – Carta escrita por Joana – Página 1


data 19/12/2019

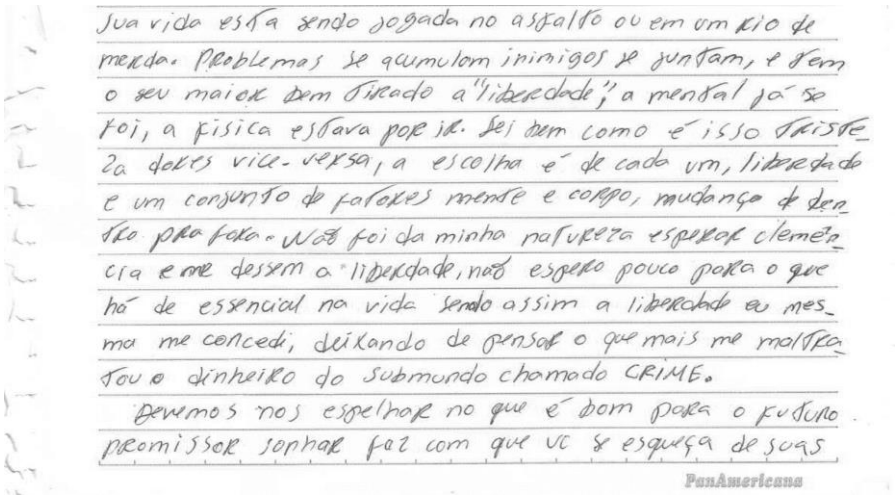
Há quem for ler essas breves palavras não repare o fato de não ter digitado, poderia mas perderia o sentido do que quero expressar, pois caneta e papel era o único refúgio para fugir da realidade obscura.

Todos nós cometemos erros em nossas vidas vezes por burrice vezes por desespero cada um com sua particularidade. Pra sociedade só existe uma concepção "bandido bom é bandido morto" "apodreca na cadeia, dentre outras. Não conhecem sua história, sua verdade mas estão prontos para te matar com julgamentos e torturas.

Assim que te veem na vida do crime, o sociedade policiamente correta, aí fica a escolha livre como rei, ou livre como zé? Ter dinheiro é bom, luxo, carros do ano uma bela casa, são coisas que alivia a alma de quem já foi muleque pobre, mais se cria um problema bem maior, ninguém quer viver de esmolas roupas velhas, ou ate mesmo a humilhação de pedir restos de comida, é bom e maravilhoso o dinheiro mas vc se esquece por alguns momentos sua vida está sendo jogada no asfalto ou em um rio de

Fonte: Elaborado pela entrevistada (2019).

FIGURA 02 – Carta escrita por Joana – Página 1 (cont.)



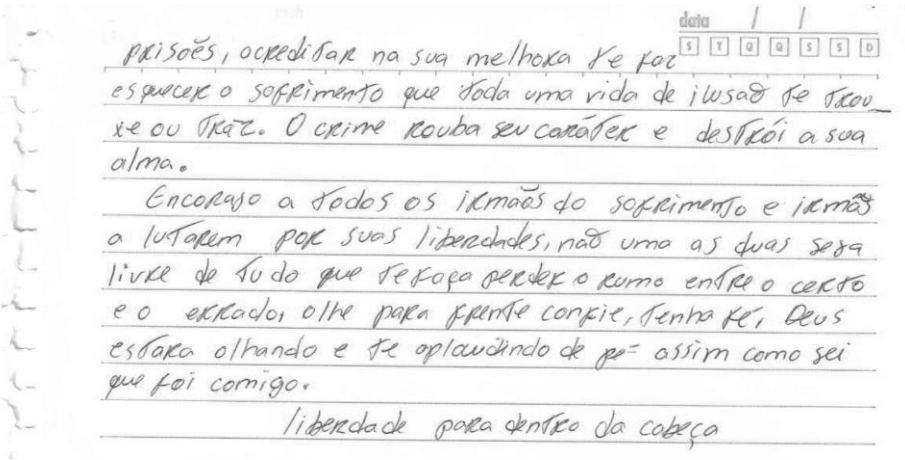
Sua vida está sendo jogada no asfalto ou em um rio de merda. Problemas se acumulam inimigos se juntam, e tem o seu maior bem tirado a "liberdade", a mental já se foi, a física estava por ir. Sei bem como é isso existe 2a dores vice-versa, a escolha é de cada um, liberdade é um conjunto de fatores mente e corpo, mudança de dentro para fora. Não foi da minha natureza esperar clemência e me dessem a "liberdade, não esperei pouco para o que há de essencial na vida sendo assim a liberdade eu mesma me concedi, deixando de pensar o que mais me maltrata tou o dinheiro do submundo chamado CRIME.

Devemos nos espelhar no que é bom para o futuro promissor sonhar faz com que vc se esqueça de suas

PanAmericana

Fonte: Elaborado pela entrevistada (2019).

FIGURA 03 – Carta escrita por Joana – Página 2



data / /
S T Q Q S S D

prisões, acredidar na sua melhora se for esquecer o sofrimento que toda uma vida de ilusão se trou xe ou trar. O crime rouba seu caráter e destrói a sua alma.

Encorajo a todos os irmãos do sofrimento e irmãs a lutarem por suas liberdades, não uma as duas seja livre de tudo que te faça perder o rumo entre o certo e o errado, olhe para frente confie, tenha fé, Deus estará olhando e te aplaudindo de pé assim como sei que foi comigo.

liberdade para dentro da cabeça

Fonte: Elaborado pela entrevistada (2019).

O segundo ponto para o qual gostaria de chamar atenção diz respeito ao último parágrafo da carta, no qual ela diz:

> *Encorajo a todos os irmãos do sofrimento e irmãs a lutarem por suas liberdades [...] Deus estará olhando e te aplaudindo de pé assim como sei que foi comigo.*

Esse trecho pode ser relacionado à motivação e ao significado da alcunha escolhida por ela: Joana, além de ser o nome da mulher que ficou conhecida por lutar ao lado exército francês durante a Guerra dos Cem Anos, significa "agraciada por Deus", "Deus cheio de graça" e "Deus perdoa".

5.2.2 A história de Joana: “eu não tinha sossego pra dormir, não tinha sossego pra nada”

Ela me falou
Dos seus dias de glória
E do que não está escrito
Lá nos livros de história

Que ficava excitada
Quando pegava na lança
E do beijo que deu
Na rainha da França

[...]

Ela me falou
Que andava ouvindo vozes
Que pra conseguir dormir
Sempre tomava algumas doses

Uma rede internacional
Iludiu aquela menina
Prometendo a todo custo
Transformá-la em heroína

Camisa de Vênus, “Eu não matei Joana D’Arc”

Joana teve uma infância muito difícil. Morava com sua avó, mãe e irmã mais nova em um barraco na favela, onde “*chovia mais dentro de casa do que do lado de fora*”. Foi abandonada pelo pai antes mesmo de nascer e sofria *bullying* na escola.

> *Eu sofri muito* bullying *na escola por causa da minha cor, por não ter pai. Eu não tinha, eu tenho aquele... é um bosta, né? Falo assim mesmo porque um homem, pra mim, que não assume um filho é um bosta.*

O ressentimento pelo abandono paterno nunca foi superado. Em determinado momento, ela tentou conhecê-lo, mas ele se recusou. Ela conta que essa atitude lhe causou um “complexo de rejeição”, prejudicando suas relações amorosas e fraternas no futuro. A relação com a mãe também era conturbada. Talvez por ter engravidado muito nova, sua mãe não sabia muito bem como lidar com a filha. Não havia muito afeto entre as duas e Joana tinha uma relação muito mais próxima com a avó, que trabalhava e tentava suprir as faltas materiais da família. No entanto, “eram muitas bocas” para alimentar e nem sempre seus esforços eram suficientes. Joana passou a praticar pequenos furtos para sanar a fome.

Apesar do *bullying*, Joana revela que gostava muito de estudar e ia para a escola mesmo quando não tinha os materiais básicos, como cadernos e lápis. Teve a sorte de ser

matriculada em uma das melhores escolas públicas da cidade, mas sua mãe a tirou de lá por causa da distância.[30]

> *Não culpo a minha mãe, não sei, não quero que ela seja culpada disso, não. Mas eu acho que ela poderia ter sido um pouquinho melhor, ela tirou a oportunidade de mim. Eu estudava numa das melhores escolas, na época, a melhor escola, no [COLÉGIO PÚBLICO]. Queria ter continuado estudando lá. Eu sempre gostei de estudar e ela me tirou de lá, me colocou numa escola ruim.*

Esse não foi o único fato que abalou a relação entre as duas. Quando a mãe decidiu trazer o namorado para morar com elas, a possibilidade de finalmente ter uma figura paterna presente rapidamente se transformou em um pesadelo: o padrasto escondia alimentos, piorando a situação já precária da família, além de ter abusado sexualmente dela aos treze anos.

Ao tentar buscar ajuda e refúgio na mãe, esta optou por tomar o lado do padrasto – o que também aumentou o "complexo de rejeição" de Joana e a transformou em uma "adolescente revoltada". Para se proteger, ela fez amizade com alguns membros da comunidade que "não eram tão legais assim". Não demorou muito para que ela começasse a realizar pequenos favores relacionados ao tráfico de drogas. Traficando, Joana conseguiu se proteger das tentativas de abuso do padrasto e obter dinheiro para sanar suas necessidades básicas materiais e de sua família – e ainda sobrava um pouco para se divertir. Para ela, era uma realização.

> *Então, aí eu fiz 15 anos. Chamei essas amigas minhas e tal. "Pô, nossa, o que nós vamos fazer?". Sabe aquele Parque Guanabara? [rindo] "Nós vamos lá no Parque Guanabara!" Eu paguei tudo! Eu paguei tudo, nossa, foi o dia, foi o dia mais feliz da minha vida. Quinze anos de idade [rindo]. Eu só queria zoar, mais nada [rindo] entendeu? E... foi a primeira vez assim. Porque era muito triste, sô. Dia de natal... ano novo, essas coisas [...] essas festinhas de final de ano que a gente leva bolo, leva salgado, sei lá, um refrigerante... nem isso eu tinha, entendeu?*

O pouco dinheiro que Joana ganhava executando pequenas tarefas para os traficantes de sua comunidade era o suficiente para que ela comprasse tudo o que sempre quis. Alguns dos seus desejos materiais eram bem simples e infantis, como um carrinho de controle remoto e uma camisa do Atlético, time para o qual torce. Ela também usava o dinheiro para ajudar algumas pessoas que viviam na mesma situação que ela viveu:

[30] A justificativa da mãe de Joana é de que a escola era muito distante do bairro onde elas moravam e que ela gastava muito tempo no trajeto. Joana me contou o nome da escola e o bairro onde morava. Acredito que o trajeto a pé demoraria em torno de 30 minutos, talvez menos. Ela não deixou claro se a mãe a levava e buscava, ou se ela fazia o percurso sozinha.

morando na favela, sem a presença do pai e passando fome. Mas haviam benefícios que iam além do dinheiro. Depois de apanhar na escola, ser zombada por não ter materiais e sofrer racismo – inclusive por parte de professores –, o tráfico lhe deu a oportunidade de redenção. Alguns anos depois, encontrou com uma das alunas que lhe fizeram sofrer nos tempos de escola.

> *Falei "você lembra, véi, que que você fez comigo? Você me bateu tanto, sô". Nossa, ela me bateu tanto que eu... evacuei mesmo. Mas não foi só ela, não. Aí eu coloquei meu revólver na cara dela, falei assim "tá vendo se eu quisesse te matar?" aí ela foi e fez xixi na calça [rindo].*

A morte de seu primo, que foi brutalmente assassinado, teve impactos relevantes na vida de Joana. Ela deu a entender que ele era uma presença importante em sua vida. Sua morte a marcou profundamente e ela contou que chegou a ver o corpo dele dilacerado pela quantidade de tiros. O assassinato foi motivado pelo tráfico de drogas.

> *Aí eu mudei de lá, eu morava nessa favela e, eu tomei muita raiva de lá porque eles mataram meu primo lá, uma morte muito feia, muito triste, mesmo. Nenhuma morte é bonita, mas eu acho que essa foi a morte mais triste que eu já vi, senti na família [...] Ele tinha uma guerra muito grande nesse certo lugar, muito grande mesmo. Mas era só ele. A guerra era dele contra um monte, mas ele vencia sempre. Toda vez que ele ia lá, sério, tipo assim, o cara ia lá e fazia o que queria. Só que ele tentou apaziguar e no tráfico não existe esse negócio de amigo. Eles esperaram uma oportunidade, eles vingaram as pessoas que ele matou. Infelizmente foi... a perícia contou foi 48 tiros. Mas foram mais ainda, "deve ter umas 60 balas no corpo desse menino".*

Ver seu primo morto fez com que ela "tomasse trauma" da favela. Abandonou o barraco onde morava e, junto do restante de sua família, saiu daquela comunidade.

No entanto, por mais que o assassinato do primo fosse resultado de um embate no tráfico de drogas, Joana continuou na atividade. Em seu novo bairro, foi reconhecida e voltou a fazer os mesmos "favores" que fazia quando morava na favela. Durante o exercício de sua função, Joana era observadora e tinha diversas sugestões de melhoria. Além disso, seu carisma e sua habilidade com números despertaram o interesse de seus patrões, fazendo com que ela fosse convidada para assumir um cargo de maior responsabilidade. Passou a ocupar a função que é comumente conhecida como "gerente de biqueira". Ela tinha um ponto fixo, contratava pessoas "menores" para realizar o transporte – função que outrora fora exercida por ela – e prestava contas para seus superiores.

No entanto, quando seus parceiros começaram a "cair"[31], ela soube que tinha alguma coisa errada. Mesmo assim, conseguiu fugir da polícia por muito tempo. Em um desses episódios, se sujou de barro para evitar ser reconhecida.

> *Tipo assim, tava aquele barrão e um monte de polícia atrás de mim, muita polícia mesmo, sério. Sabe o que é que eu fiz? Troquei de roupa com um menino, falei "olha, me dá sua roupa", ele "sério?", "me dá sua roupa, cara" [rindo]. Peguei minha roupa, a roupa dele toda regaçada, falei "a sacanagem que eu vou fazer com essa roupa... aqui, pode ficar pra você". Peguei a roupa dele toda suja, fedorenta pra caramba de cecê [rindo] e me sujei toda de barro. Passei perto da polícia, eles não sabiam exatamente quem era eu, não. Eles sabiam que eram uma mulher, mas não sabiam quem, exatamente.*

Ela era "difícil de pegar" porque os policiais procuravam uma mulher e, muito provavelmente, em seus imaginários, a "mulher do tráfico" tinha uma aparência bem diferente da sua. Contudo, ela sabia que um dia acabaria por ser pega. Talvez por isso, quando a polícia tocou a campainha de sua casa, Joana aceitou seu destino com serenidade – sentimento que durou até que as agressões começaram.

> *Bateram, mas não... É, apanhei bastante, pra falar a verdade. É, não foi fácil, não, viu? Nossa, senhora! [...] por fora, lógico que eu tava tentando manter a calma, a serenidade, mas por dentro... falei "nossa, meu pai, vou morrer aqui". E só pensava na morte. Eu não vi um coro, eu vi a morte. "Eu vou morrer". Nossa, eles estavam muito... bravos comigo, estavam muito bravos.*

Enquanto apanhava, Joana ainda conseguiu se livrar dos dois celulares que estavam com ela no dia da prisão. O motivo da agressão foi que os policiais queriam que Joana entregasse mais pessoas e mais detalhes do negócio, coisa que ela não fez.

> *Eu não entreguei nada, não. Eu não sou doida. A minha família... eu ia presa e a minha família toda aí na rua, e aí? E mesmo que não tivesse, quando a gente entra nisso a gente sabe onde tá entrando, sô. A pessoa sabe. "Ah, não aguento", então por que é que entra? Não entra. Se você não aguenta, não entra.*

Ela também especula que os policiais estavam descontando a raiva e a frustração que acumularam ao demorar tanto tempo para capturá-la. Pensa isso porque, além de a machucarem fisicamente, também fizeram questão de provocar-lhe outra dor:

> *Eles falaram. Eles próprios falaram. "É, você sabe a fulana?", eu "o que que tem?", "aquela pessoa que deitava na sua cama, aquela fulana?", eu "é", "foi ela que te entregou. Tô deixando bem avisado pra você, não era pra você estar aqui, não. Nós pegamos num baile funk, naquele naipe, entendeu? Foi só uns tapinhas que a gente deu".*

[31] Gíria utilizada por Joana para dizer que seus parceiros haviam sido presos.

Após descobrir que foi denunciada por sua namorada da época, Joana ficou triste e decepcionada. Mas ela não sentiu raiva – pelo contrário, até considerou colocar "panos quentes" para que a ex-namorada não sofresse represálias. Ao longo de sua trajetória no tráfico de drogas, Joana sempre contou com a possibilidade de ser presa – ou de ser morta por algum desafeto ou em função de algum mal-entendido – e, nesse contexto, ser presa era a opção mais favorável.

> *Mas acho que melhor cair do que morrer... um dos dois, ué, eu ia cair de qualquer jeito [rindo]. Ou morta ou dentro de uma cadeia. Então eu não... a opção da cadeia foi bom, Deus... Acho que foi livramento mesmo de Deus. É isso.*

Joana ficou presa durante quatro anos até conseguir a liberdade condicional. Nesse período, sentiu-se abandonada por seus companheiros do tráfico. A falta de suporte por parte deles foi um fator decisivo para que ela não voltasse para o tráfico de drogas – pelo menos, não imediatamente. Decidiu tomar outros rumos na vida e estava disposta a realizar qualquer trabalho para conseguir se sustentar. Foi assim que começou a trabalhar como servente de pedreiro na construção civil.

> *[...] eu fui trabalhar em obra, comecei de servente, todo mundo riu. Falou que eu não ia ficar [rindo], que eu não ia aguentar essa vidinha muito tempo. Aí eu fui, fiquei, essa empresa foi bem bacana comigo, o pessoal. Nessa época ainda era difícil pra quem tava de condicional conseguir emprego. É hoje ainda, mas antes era bem mais complicado. Aí esse... essa pessoa foi e resolveu me dar essa chance.*

Mais uma vez, a habilidade com os números, a facilidade em aprender coisas novas, os bons argumentos e as boas ideias de Joana foram notados. Ela recebeu duas promoções em menos de um ano: começou a trabalhar como armadora de ferragens e, pouco tempo depois, passou a gerenciar o almoxarifado.

Dentro da cadeia, Joana havia feito o ENEM e alcançado uma nota razoável. Por estar trabalhando com obras na época, prestou vestibular para Engenharia Civil, mas não obteve a pontuação necessária. Foi então que ela resolveu seguir seu sonho de cursar Administração. Em uma universidade particular, sua inscrição foi aceita e ela começou a cursar o primeiro período. Ela conta que as assistentes sociais da instituição foram muito solícitas e que ela não sofreu nenhum tipo de preconceito na sala de aula. Para aquela menina que gostava de estudar mesmo apanhando dos colegas e não tendo cadernos, foi a realização de um sonho.

> *Mas tipo assim, nossa, foi maravilhoso a primeira vez dentro, nossa, entrar assim, você olha assim e fala "nossa, que mundo maravilhoso", é um outro*

> *mundo. O mundo da educação é outro mundo, sô. A sala de aula é maravilhosa. É muito legal, eu adoro.*

No entanto, o dinheiro começou a apertar. Seu salário de almoxarife não era suficiente para pagar a mensalidade e, mesmo fazendo vários cortes e restrições em seu orçamento, Joana se viu em um beco sem saída. Precisou abandonar a faculdade.

> *[...] apertou demais pra mim, não deu. Eu fiz o que... o que você imaginar, assim. Financeiramente eu cortei muita coisa, eu tentei diminuir gastos, enfim, tudo o que deu pra fazer, sabe? Nó, foi acho que a primeira vez, pra ser sincera com você, que eu me senti frustrada. Foi não ter continuado. Nó, doeu muito pra mim. Até hoje. Lamento muito não ter continuado.*

A frustração de ter seu sonho interrompido e o baixo salário que recebia começaram a atormentá-la. Mesmo sendo promovida em um curto período de tempo, Joana ainda ganhava pouco. Ela pensou que, se continuasse ali, mesmo com todo o seu esforço e dedicação, não receberia o suficiente para cursar a faculdade e continuar progredindo na carreira. Ademais, ela sentia a necessidade de prover para seus familiares, o que consumia grande parte de sua renda.

> *Só que... na verdade é que era pouco, né? Pra mim era pouco na época, entendeu? Tinha... muita coisa, não dava, não dava, não. Muita coisa mesmo, muita gente dependia de mim. Eu ainda tinha aquela cabeça que eu tinha que cuidar da família toda, não só da família, mas de algumas pessoas.*

Mesmo depois de tantos anos, seu nome ainda corria pelas redes de contato do tráfico de drogas. Foi nesse contexto que um de seus amigos resolveu lhe apresentar um homem muito poderoso, o Patrão[32], que coordenava uma operação muito maior e mais complexa do que aquela onde Joana trabalhou antes de ser presa.

> *É, porque notícia boa, mesmo pra coisa ruim corre rápido, né? É... as pessoas, quando você é... quando a pessoa é boa em uma coisa, automaticamente ela fica conhecida, até mesmo sem querer. Então foi aí que eu conheci uma certa pessoa.*

Foi nesse contexto de dificuldade financeira e frustração que o Patrão lhe ofereceu a oportunidade de voltar para o tráfico de drogas. Joana aceitou a oferta, mas, dessa vez, a proporção do negócio aumentou. Ela passou a ser a gerente financeira do Patrão, comprando maconha e crack em grande quantidade, negociando com fornecedores, contabilizando os ganhos e perdas e auditando todas as contas dos pontos de venda

[32] Joana refere-se ao seu antigo chefe como Patrão e, uma vez que ele ocupa um papel central em sua narrativa e é frequentemente citado em seu relato, optamos por nos referirmos a ele usando esse pseudônimo. Sendo assim, no decorrer de seu relato, sempre que citarmos o Patrão (com letra maiúscula), estaremos nos referindo à mesma pessoa.

controlados por essa rede. Nessa conta, também entrava o gerenciamento dos parceiros presos. Quando uma pessoa "caia", Joana precisava saber qual era o seu nível hierárquico, quanta mercadoria fora perdida e contratar e monitorar a ação dos advogados que defenderiam seus parceiros.

> *Eu fazia o seguinte, "vamos fechar um pacote? Quanto que é pra cuidar do caso da pessoa até ela sair? Até o julgamento?" [...] Sete, oito mil, aí eu "beleza. Então nesse meio tempo, a medida que o processo for andando, você vai receber, entendeu?" Aí tá, chegava até o julgamento. Quando era no dia do julgamento, por exemplo, aí se a pessoa fosse absorvida eu não tinha que pagar o cara, ele fez o trabalho dele, beleza. Se a pessoa, ah, recebeu, vai recorrer. Aí era outro valor, de oito mil tinha que dar mais quatro mil. Aí ele, mas isso era picado, não era assim de uma vez porque tem advogado sem vergonha.*

Além de todas essas tarefas – que eram o básico do seu trabalho –, ela também acompanhava o transporte da carga quando necessário e sugeria promoções para aumentar os lucros.

> *"Vamos fazer uma promoção assim, assim e tal". Cinco pedras, dá uma. O pó, dá uma diminuída no preço, "vamo diminuir". Era assim. "Vamos mudar a cor dele?", "Vamo, que é legal, chama atenção", aí mudava [rindo]. Falava que, era até engraçado assim, mas funcionava. Funcionava.*
>
> *[...] a promoção engana bobo era essa. Era cinco pedra, por exemplo, que a pedra era o carro chefe, cinco pedras ganhava uma. Mas aquela uma era uma assim, né? [mostrando a metade da unha do dedo mindinho], [rindo]. Por exemplo, a nossa era maior do que as dos demais, era assim [mostrando uma parte do dedão]. Aí a... a promoção era [rindo], o pessoal ficava empolgado, já ficava procurando.*

A violência era frequente em sua rotina. Joana contou que tentava resolver as questões por meio do diálogo, sem brigas e sem "guerras", mas nem sempre isso era possível. Quando estava em uma dessas viagens, por exemplo, seu substituto era muito mais rígido do que ela e a equipe acabava por sofrer diversas perdas.

> *[...] tava lá no [Estado do Brasil]. Fiquei lá quase seis meses porque... fui resolver uns negócios pra ele lá e fiquei lá. Foi numa época que... ele teve que sair fora porque a polícia tava muito no pé dele. Aí eu fui, né? Mas eu vinha aqui, vinha aqui de vez em quando, olhava se tava tudo certo, nós tínhamos uma pessoa de responsa dele. Não era escolha minha, nessa parte, não. A... é... quem assumiu no meu lugar foi responsa minha, ele é esperto, ele era esperto. Ainda é esperto. Mas é... de ficar provisoriamente era escolha dele, entendeu? Mas ele também passava de vez em quando, uma passada dele... misericórdia! Podia ter certeza que ia sair, pelo menos uns três, uns quatro ia sair fora. Porque ele ia fiscalizar, onde ele via erro, "mata, some, desaparece com essa disgrama", era assim.*

Para além da violência da atividade em si, ainda haviam questões que envolviam a comunidade. Uma vez que, naquele ambiente, os traficantes representavam uma força

de controle mais forte do que a própria polícia, Joana era chamada para resolver questões que não estavam diretamente ligadas ao tráfico de drogas. Em algumas ocasiões, tinha seus dias de lazer interrompidos por essas demandas.

> *Eu lembro que eu tava fazendo uma coisa muito legal, eu tava num, num sítio, num sítio de um amigo meu que não tinha envolvimento nenhum com o crime e eu... eles foram e me ligaram "olha, fulano estuprou uma menina aqui" e eu, lá vai eu ter que voltar do meu sossego. [...] Foi, fui lá, conversei, é isso mesmo? E ele sabia que eu era uma pessoa bacana. "Não, não fiz isso, não", aí chamei a menina de 4 anos e falei "aqui ó, vou conversar com você, deixa eu te perguntar, o que que ele fez com você?", "ah, ele fez isso, isso e isso". Aí a mãe dela foi chegou e falou "ó, pra você ver que não é mentira". Mostrou a... a calcinha, a roupinha da menininha suja. [...] Aí eu fui e falei com os meninos "ó, infelizmente, eu vou... eu lavei minhas mãos, vocês podem fazer o que vocês quiserem, mas não faz aqui dentro", falou "pode?", eu falei "pode, eu tô falando com vocês que pode porque eu tô mandando hoje" [rindo]. Eu falava assim com eles, "pode, pode ir". Aí acharam ele muito tempo depois.*

As responsabilidades de Joana eram diversas e todas as suas decisões precisavam ser tomadas com um nível de precisão altíssimo, pois elas envolviam muito mais do que o lucro do negócio: como ficou explícito nos relatos acima, vidas também estavam em jogo, inclusive a sua. Além do medo de cometer erros e de ser morta, ela ainda lutava com a frustração de, em certos casos, não conseguir resolver os problemas por meio do diálogo, e a culpa pelas mortes que não pôde evitar. A tensão gerada por esses estressores apareceu em seu relato com muita frequência e, mesmo quando esse não era o ponto chave da conversa, Joana interrompia a narração de alguns eventos para abordá-la essa questão.

> *Medo de morrer, medo de... de me matar que... de tanta pressão, era muita pressão, eu tinha medo da responsabilidade que eu tinha, porque eu sabia que aquilo era muito grande. E eu sabia que ele, pelo menos... sei lá, achasse que eu tava roubando ele, ele mandava me matar. Porque era muito dinheiro! Muito dinheiro mesmo, então era uma rotina muito estressante. Muito, muito pesado*
>
> *.*
>
> *Aí, infelizmente, saia coisa que, nossa, era muito triste. E ele sabia, igual te falei, conversava muito com ele. Ele sabia que aquilo ali era torturante pra mim, sabe? Ele via a frustração na minha cara de não ter, não ter conseguido conversar. De não ter... não precisava daquilo, não precisava ver pessoas mortas, enfim. Aí era complicado, aí às vezes, às vezes, não, muitas das vezes até eu andava escoltada porque ele sabia que eu não andava com arma.*
>
> *[...] todos os dias eu sabia que eu tava... contribuindo pra alguém morrer. Ou seja morrer gradativamente ou morrer porque ela não pagou aquela mesma droga que eu ajudei a produzir, eu ensinei alguém a produzir. Então essa é uma culpa que infelizmente, eu levava na minha consciência, levo até hoje, eu sei que eu sou, que, que eu tenho a minha responsabilidade [...].*

A ansiedade e estresse gerados por esse contexto a consumiam gradualmente, até chegar a pontos insuportáveis, nos quais Joana simplesmente sumia: deixava tudo para trás, não levava o celular e não dizia a ninguém para onde estava indo. Voltava dias depois e assumia as suas funções novamente, como se nada tivesse acontecido.

> *Quando eu queria sumir, eu avisava pro chefe "ó, vou dar uma sumida de uns dois dias", "cê vai pra onde?", falei "por aí, seu eu vou sumir eu não vou falar pra onde eu vou ir" [rindo] [...] aí eu dava uma sumida de dois dias, ia pra um hotel fazenda, alguma coisa assim e ficava, só curtindo um sossego mesmo, sabe? [...] É, era assim, entendeu? E quando eu podia fugir, sumir, era do jeito que eu tô te falando. Aí deixava o celular, deixava tudo pra trás. Ninguém me encontrava, eu sumia mesmo.*

Patrão era solidário aos seu sofrimento e entendia seus sumiços.

> *[...] ele "tá bom, pode sumir, eu sei que você precisa sumir pra você voltar melhor pra nós" [...] Porque ele sabia que eu precisava daquilo, entendeu? Porque ele sabia que minha cabeça descansada era melhor pra ele. Eu dava ideias, eu sugeria promoções [rindo].*

Mesmo tendo muitas responsabilidades, Joana continuava atenta e suas ideias continuavam surgindo. Ela percebeu, por exemplo, que o consumo de cocaína estava se tornando cada vez mais popular e que essa droga, quando vendida em formato de pasta, era muito mais barata do que em pó. Interessada, ela aprendeu como realizar o processo de transformação, fez as contas de todo o material que seria necessário e percebeu que o negócio poderia lucrar ainda mais se eles acrescentassem a cocaína ao seu *mix* de produtos. Patrão não estava interessado nessa operação, mas Joana soube argumentar muito bem: a maconha é mais volumosa e tem o cheiro mais forte do que a cocaína em pasta; a cocaína é mais lucrativa, a pasta base estocada não corre o risco de mofar, como ocorre com a maconha, e os resíduos da cocaína serviriam na produção do crack. Dessa forma, o transporte seria facilitado e o lucro aumentaria consideravelmente. Ao perceber que seu chefe estava quase convencido, Joana fez a proposta final:

> *Eu falei com ele "a maconha fica com você, mas a cocaína é minha. Você concorda, você permite?", ele "sim, permito". Aí foi.*

Para fazermos um paralelo com os modelos de negócio formais, foi nesse momento em que Joana deixou de ser uma simples empregada – que eventualmente participava do conselho diretor – e passou a ser uma acionista.

Nessa época, Joana contou que ganhava muito dinheiro. A maior parte de seus gastos estavam relacionados ao sustento da família e ao suporte que oferecia à alguns amigos próximos. O que sobrava, era gasto com o que ela chamou de "ostentação".

> *Então no tráfico é assim. É ostentação mesmo. Mas a minha ostentação era comer.*

A comida foi um ponto central em sua história, talvez um reflexo da fome que sentiu na infância.

> *Mas eu gostava de comer camarão... camarão cinza, tá? Não é aquele outro camarão rosa, não... Nossa, era muito bom.*
>
> *[...] eu só queria me divertir, entendeu? Só queria comer tudo o que me desse vontade [rindo].*
>
> *Comer. Eu queria comer. Tanto que até hoje eu não parei [rindo] ainda de comer, eu como muito.*
>
> *Porque eu saí [da cadeia] e queria comer, comer, comer, comer, eu queria... sabe? E isso não foi legal.*
>
> *[...] a minha prioridade era ter uma geladeira e depois encher ela de coisa porque eu adoro comer. É sério [rindo], eu como pra caramba.*
>
> *Quem não gosta de comer bem? Você chega na minha casa agora, na geladeira, graças a Deus, tem tudo o que eu gosto de comer. E se alguém chegar lá e quiser comer, tem.*

Quando saiu da cadeia, comer foi sua prioridade. Enquanto estava no tráfico, ela gastava muito dinheiro comendo e bebendo vinho nos restaurantes caros e chiques da zona sul. Sua comida preferida era camarão, mas não aquele vermelho que costumamos ver nos supermercados e restaurantes litorâneos; Joana gostava de camarão cinza. Ainda hoje, ela se preocupa em manter a geladeira cheia.

Apesar das aventuras e dos lucros, as exigências, a responsabilidade, o risco da atividade ilícita e o medo – inerentes à atividade – a dominavam cada vez mais. Os sumiços ficavam cada vez mais constantes e ela decidiu sair do tráfico.

> *[...] eu sabia que se eu não saísse eu ia acabar me matando. Suicídio. Era muito, tava muito pesado, tava cada dia pior.*

Conversou com o seu chefe e ele, mesmo lamentando a perda da excelente funcionária, concordou. Joana sempre elogiou o tratamento humano que recebeu dos seus chefes. Ela conta que eles eram compreensivos com ela, tanto quando ela "precisava sumir", tanto na sua decisão de abandonar a atividade. Eles confiavam nela o suficiente para saber que não seriam denunciados e permitiram que ela saísse desde que treinasse alguém para ficar no seu lugar.

No entanto, durante o cumprimento de seu "aviso prévio", ela foi presa novamente. Joana contou que estava em guerra com um concorrente há muito tempo. Como ele não conseguiu tomar seu território de modo direto, a denunciou para a polícia. Mais uma vez, sua aparência serviu para dificultar sua captura, fato que lhe foi confidenciado por um dos policiais que executou sua prisão.

> *Ele falou, "sabe, deixa eu falar com você uma coisa, você foi a sombra mais sombra que nós já tivemos na nossa vida. Nós não sabíamos nem quem, como é que você era. Sabíamos que você era uma mulher, mas não imaginávamos que você era uma mulher assim [rindo]. Pelo tipo, né? Físico assim, de vestir, enfim".*

Ela também apanhou da polícia, mas não como da vez anterior. Quando ela chegou na delegacia, já haviam dois advogados à sua espera – cortesia de seus patrões. É curioso pensar que uma das funções de Joana era, justamente, contratar advogados para defender seus comparsas presos. O empenho que ela tinha em monitorar os advogados, garantindo que eles cumpririam os acordos firmados no tempo estabelecido e dispensando aqueles que faziam "corpo mole", foi diretamente revertido para ela mesma, uma vez que estava usufruindo do serviço que contratara.

O relato de Joana sobre o tempo em que esteve presa foi confuso. Sabemos que ela passou por dois complexos prisionais: a Penitenciária José Abranches Gonçalves, conhecida como "Fazendinha", e o Complexo Penitenciário Feminino Estevão Pinto (PIEP). É difícil dizer se os acontecimentos apresentados a seguir aconteceram em sua primeira ou em sua segunda prisão. Joana não conseguia se lembrar com clareza da ordem dos eventos ou de quando eles aconteceram e culpou o estresse sofrido, tanto no tráfico de drogas, quanto na cadeia, pelos danos em sua memória.

> *Eu lembro em partes. É como se fosse... muita coisa da minha memória apagou, é... Até aqui de fora mesmo, entendeu? Você lembra o que eu te falei? Minha memória já não é mais a memória que era antes.*

Apesar disso, ela conseguiu se lembrar com clareza do sentimento de ter sido presa pela primeira vez e contou que estava apreensiva e com medo por não saber como seria sua vida na cadeia. No início, não entendia muito bem como as coisas funcionavam e chegou a ficar de castigo por oito meses, em função de uma briga. Com o tempo, aprendeu a evitar esse tipo de situação e a conviver melhor.

O dia a dia nos complexos penitenciários eram bem diferentes. Na Fazendinha, ela trabalhava na horta e chegou a ficar responsável pelas ferramentas utilizadas no plantio. Lá, Joana viveu uma relação paradoxal: por mais que gostasse muito de ficar ao

ar livre e trabalhar na terra, odiava o lugar. As agentes penitenciárias eram muito rígidas, as instalações eram precárias e receber visitas era mais difícil, em função da distância. Ademais, Joana trabalhava o dia todo manipulando alimentos – colhendo frutas, pescando peixes –, mas não podia consumi-los, pois tudo o que era produzido pelas detentas era destinado à venda. A solução era simples: roubar.

> *Aí... com nós não tinha disso, não, a gente roubava mesmo. É [rindo], era. A gente tinha acesso a faca, tinha acesso a muita coisa. [...] Aí a gente gostava muito também de roubar limão pra por na comida. Couve, tomate, é... laranja, banana, maracujá, tudo isso a gente roubava. Uai, por que, não é, não? A gente trabalhava pra por o negócio todo bonitão, os jardins, é... fazer poda disso, não sei o que, pra não ter aquilo ali? Tinha que roubar. Cebolinha... quer dizer, a comida não ficava ruim, resumindo, entendeu? Dava pra comer.*

Além das frutas e verduras, Joana e suas amigas também roubavam peixes e galinhas. Mas essa era uma missão mais elaborada, pois esses itens eram mais difíceis de esconder e de preparar. Cada uma tinha sua função no ato: vigiar, matar o animal, limpá-lo (fosse depenando ou tirando as escamas), encontrar um esconderijo no meio do mato onde elas poderiam comer sem serem vistas pelas agentes e conseguir os utensílios necessários para o preparo.

Já na PIEP, a rotina era outra. Além de trabalhar, Joana teve a oportunidade de estudar e fazer diversos cursos.

> *Lá eu aprendi bastante coisa, aprendi crochê, aprendi a pintar, desenhar eu sei, gosto de desenhar, então era uma coisa, uma forma bacana de matar o tempo e dava pra ganhar uma graninha legal, principalmente com crochê. Até hoje eu faço crochê. [...] Algumas das meninas que eu conheço que regeneraram, saíram de lá com isso. Crochê, outras coisas, várias coisas [...] Tinha também o ENEM, o... preparatório pro ENEM. Eram professores voluntários, era o ano inteiro, muito legal também.*

Em seu tempo livre, ela gostava de ler e tinha acesso à biblioteca da PIEP e também a alguns livros que eram emprestados pelas colegas de cárcere. As visitas também eram mais frequentes, pois seus amigos e familiares não precisavam mais gastar dinheiro viajando para outra cidade para vê-la. De todas as que recebeu, a visita mais marcante foi a de sua avó.

> *[...] eu fiquei muito triste quando minha avó foi lá. Minha avó chegou a ir lá visitar, nunca tinha visitado um neto na cadeia. [...] É... eu não esperava, foi uma visita surpresa [...] eu tava lá no artesanato e a dona falou, falou pra mim trocar de roupa e... eu não podia ir de bermuda, tinha que ir de calça. Aí eu fui, troquei... eu falei "olha, onde que é que eu vou?" Eu não sabia na verdade, "ah, vamos ali que eu tenho uma surpresa pra você". [...] Na hora que eu cheguei lá eu vi minha avó. Nossa senhora, primeiro ela me bateu [rindo]. Aí é [rindo] ela me bateu na frente de todo mundo. Assim, mas fiquei quietinha, sabe? [...] Fiquei feliz, me senti fortalecida, mas triste ao mesmo tempo, com*

> *vergonha da minha avó estar ali, sabe? [...] E foi muito... eu senti muita vergonha. Porque por mais que eu tenha feito coisas erradas eu sempre tive um respeito imenso pela minha avó, ela me criou.*

Foram diversas as histórias que Joana contou sobre o tempo em que ficou presa e elas costumavam oscilar entre momentos de amor/alegria e ódio/tristeza. Ela afirmou que as mulheres na cadeia podiam ser muito cruéis ou muito solidárias – dependia da situação. Um dos eventos que a impactaram fortemente se deu quando ela presenciou uma das presas induzindo sua colega de cela ao suicídio. Joana foi a última pessoa com quem a colega conversou antes de efetuar o ato e ela chegou a ver o corpo desfalecido dentro da cela. Ela contou que era comum que algumas mulheres descobrissem e usassem seus pontos fracos para agredir as outras psicologicamente.

> *Então às vezes como elas falavam, lidavam com as coisas, tudo isso mexe com a cabeça da pessoa e você acaba meio que herdando aquilo ali delas. Elas conseguem trabalhar a mente de uma pessoa, elas conseguem fazer coisas ruins [...].*

Porém, em outras situações, as presas se uniam para ajudar as umas às outras. Quando um grupo de presas era transferido, por exemplo, seus pertences acabavam ficando no outro presídio e o envio podia demorar alguns dias. Nesses casos, as presas que já estavam naquela unidade prisional se uniam para "montar um kit", ou seja, arrecadar itens de higiene básica para que elas pudessem ao menos tomar um banho.

A dicotomia amor-ódio se estendeu ao seu relacionamento com as agentes penitenciárias. Joana contou que chegou a ser castigada por tomar o cassetete de uma delas e por ter jogado café em outra. Em ambas as vezes, ela alegou ter sofrido algum tipo de perseguição ou abuso por parte das agentes e contou que seus advogados costumavam intervir, livrando-a desses castigos. Porém, em outra ocasião, quase chegou a namorar com uma das agentes.

> *Todo mundo achava mesmo que nós duas tínhamos um caso, nó! Eu, logicamente, eu resistia à tentação porque ela era uma mulher muito bonita.*

Joana contou que era cobiçada na cadeia por ter o "estilo bofe": era lésbica fora da cadeia e tinha uma aparência mais masculina. Enquanto estava presa, ela teve várias namoradas, mas tomava cuidado para não se envolver com mulheres que eram casadas fora do cárcere, pois isso poderia lhe render problemas.

> *Uma vez um traficante foi lá na porta lá, da cadeia, pra matar uma menina lá que tava com a mulher dele. Ele saiu da cadeia e descobriu. E a mulher dele,*

> *o que aconteceu com ela? Nada. Ela nem aí. Mas até hoje, ele tem horror a sapatão [rindo].*

Em nosso último encontro, depois de ouvir todas essas histórias, perguntei a Joana o que ela mais sentiu falta de fazer durante o período que esteve presa. Ela me respondeu:

> *Ah... ah, véi, de fazer isso aqui que eu faço, andar... sabe? Andar, eu, ou, eu saí, eu andei tanto, tanto, tanto. Eu sou, até hoje, eu só gosto de andar a pé [...] eu acho que é isso, é sentir o cheiro da rua mesmo, sabe? Da poluição, essas coisas. Não é normal falar isso, mas a gente sente falta dessas coisas bobas. De comer coxinha com coca-cola.... [....] É... de fazer coisas simples. Comer. Eu queria comer. [...] Então é isso, coisas bobas assim, entendeu? Que parece bobo, mas quando você tá, quando a pessoa tá privada de liberdade, não é bobeira, não, sabe? Cada movimento, cada... coisa que você vê na televisão, você fala "nossa, aquela rua eu já passei", "ah, a Praça Sete", ah não sei o que... a gente sente falta, sabe?*

De fato, ela falou muito sobre liberdade em sua carta de apresentação. "*Liberdade é um conjunto de fatores mente e corpo*". Voltemos à infância de Joana: em casa, ela não tinha liberdade para se sentir à vontade, pois tinha medo dos abusos do padrasto e das surras da mãe. No tráfico, não tinha liberdade "na mente", pois vivia preocupada e com medo. Mesmo quando viajava, não podia andar livremente, sem a escolta fornecida pelo Patrão.

Patrão, de fato, foi a primeira pessoa que Joana viu quando saiu da cadeia pela última vez. Ele a convidou para comemorar sua liberdade em um churrasco, onde ela matou a saudade de poder comer do bom e do melhor. Mesmo com o presente, o acolhimento e uma nova oferta do Patrão, decidiu manter sua decisão de abandonar o tráfico de drogas. Foi morar "de favor" na casa de uma tia, onde ficou até se reestabelecer. Foi apenas há pouco tempo – uma semana antes do início dos nossos encontros, para ser exata – que ela conseguiu juntar dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Mas ela não mora sozinha: seus traumas de infância continuam lhe fazendo companhia. Fez questão de não voltar para a favela, ainda abalada pela morte do primo. Mesmo fora desse ambiente, ainda sofre preconceito (o *bullying* da vida adulta) por sua cor e sua aparência.

> *Segunda-feira, enfim, eu fui na padaria e eu tava, tava dando uma ajeitada lá em casa, coloquei um bermudão, um boné porque meu cabelo tava muito feio, uma camiseta, né? [...] A policial não me parou? Pô, mandou eu encostar na parede porque eu tava de boné. Tá certo que era um boné aba reta, uma bermuda bem extravagante, tá ligada? [rindo] Mas é porque eu tava em casa, eu fui só na padaria, eu tava com fome. [...] Ela me parou, mandou eu encostar na parede, perguntou se eu usava droga, o que que eu fazia. Olha, pra você ver, olha que coisa mais idiota, cara. Tava pensando, será que se eu fosse branquinha, mesmo se eu estivesse com essa roupa extravagante, teria me parado?*

O medo de passar fome e a saudade das coisas que comia na época do tráfico fazem com que ela mantenha a geladeira sempre cheia, abarrotada. Ela contou que é comum comprar mais do que consegue consumir e, por isso, sempre acaba fazendo doações antes que a comida passe do prazo de validade. Ela tem pavor do desperdício.

Outro aspecto importante de sua vida é a relação difícil que tem com a filha, que não aceita sua sexualidade. Por um pedido da mesma, Joana não fala muito sobre ela.

> *É ruim, sabe? Me incomoda, isso. Mas se ela não quer me aceitar do jeito que eu sou, só lamento.*

Sua filha vive com a avó e tem o hábito de chamá-la de "tia", por incentivo da própria, que se sente nova demais para ser avó. A relação entre as duas é ótima, assim como é a relação entre Joana e sua própria avó. Para que a filha não sofresse o que ela mesma sofreu na infância, Joana fez questão de criar a filha longe da favela e do tráfico. Pagou uma boa escola para a menina, que tinha duas babás, além da avó.

Pela filha, ela conseguiu estabelecer uma relação cordial com sua própria mãe – não boa; apenas cordial. Sempre que precisa de algo, sua filha entra e contato e Joana pega suas economias, arranja "bicos" e faz o que for necessário para garantir que a filha obtenha o que pediu. Sua maior decepção – além da falta de aceitação – é que a filha não tem o mesmo apego aos estudos que ela tinha.

> *Fiz meu melhor por ela também, entendeu? Não estuda porque não quer, não faz nada da vida porque não quer.*

Em certa ocasião, ela descobriu que a filha havia experimentado maconha. O fato a deixou furiosa e ela a obrigou a "fazer um *tour*" para conhecer os efeitos e as consequências que o uso de drogas pode trazer.

> *Levei ela num monte de lugar, em vários lugares. Em centro de reabilitação, de pessoas que eu conhecia, de pessoas que eu tirei cadeia no centro da cidade, pedi pra conversar com ela. Falei assim "isso aí é sua vida. Se você quiser..." porque começa da maconha, vários foram assim, eu vi isso. Da maconha, depois passa pro pó, depois vai pra pedra.*

Atualmente, Joana trabalha como telemarketing no período da manhã e, durante a noite, faz um bico de garçonete em um bar. Ela contou que, dentre todos os trabalhos que já teve, o telemarketing é o único do qual ela não gostou. A pressão é grande e, para extravasar, ela tem o hábito de silenciar os atendimentos para xingar e gritar alguns palavrões. Em uma dessas ocasiões, ficou tão nervosa que quebrou o *headset* que usa para atender as ligações. Pedi a ela que comparasse a pressão do tráfico com a pressão do atual

emprego. Em um primeiro momento, ela afirmou que estar longe da criminalidade era melhor. Mas, depois de conversarmos mais um pouco, ela disse que

> *a diferença é que no tráfico, não, se não tava dando certo ali, eu tinha opção. Eu tinha outra pessoa pra mexer. Sim, tem a pressão? Tem, mas eu podia mexer com outras pessoas que fossem do meio, se não fosse inimigo, podia mexer. Agora, não, no meu serviço, não, eu tô tentando manter uma calma que eu não estou conseguindo ter. É muito complicado trabalhar no telemarketing.*

> *Então trabalhar no telemarketing é um... é um... a pressão é bem parecida com a do tráfico [...] Eles cobram a gente por resultados, mas eles não dão condições pra gente ter os resultados. Você não tem um acompanhamento psicológico, eu já vi nego surtar lá dentro, mesmo, surtar de derrubar a mesa, de fazer coisas assim. [...] Eu conheço pessoas lá dentro que estão afastados por nível de estresse, por... é... eu já tenho esse problema de, de depressão, então assim, pra mim é pior. Eu tinha, eu tinha parado de tomar meus remédios, eu voltei a tomar os remédios, fluoxetina principalmente. Entendeu? Pra depressão.*

Ela chega a atender cerca de 90 ligações por dia, mas, em dias em que ela acorda mal ou sente que está muito nervosa, deixa o telefone tocar e não atende nenhuma – mesmo que essa atitude possa provocar uma demissão por justa causa. Sua chefe tem consciência de todos esses comportamentos, mas ainda a considera uma boa funcionária, pois sua produtividade é alta.

Durante nossos encontros, Joana recebeu uma proposta de emprego tentadora: seu amigo pretendia abrir um restaurante na orla da praia e queria que ela o ajudasse a gerir o negócio. Caso ela aceitasse, precisaria se mudar de Belo Horizonte. As condições eram atrativas: um ano de aluguel pago, se tornaria gerente do estabelecimento, abandonaria o estresse do telemarketing, com um salário melhor e ainda realizando o desejo de morar próximo a orla da praia. No entanto, Joana se mostrou relutante em aceitar a oferta.

> *É... quero morar, é... tão querendo me chamar pra ir morar na praia [rindo]. Um ano de aluguel pago e aí a gente vai trabalhar, mas eu não... não... nossa, eu tenho medo, você... você acredita que pela primeira vez eu tenho medo de... arriscar? Eu quero, parte de mim quer, eu to oscilante.*

Ela optou por recusar o convite e se justificou dizendo que precisou trabalhar muito para finalmente conseguir montar sua "casinha" e que ela tinha medo de perder todo esse esforço caso o negócio do amigo não fosse para a frente.

> *Eu tenho medo, dessa vez eu tenho medo de dar errado. Porque eu não vou voltar pro crime pra me levantar, pra me reerguer, nem nada. Vou ter que trabalhar, começar tudo de novo e eu tô muito cansada de recomeçar. Já é a terceira, quarta vez que eu acho na minha vida que eu tenho que recomeçar. Eu montei esse... é minha casinha, meu cantinho, mas... falar com você, véi, eu não aguento mais isso, não.*

Por enquanto, Joana segue trabalhando na central de telemarketing durante as manhãs, lutando Jiu Jitsu e Muay Thai na parte da tarde – para tentar aliviar o estresse proveniente do emprego – e pegando bicos de garçonete no turno da noite. Enquanto a mudança do amigo não se concretiza, eles têm se encontrado quase todos os dias: além dos convites para comer, que vão desde o rodízio em um restaurante japonês até uma coxinha em uma lanchonete próxima à casa de Joana, ele a chamou para passear no shopping, tomar um chopp e para dançar em uma roda de pagode.

> *Então, assim... eles estão fazendo de tudo pra tentar me proteger, não me deixar muito mal. Mas igual eu falei, vou ficar bem. Eu vou ficar triste no início, mas depois... eu não posso ir embora, agora eu tô começando, eu pensei bem, eu vou, eu acho que dar pra recomeçar aqui. Se eu mudar de ideia eu vou, mas por enquanto eu quero ficar.*

6 O TRABALHO FEMININO NO TRÁFICO DE DROGAS

No presente capítulo, buscaremos responder aos objetivos específicos desta dissertação tendo como base uma análise transversal do relato das entrevistadas. Em primeiro lugar, confrontaremos as práticas de gestão realizadas no tráfico de drogas, narradas por Alexia e Joana, com as ferramentas e técnicas de gestão consolidadas pela Administração enquanto ciência e campo de estudo, contemplando também a forma como os processos decisórios ocorrem nesse contexto. Em seguida, apresentaremos as mulheres que exercem o labor no tráfico de drogas sob o olhar das entrevistadas, bem como os papéis exercidos por cada uma delas nessa organização. Por fim, apresentaremos as condições e os processos de significação do trabalho feminino no tráfico de drogas, levando em consideração os custos psíquicos e sociais que essa atividade exerce na vida dos sujeitos de pesquisa.

6.1 A gestão em uma organização ilícita

Tendo em vista que a gestão é uma atividade social e que os sujeitos constroem e são construídos, subjetivamente, pela dinâmica social das instituições das quais participam (ENRIQUEZ, 1995; 2006; GAULEJAC, 2007; 2014), é natural que as atividades gerenciais exercidas no tráfico de drogas reproduzam diversas práticas de organizações empresariais formais (JOHNSON et. al, 1990; PROCÓPIO FILHO, 1997; DESROCHES, 2007; MALVASI, 2012)[33]. De fato, nos relatos de Alexia e Joana, percebe-se uma aproximação entre as estratégias de gestão utilizadas por elas e os arranjos e ferramentas de operação comumente utilizadas em empresas – aproximação que é pautada pelo compartilhamento dos objetivos das organizações em questão: ambas possuem a intenção de maximizar lucros e diminuir riscos (FARIA, 2004; DESROCHES, 2007; MINGARDI, 2007; BERTÓ E BEULKE, 2017)

No presente capítulo, estabeleceremos alguns paralelos entre as técnicas e as ferramentas administrativas utilizadas nas organizações empresariais formais e consolidadas pela Administração enquanto campo de estudo e as estratégias de gestão relatadas pelas entrevistadas. Tais aspectos podem ser correlatados em função do compartilhamento de características organizacionais e dos objetivos empresariais de

[33] Assim como demonstrado no Capítulo 2.2.

ambas as atividades[34]. No entanto, cabe evidenciar que, enquanto fenômeno social, a gestão está diretamente relacionada ao contexto em que a mesma se dá. Sendo assim, não podemos afirmar que o tráfico de drogas reproduz, com exatidão, as práticas sistematizadas pela Administração. A discussão deste capitulo se limitará apenas a evidenciar aspectos semelhantes entre os relatos e esse campo do conhecimento científico, bem como algumas divergências e a razão pelas quais elas ocorrem.

Em primeiro lugar, trataremos do processo de recrutamento e ingresso na organização. No mercado formal, identifica-se uma tendência à escolha de jovens para ocupar cargos iniciais, nos quais o recrutamento é realizado por meio de programas de estágio ou *trainee*. Uma pesquisa divulgada pela Robert Half[35] em 2019 mostra que 64% das empresas entrevistadas optavam por contratar jovens em detrimento de pessoas mais velhas e com mais experiência. Como justificativa, a pesquisa aponta que os profissionais mais novos são mais adaptáveis às novas tecnologias e tendências de mercado, atributo necessário ao contexto de mudança constante provocado pelo aumento do uso da tecnologia (CAVALLINI, 2019). Por meio dos relatos de Alexia e Joana, percebe-se que essa preferência também existe no tráfico de drogas – deveras, o ingresso de ambas na atividade ocorreu durante a adolescência. De acordo com elas, isso se dá porque é mais fácil convencer os jovens de que essa ocupação lhes proporcionará melhores condições de vida. Joana cita alguns dos argumentos que são usados para recrutá-los:

> *[...] "não, sô, você vai poder ajudar sua mãe, você vai poder comprar uma casa, você vai poder arrumar seu barraco... vai poder fazer churrasco" então, tipo assim, eles acham que vai ser uma vida glamourosa, bacana, é. Mas o outro lado eles só vão ver depois.*

Ademais, os jovens se encaixam em um perfil comportamental que está disposto a investir subjetivamente no trabalho, de forma que a empregabilidade dos mesmos

[34] Relembramos, aqui, as três características principais configuram as organizações segundo Etzioni (1989) (presentes no Capítulo 2.1: apresentação dos conceitos): (1) a divisão do trabalho e do poder, que se dá de maneira planejada e intencional, a fim de impulsionar a realização de objetivos específicos; (2) a presença de centros de poder, que têm como objetivo organizar a estrutura organizacional, visando obter maior eficiência; e (3) a substituição e reordenação do pessoal, que diz respeito à possibilidade de demissões, transferências e promoções. Portanto, as tribos, as classes, os grupos étnicos, os grupos de amigos e as famílias não podem ser consideradas organizações (ETZIONI, 1989). Há, também, o compartilhamento de objetivos, citado no parágrafo anterior. Dessa forma, ambos – tráfico de drogas e organizações empresariais formais – partilham dessas características, nos permitindo traçar algumas semelhanças entre a gestão dessas atividades.

[35] Empresa, fundada em 1948, especializada no recrutamento e seleção de profissionais da área financeira, jurídica, tecnológica, recursos humanos, marketing e alta gestão. Em 2020, foi classificada pela *World's Most Admired Companies* como melhor empresa de recrutamento.

proporciona um terreno fértil para meios modernos de exploração do trabalho (ALVES, 2016).[36]

As atividades explicitadas pelas entrevistadas se assemelham a uma micro/pequena empresa, ou a uma empresa familiar, em muitos aspectos. No Brasil, o micro e pequeno empreendedor possui, como particularidade, duas características predominantes: "destemor para correr riscos, pelo fato de não ter nada a perder, e alguma habilidade que lhe permitiu empresariá-la com base na sua forte intuição" (BERNHOEFT E GALLO, 2003, p. 7). Elas estão presentes também nos relatos das entrevistadas, uma vez que ambas ingressaram no tráfico de drogas em momentos adversos de suas vidas e começaram a praticar atividades ilícitas a fim de superar dificuldades financeiras e aumentar seu poder aquisitivo. Para ingressar e prosperar na atividade, mesmo que por um tempo limitado, elas se basearam apenas em algumas habilidades que possuíam previamente, como a facilidade de aprendizado e o carisma.

Entretanto, suas histórias possuem algumas particularidades. Joana relatou que se juntou ao tráfico para fugir das dificuldades e abusos sofridos em seu núcleo familiar, de forma que os colegas do tráfico se tornaram sua segunda família – não raro, ela se referia a eles como irmãos e afirmava que o estabelecimento dessas relações foi de suma importância para sua vida e para seu desenvolvimento. A relação de Alexia, por outro lado, tinha cunho romântico: durante o tempo em que atuou no tráfico de drogas, ela sempre teve seus namorados e, por fim, seu marido, como parceiros de negócio. Nesse último arranjo, que foi também o mais duradouro, é possível estabelecer um paralelo com diversas características de uma empresa familiar "pura", ou seja, que possui apenas um núcleo familiar envolvido, podendo-se citar como exemplos: a centralização do poder por parte do gerente-proprietário (nesse caso, Alexia), a imposição da vontade e da dominação a partir das relações de poder e das relações estabelecidas no núcleo familiar, a dificuldade em estabelecer prioridades e a presença constante de conflitos interpessoais e de interesse (nesse caso, entre cônjuges) (SILVA E FONSECA, 2010). O exemplo que melhor ilustra essa situação diz respeito às compras pessoais que seu marido realizava com intenção de consumo próprio e que se misturavam às compras do negócio, gerando desgastes e atritos que extrapolavam o seio familiar e atingiam fornecedores[37].

[36] Cabe pontuar que a expectativa de vida das pessoas envolvidas no tráfico de drogas é baixa (FEFFERMANN, 2008; MALVASI, 2012).
[37] Esses eventos estão descritos no Capítulo 5.1.2.

Além disso, Alexia assumiu o papel de varejista na cadeia de suprimentos do tráfico de drogas, fazendo a ponte entre os distribuidores e o consumidor final. O relacionamento entre ela e os demais elos era fidelizado, permitindo, por meio de uma comunicação clara e eficiente, o planejamento compartilhado da demanda. Os estudos acerca de *Supply Chain Management* (SCM) classificam esse nível de integração como "rígida", permitindo apenas uma conexão funcional entre os elos. Esse modelo era considerado estratégico até meados da década de 1970, quando o nível de integração recomendado para as organizações empresariais formais passou a abranger o gerenciamento logístico compartilhado, a fim de permitir melhor adaptabilidade ao mercado (BOWERSOX et al., 2014). Joana, por sua vez, ingressou em uma organização mais madura, que contava com uma hierarquia bem estruturada e que permitia a ascensão dos membros na organização. Por meio dos seus relatos, percebe-se que, mesmo nos níveis mais baixos, existia uma lógica na determinação das funções e dos pagamentos, que se assemelha à estruturação tradicional de cargos e salários estudada na Administração. Atingindo sua popularidade na década de 1960, esse modelo recomenda que os cargos sejam estabelecidos frente às atividades desempenhadas, bem como as responsabilidade e demandas, enquanto os salários são determinados pelas tendências de mercado (MOREIRA et al., 2016).

Joana era ainda responsável, entre outras coisas, pelo controle financeiro da organização. Ela contou que essa atividade era realizada de maneira completamente arcaica e intuitiva, demandando que ela fosse uma "pessoa de confiança" dos membros que ocupam cargos mais altos na hierarquia, além de que "levasse jeito para matemática" e tivesse uma excelente memória – pois, uma vez que a atividade é ilegal, não era interessante manter registros físicos e/ou digitais das movimentações financeiras, que poderiam ser usados como provas incriminatórias e colocar em risco toda a cadeia de suprimentos.

A falta desses registros não é incoerente pois, além desse empecilho, e apesar de já haver uma movimentação a nível internacional no sentido de padronizar as demonstrações financeiras desde os anos 1970, as Normas Internacionais de Contabilidade só passaram a ser legalmente exigidas no Brasil em 2010 – e apenas para empresas de capital aberto (FORMIGONI et al., 2012). Para micro e pequenas empresas, exige-se apenas manter registros de caixa e realizar, anualmente, o Balanço Patrimonial e a Demonstração de Resultados do Exercício (DRE) (BRASIL, 2002), serviço que é comumente realizado por escritórios de contabilidade externos à empresa (COSTA et al.,

2020). Dessa forma, não é estranho que esse aspecto da gestão não tenha sido introduzido na rotina do tráfico de drogas, uma vez que os atores, em sua maioria, nunca tiveram acesso a essas ferramentas a ponto de institucionalizá-las e replicá-las – e esse tampouco seria o método mais adequado para controlar as finanças, em função dos riscos que sua documentação sistemática poderia trazer.

A respeito da precificação da mercadoria, as teorias administrativas populares até 1990 defendiam que a determinação dos preços deveria ser calculada tendo como base o custo de produção e a margem de lucro que se buscava obter. No entanto, com a evolução das técnicas de marketing, os custos deixaram de ser protagonistas na precificação, de forma que o preço passou a ser determinado a partir da percepção, por parte dos clientes, de valor agregado do produto (BERTÓ E BEULKE, 2017). Uma das estratégias utilizadas para aumentar essa percepção está relacionada ao nível de personalização do produto, uma vez que, de acordo com o estudo realizado por Andrade (2016), os consumidores têm interesse em consumir produtos personalizados em detrimento dos produtos *standard*[38], mesmo que esse tenha um custo superior.

Seguindo a mesma lógica, as entrevistadas criavam estratégias para aumentar o valor agregado e, consequentemente, o preço do produto. Joana buscava aumentar a percepção de valor por meio de algumas personalizações, como mudar a cor da cocaína. Alexia, por sua vez, atendia um público pertencente à classe média-alta, que comumente optava por estabelecer negociações periódicas, com preços e quantidades pré-determinadas e entrega em domicilio, já que esses indivíduos não gostariam de ser vistos em um ponto de atividade ilícita. Todas essas exigências extras (que não são comuns nas biqueiras) aumentavam a percepção de valor por parte dos clientes, permitindo que Alexia aumentasse o preço de venda do produto, indo de encontro às técnicas atualmente praticadas.

Nesse contexto, a precificação deve levar em conta a necessidade de diminuir os custos, a fim de ajustar a margem de lucro a um valor viável (BERTÓ E BEULKE, 2017). Utilizando-se dessa lógica, Joana avaliou que a rentabilidade dos negócios aumentaria se, ao invés de comprar cocaína em pó, ela comprasse o produto no formato de pasta-base e operasse, ela mesma, a transformação da matéria-prima em produto para a venda. Outra técnica utilizada por ela diz respeito a um tipo de programa de fidelidade:

[38] Produto que possui as características e os formatos padrão, determinados pela empresa. Geralmente são produzidos em massa e possuem baixo ou nenhum grau de personalização (ANDRADE, 2016).

> *"Ó, tá precisando dar uma levantada e aí? O que você sugere?", "Vamos fazer uma promoção assim, assim e tal". Cinco pedras, dá uma [...] Era cinco pedra, por exemplo, que a pedra era o carro chefe, cinco pedras ganhava uma.*

Esses programas consistem em iniciativas de marketing que buscam oferecer aos clientes algum tipo de bonificação pela reiteração do comportamento de compra, com o objetivo de fidelizar o cliente e obter vantagem competitiva (MENDES E PEDRON, 2014).

Tendo em vista os aspectos relatados, percebe-se uma tendência, por parte dos gestores do tráfico de drogas, a não designar tarefas, acumulando funções discrepantes entre si[39], aumentando a responsabilidade dos sujeitos e promovendo a verticalização[40] da atividade. Essa forma de pensar a organização empresarial data das Teorias Clássicas apresentadas por Taylor e Fayol e é vista como ultrapassada, de modo que, a partir dos anos 1970, com a popularização das teorias Toyotistas e do método de produção *just-in-time*, ela foi substituída (FERREIRA E FILHO, 2011). No entanto, no tráfico de drogas, existe uma característica que dificulta a modernização nesse aspecto: por se tratar de uma atividade ilícita, o estabelecimento de vínculos e relações de confiança entre os diferentes elos da cadeia produtiva é menos comum. Afinal, como Alexia e Joana disseram inúmeras vezes, "no tráfico de drogas, não se pode confiar em ninguém"[41]. Entretanto, essa tendência não parece se aplicar aos processos decisórios.

Em seguida, discutiremos como as entrevistadas descreveram a tomada de decisão no tráfico de drogas e os impactos dessa dinâmica para a organização e os sujeitos que dela participam.

6.1.1 Os processos decisórios no contexto do tráfico de drogas

Por meio das entrevistas, é possível perceber que a tomada de decisão no tráfico de drogas é descentralizada e que mesmo pessoas em cargos de menor importância têm autonomia para tomar decisões – a menos que estas sejam diretamente vetadas pelos membros mais altos na hierarquia, o que só acontece em situações pontuais. Dessa forma, nenhum dos modelos de tomada de decisão se aplicam a essa organização, apesar de

[39] Esse acúmulo de funções foi narrado pelas entrevistadas e será mais explorado no Capítulo 6.2.2.
[40] A verticalização é uma estratégia administrativa que parte do princípio de que a empresa deve ser responsável por todos os processos que resultam na fabricação do produto final (FERREIRA E FILHO, 2011).
[41] As entrevistadas relataram esse sentimento de desconfiança por diversas vezes durante as entrevistas. Alguns desses momentos estão descritos no Capítulo 5.1.2 e no Capítulo 5.2.2.

identificarmos alguns pontos comuns entre o modelo utilizado por elas e o político – uma vez que o poder de barganha e a autoridade dos jogadores interfere diretamente no processo, principalmente quando as decisões envolvem membros externos ao núcleo organizacional (como transportadores ou concorrentes) (CHOO, 2006; BORGES, 2012) – ou o *garbage can*, em razão do contexto incerto e conflituoso (COHEN; MARCH E OLSEN, 1972). Os demais modelos tradicionais implicam, necessariamente, em etapas de coletas de dados, planejamento, análise de cenários possíveis, antecipação de problemas e elaboração de planos de contingência – estágios que, muitas vezes, são inviáveis no tráfico de drogas, em função do contexto da organização, que demanda decisões imediatas e assertivas.

A princípio, a falta de uma estrutura rígida e bem definida e a maior autonomia dos sujeitos na tomada de decisão poderia não ser eficaz, uma vez que quanto mais descentralizadas são as tomadas de decisão, maiores são as chances de ocorrer alguma incoerência entre a opção realizada e os objetivos da organização. No entanto, a longo prazo, essa dinâmica tende a promover a autonomia aos sujeitos, aumentando o vínculo entre eles e a organização, promovendo maior integração social e a internalização dos princípios e da lógica organizacional, de forma que, mesmo estando descentralizada, a tomada de decisão se torna mais coerente e robusta, além de mais rápida e, consequentemente, mais adaptável (DURRIVE, 2016).

Essa agilidade é de suma importância para o funcionamento de uma organização ilícita, uma vez que sempre existem novos métodos de combate às suas atividades (CUNHA, 2011). Estes estimulam a transformação contínua do contexto em que a organização se insere, tornando necessário maior adaptação a essas mudanças. Alexia, por exemplo, não contratava olheiros para vigiarem seu local de operação, mapeava as câmeras de segurança que existiam nos locais onde ela costumava transitar e se beneficiava do fato de que não era comum que viaturas contassem com policiais do sexo feminino, de forma que ela não poderia ser revistada. No entanto, o avanço e a popularização da tecnologia, a inserção massiva da mulher no mercado de trabalho e o aumento do policiamento são alguns dos fenômenos que ocorreram rapidamente e que, concomitantemente, demandaram mudanças nos padrões de operação, além de inserirem custos extras no tráfico de drogas.

Aos olhos de Alexia, esses fatores tornaram a atividade menos atrativa e mais arriscada[42], porém, por meio dos aumentos observados no consumo de substâncias ilícitas, nas prisões relacionadas ao tráfico de drogas e no contingente de trabalho que essa atividade emprega atualmente (FEFFERMANN, 2008; BOITEUX et. al, 2009; FARIA E BARROS, 2011; BOITEUX, 2015b), percebe-se que a atividade se adaptou a essas adversidades e, muitas vezes, as utilizou a seu favor.

Além de garantir a rapidez e a adaptabilidade, a descentralização da tomada de decisão pode representar um passo no sentido de diminuir as contradições existentes no ambiente de trabalho, garantindo a autonomia dos sujeitos, diminuindo a alienação do trabalhador em relação ao produto do seu trabalho, promovendo o aumento do vínculo social e, por conseguinte, diminuindo o mal-estar que pode levar ao adoecimento psíquico (CASTRO; ZANELLI, 2010). Entretanto, cabe ressaltar que essa descentralização só é possível pois ocorre em um contexto de forte vínculo social, onde cada sujeito tem conhecimento das diretrizes e regras daquela organização, bem como das consequências que o descumprimento destas pode acarretar à sua vida e à de seus entes queridos, podendo ser fatal. Esse fator fica explicito na fala de Joana, quando ela diz que *"[...] a pessoa automaticamente quando entra ela já sabe. [...] você tem que entrar na chuva pra molhar, ela já entra sabendo disso. Se não, é... é o que a gente sempre fala, se você não aguenta, não entra*".

Ademais, apesar de haver um vínculo social entre a organização e o sujeito, o mesmo não se pode afirmar a respeito do vínculo empregatício. A ausência deste promove, até certo ponto, a descentralização da tomada de decisão, posto que, em grande parte das situações, as consequências do processo decisório recaem diretamente sobre o indivíduo e não chegam a afetar a organização diretamente[43].Desse modo, o processo decisório não promove a emancipação do sujeito, uma vez que a liberdade da tomada de decisão é limitada, nessa conjuntura, por um conjunto de determinações bem estruturadas e internalizadas pelos sujeitos que participam da dinâmica do tráfico de drogas.

Portanto, os benefícios que esses sujeitos obteriam com a autonomia na tomada de decisão são minados por dois pontos centrais. Em primeiro lugar, no tráfico de drogas,

[42] Como exposto no Capítulo 5.1.2.

[43] Nesse contexto, se um sujeito toma uma decisão que o leva a ser preso, o vínculo organizacional forte reforça o preceito de que este não deve revelar aos policiais a identidade dos demais participantes da organização, nem os detalhes acerca de seu funcionamento. Tendo essas regras internalizadas, o sujeito arca com as consequências de sua decisão por conta própria, podendo receber ou não apoio da organização (como retratado na história de Joana, que não recebeu nenhum suporte na ocasião de sua primeira prisão, mas contou com o amparo de Patrão quando foi presa pela segunda vez).

ela não caminha na direção da autonomia subjetiva e de uma tentativa de aumentar a aderência do trabalhador ao trabalho – como proposto por Durrive (2019) –, mas vai ao encontro do pensamento neoliberal que percebe o trabalhador como um "empreendedor de si mesmo". Dessa forma,

> Cada traficante, independentemente do seu lugar na hierarquia da lojinha, é um empreendedor – alguém que faz certo número de apostas, define uma série de comportamentos econômicos, estipula investimentos para obter melhoria de seu capital pessoal dentro do negócio; uma expressão de um poder enformador da sociedade de inspiração neoliberal (MALVASI, 2012).

O segundo ponto diz respeito ao o fato de que esses aspectos não protegem os sujeitos dos custos de conviver com a violência e com o medo. Conforme os relatos recorrentes de Alexia e Joana, "o medo de cometer erros"[44], de "ser pego pela polícia ou pelos desafetos", de não conseguir proteger seus familiares e entes queridos, além de "não poderem confiar em ninguém", criam uma situação em que, ao mesmo tempo em que o vínculo com a organização do tráfico de drogas se fortalece, o vínculo com o restante da sociedade é minado pela insegurança.

6.2 "Mulher não serve pra essas coisas": tráfico de drogas não é coisa de "mulherzinha"

Por ocuparem uma posição que vai além do trabalho operacional na organização do tráfico de drogas, Alexia e Joana utilizam uma série de recursos para, enquanto mulheres, reforçarem o exercício do poder e, ao mesmo tempo, minimizar os aspectos negativos dessa posição. O mais notável deles – e o que aparece com mais frequência em seus relatos – diz respeito a um posicionamento que também foi identificado no estudo realizado por Frinhani e Souza (2005): o discurso de diferenciação entre o "elas" e o "eu".

Ambas descrevem a "mulher do tráfico[45]" com a intenção de criar uma figura dotada de uma série de características negativas – o que, em parte, justificaria a ausência de mulheres em posições hierárquicas semelhantes ou superiores às que elas ocuparam. Entretanto, ao se descreverem como uma "mulher do tráfico", elas se esforçam para se distanciar dessa imagem, criando uma narrativa dual.

[44] Como relatado nos capítulos 5.1.2 e 5.2.2.
[45] A expressão "mulher do tráfico" é utilizada por ambas em diversas partes dos relatos, de forma que foi mantida e amplamente utilizada nesse capítulo.

Esse discurso foi o principal norteador deste capítulo, de forma que o iniciaremos descrevendo "elas": a imagem da "mulher do tráfico" criada por meio do relato das entrevistadas. Em seguida, falaremos sobre o "eu" dessa narrativa – ou seja, as próprias entrevistadas – e os custos psíquicos e sociais que elas assumiram ao ocupar tal posição.

6.2.1 "Elas": as mulheres e seu papel no tráfico de drogas

As entrevistadas afirmaram que a presença de mulheres no tráfico não era muito comum na época em que elas atuavam nessa atividade, exceto quando se tratava de trabalhos eventuais, isto é, quando a pessoa era paga para fazer uma tarefa específica – geralmente atuar como aviãozinho, levando a droga de um lugar para o outro.

Joana relatou que seus parceiros evitavam contratar mulheres "*porque eles achavam que a mulher era fraca. Achava que se a polícia pegasse e batesse, por exemplo, entregava, não aguentava. [...] Tinha algumas poucas que vendiam, mas elas eram sempre meio assim, né? Deixadas de lado*". Ademais, ela disse que eles evitavam confiar nas mulheres, pois era comum que os inimigos as usassem como isca, "*pra levar os cara pra morrer*[46]". A desconfiança não partia apenas dos membros masculinos da organização, uma vez que Alexia afirmou categoricamente que "*a mulher não confia na outra mulher no tráfico*" porque "*as mulheres são muito traidoras*". Ambas as entrevistadas relataram ter presenciado episódios em que as mulheres que faziam serviços operacionais eram humilhadas e agredidas por aqueles que as contratavam, sendo vítimas frequentes do machismo e da violência vigentes na atividade.

Mesmo estando nessa posição, as mulheres do tráfico tinham mais poder diante das outras que moravam na comunidade – o que, de acordo com Alexia, era o fator principal para a entrada na atividade: "*[...] a mulher estar no tráfico é que a mulher, ela tem mais poder. [...] a mulher acha que ela tem mais poder, ela se sente mais poderosa. [...]*". Ela contou que as traficantes usavam dessa posição para "comprar" outras mulheres e transformando-as em uma "espécie de serva".

> *[...] Ela pega uma mais ali... inferior a ela, tá precisando, ela sabe o que ela gosta, ela sabe dos pontos fracos. [...] "Ah, na casa dela tá faltando as coisas", então "você vai fazer isso pra mim em troca disso, disso e disso". [...] mulher inferior que faz as coisas que ela não gosta de fazer e que ela não tem tempo pra fazer porque ela tem várias coisas pra fazer, então, o que que ela faz? Ela paga pra ela fazer... [...] ela gosta de ser servida, sabe? Querer*

[46] Joana relata que mulheres atraentes eram contratadas pelos traficantes para seduzir inimigos a fim de descobrir estratégias ou armar emboscadas.

> *mostrar pros outros que ela pode, "eu posso, eu posso comprar fulano". Que, na verdade, isso é comprar a pessoa. Você pega ali uma pessoa mais vulnerável que você vê, aí a pessoa fica ali por sua conta e ela faz tudo o que você quiser. Tudo o que você quiser. Ela dá faxina, ela arruma a casa, ela lava roupa, ela... vai comprar bebida, ela vai comprar cigarro, ela vai fazer tudo pra você. Então ela vê a outra ali como uma serva. [...] A outra mulher pra ela não vale nada.*

Alexia também relatou a existência de ferramentas de dominação sobre o sexo oposto: situações em que as mulheres em alta posição no tráfico de drogas compravam "gigolôs", que podiam assumir a posição de namorados ou de amantes: "*Compra homem! Elas compram os homens mais gatíssimos com o dinheiro da droga, é isso que rola também*". Nesse caso, as mulheres passam a bancá-los financeiramente, presenteando-os com drogas, álcool, bens materiais que simbolizam *status* (como roupas e sapatos de grife, carros, celulares, entre outros) e dinheiro em espécie. "*Você acha que é só mulher que se vende? Não senhora, homem também se vende*"[47].

Esse poder advindo do tráfico também podia ser utilizado como uma forma de proteção à possíveis violências sexuais. Como posto anteriormente, Joana começou a fazer pequenos favores para os traficantes do seu bairro em troca de proteção contra os abusos que sofria por parte do padrasto, enquanto Alexia afirmou que "*se ela [a mulher] tem poder ela não vai ser abusada de forma nenhuma, de forma nenhuma. Eu, por exemplo, nunca fui*". Todavia, ambas relataram o medo de sofrer algum tipo de violência física em função da sua atividade, seja por parte de inimigos, seja em função de alguma desavença ou mal-entendido com algum parceiro.

Alexia contou uma situação em que dois amigos tiveram uma desavença e um deles foi assassinado[48]. Joana, por sua vez, afirmou que tinha medo de cometer erros nos cálculos do dinheiro e seus superiores entenderem o deslize como uma tentativa de "passar a perna" neles: "*Eu sabia que se desse alguma coisa errada, era uma pressão muito grande, ele ia me cobrar disso*". Nessas circunstâncias, a mulher aparenta estar constantemente suscetível à algum tipo de violência. Porém, no tráfico de drogas, existe uma espécie de "troca": diminui-se a possibilidade de sofrer o abuso sexual em detrimento do aumento da possibilidade de sofrer um abuso físico.

[47] Os relatos de Joana corroboram com essas falas de Alexia: em diversos momentos a primeira afirma a existência desse tipo de relações e de prostituição (termo usado por ela) no tráfico de drogas. Por ter sido mais concisa, a fala de Alexia foi selecionada para representar essa questão.
[48] Esse episódio foi relatado no capítulo 5.1.2 A história de Alexia: "nem fugindo você consegue fugir".

Mesmo ocupando posições de poder, Alexia e Joana sentiam a necessidade de se validar constantemente. De acordo com Alexia, "*você tem que brigar muito pelo seu espaço*". Nas palavras de Joana,

> *A mulher, ela tem que se impor mais. Se não, não tem respeito, não. [...] Então a grande maioria não sobrevivia muito tempo, vamos dizer assim, por causa disso. [...] Mas tem diferença, sim, homem não gosta de ser mandado por mulher, [...] Eles me respeitavam. Algumas meninas, não. As que trabalhavam, assim, de verdade, pra vender mesmo, entendeu? Eles não respeitavam, não.*

Para reforçar sua posição e burlar a resistência masculina ao seu exercício de poder, ambas utilizavam duas ferramentas principais. A primeira consiste em se distanciar do estereótipo feminino construído naquele contexto e demonstrar atitudes e posicionamentos mais comuns aos homens, almejando se aproximar deles como iguais. No entanto, cada uma operava esse mecanismo de maneira diferente. Alexia mantinha sua aparência feminina e utilizava a violência como ferramenta de imposição:

> *Você fica violenta automaticamente. Que a sua arma é o que? Eu vou me defender de alguma forma. Uns dava revólver, eu nunca gostei. Mas uma faca eu até gostava, facão, eu tinha um facão também que nossa... Ô facão! Já fez sucesso. [...] Um taco de beisebol, andava só com eles. [...] Sempre aparece um pra te atentar. [...] tem dia que a pessoas fala coisas erradas na hora errada, nem, nem, nem faz nada com você. Uma palavrinha que ela fala já é suficiente pra você quebrar ela todinha [...];*

Joana, por sua vez, tentava resolver os conflitos por meio do diálogo, mas assumia uma aparência mais masculinizada – estratégia que a ajudou a escapar da polícia diversas vezes.

> *Ele [policial] falou, "sabe, deixa eu falar com você uma coisa, você foi a sombra mais sombra que nós já tivemos na nossa vida. Nós não sabíamos nem quem, como é que você era. Sabíamos que você era uma mulher, mas não imaginávamos que você era uma mulher assim" [rindo]. Pelo tipo, né? Físico assim, de vestir, enfim.*

A segunda estratégia diz respeito ao acúmulo de funções. Em diversos momentos, Alexia e Joana afirmaram que o trabalho no tráfico era exaustivo porque elas tinham "muita coisa" para fazer. Nenhuma delas assumia apenas um posto ou uma função: Alexia negociava, embalava, vendia, acompanhava as entregas, resolvia conflitos relacionados ao negócio e acompanhava as finanças e cobrava as dívidas – em contraste com os encargos do marido, seu parceiro, que apenas realizava as entregas. Já Joana foi contratada para cuidar das finanças, mas também negociava as mercadorias, a contratação

de advogados para dar assistência aos colegas presos, acompanhava o transporte e sugeria promoções e estratégias para a diminuição dos custos[49].

As táticas apresentadas se mostram muito comuns entre as mulheres que operam no tráfico de drogas, uma vez que as entrevistadas narraram episódios sobre outras mulheres que se comportavam da mesma maneira. Ambas relataram que as mulheres que assumem cargos mais altos na hierarquia do tráfico costumam ser mais violentas, "muito mais inteligentes" e "mais ambiciosas"[50] do que os homens que ocupam o mesmo posto, o que pode acarretar em uma disputa por poder. Para Alexia, *"[...] uma quer ser melhor do que a outra. Aí fica aquela disputa de ego porque no tráfico tem isso também, a disputa de ego. A mulher não quer, não gosta de perder nada*".

Percebe-se que esses aspectos, principalmente a sobrecarga e a multiplicidade de funções, não são formalmente demandados pela organização. Entretanto, as mulheres do tráfico acabam adotando esses comportamentos com o intuito de obter, por meio do valor de seu trabalho, validação do meio e de si mesmas, uma vez que reforçar essa posição de poder agrega valor não só ao seu labor, mas à sua pessoa. Como consequência, elas se encontram mais dispostas a correr riscos, podendo estar mais sujeitas ao esgotamento (CASTRO; ZANELLI, 2010; BARCINSKI, 2009; DE SOUZA, 2009; CLOT, 2017).

6.2.2 "Eu": os custos psicossociais do trabalho ilícito

> *Quando eu vendia droga tinha muito dinheiro, mas não tinha paz. Dinheiro comprou a minha paz? Era o que eu mais queria. Tinha casa boa, tinha carro, tinha moto, tinha tudo, eu não tinha paz.*[51]

No contexto do trabalho contemporâneo, é comum que existam situações em que a organização prescreve certos comportamentos que não vão de encontro às percepções dos trabalhadores a respeito do que seria um "trabalho bem feito"[52]. Contraditoriamente, existe a demanda por um produto primoroso, de forma que, com o intuito de se reconhecer no processo e no fruto do seu trabalho e atender às expectativas da organização, os trabalhadores contradizem as regras impostas e colocam sua saúde em risco. Dessa forma,

[49] Como explicito no Capítulo 6.1.
[50] Alexia dixxd que "*o homem é mais... mais cauteloso. Mulher é mais ambiciosa mesmo*", ao passo que Joana afimou que "*[...] tem muita mulher que é mais esperta, muito mais inteligente do que muito homem nessa vida*".
[51] Fala de Alexia.
[52] "E a direção acredita que pode abafar, sob a fachada de um 'bem-estar' prescrito, esse conflito sobre o 'fazer bem feito' [...], transformando o conflito em torno do 'fazer bem feito' em um adestramento sanitário" (CLOT, 2017).

as empresas assumem um discurso a partir do qual o adoecimento do trabalhador passa a ser visto como uma consequência de sua "desobediência" ao trabalho prescrito (CLOT, 2017).

Concomitantemente, no tráfico de drogas, as pessoas que ocupam posições hierárquicas superiores às das mulheres entrevistadas – e das demais, de acordo com suas narrativas – as instruem no sentido de tomar certos cuidados: evitar conflitos, não "dar bobeira"[53] com a polícia, prevenir perdas de mercadoria e prejuízos financeiros, entre outros. No entanto, esses riscos são inerentes à execução do trabalho e, mesmo que alguns cuidados sejam tomados, eles não podem ser completamente evitados, nem minimizados o suficiente para atenuar os riscos psicossociais que podem causar. Ademais, como pontuado anteriormente, as mulheres se submetem de maneira mais intensa a fatores que são potenciais adoecedores com o intuito de reafirmar sua posição na organização do tráfico de drogas, de forma que estão mais vulneráveis ao adoecimento. Neste capítulo, discorreremos a respeito dos custos psicossociais sofridos pelas entrevistadas e os mecanismos utilizados por ela a fim de reduzir os impactos destes.

O aspecto potencialmente causador do esgotamento citado com mais frequência em ambas as trajetórias é a violência. Esta se apresenta de múltiplas formas, afetando diretamente a vida das entrevistadas, de seus parentes e de amigos próximos, dos desafetos e dos demais que desempenhavam funções na organização do tráfico de drogas. Porém, por mais que os exemplos sejam diversos, ambas centraram seus relatos em um evento específico, fazendo menção a ele sempre que citavam outros episódios violentos.

Para Alexia, esse evento diz respeito a uma briga que ocorreu entre dois de seus amigos, na qual um deles foi assassinado:

> *Às vezes já aconteceu, assim, de pessoas que eu gostava mesmo... todas as duas pessoas, os dois amigos, tanto o que matou quanto o que morreu, todo os dois eu gostava. Por causa de uma merda eles... começaram a ter guerra um com o outro e... acabou que um matou o outro. Pra você ver, nós todos somos amigos, assim. Tinha um círculo de amizade. Então, você imagina, o que, se você tá ali, naquele meio de círculo que você acha que é aquela amizade, você corre o risco de ser morta, entendeu?*
>
> *Uma vez nós estávamos no bar aí um tava devendo o outro... num sei, não lembro direito da treta, não, mas eu sabia da treta deles. Aí eu só vi a hora que eles falaram assim "fia, corre! Corre que a gente vai matar o [Amigo] é agora". A bala pegou assim ó, na minha, no... perto do meu pé assim, ó. Fez um fogo, assim... A única coisa que eu vi foi isso. E ele pulou o muro correndo, né? Aí eles não conseguiram matar ele nesse dia, não. Aí acabou a festa, nós*

[53] Nesse contexto, "dar bobeira" significa ficar exposto à ação policial. Alexia, por exemplo, evitava todos os locais da cidade onde havia presença de câmeras de segurança, não "dando bobeira" de ser filmada, identificada e presa.

> *estávamos fazendo uma festa e acabou. Aí, quando foi no outro dia, no outro dia eu encontrei com ele de manhã, falei assim "[Amigo], vai embora, [Amigo]... esse povo vai armar pra você de novo", "vai nada, eu vou é matar eles" não sei o que. Foi de noite eles mataram ele na avenida. Pegou ele, isso era porque era um círculo de amizade. Imagina se fosse inimigo? Todos nós ali éramos amigos.*[54]

Joana, por sua vez, frequentemente citava a morte do primo, assassinado por inimigos do tráfico de drogas:

> *Ele tinha uma guerra muito grande nesse certo lugar, muito grande mesmo. Mas era só ele. A guerra era dele contra um monte, mas ele vencia sempre. Toda vez que ele ia lá, sério, tipo assim, o cara ia lá e fazia o que queria. Só que ele tentou apaziguar e no tráfico não existe esse negócio de amigo. Eles esperaram uma oportunidade, eles vingaram as pessoas que ele matou. Infelizmente foi... a perícia contou foi 48 tiros. Mas foram mais ainda, "deve ter umas 60 balas no corpo desse menino". É triste, você imagina. Pra você ver como eram as coisas dentro do tráfico.*
>
> *Não te contei a história do meu primo? Então, ele queria porque queria ser o cara, né? Tudo bem, ele foi o cara por um tempo, mas a morte dele foi... uma das piores que eu já vi, acho que se não a pior.*

Em ambos os trechos, repete-se a convenção de que "não existem amigos no tráfico de drogas", outro aspecto que também foi frequentemente pontuado pelas entrevistadas e que reforça a sensação de insegurança nesse meio. Ademais, elas não podiam contar com a presença da família, uma vez que optavam por se afastar, com o intuito de proteger e oferecer segurança a eles. "*Porque quando você, você começa a mexer com droga, você quer o que? Distância dos seus amigos que você mais considera, distância da sua família, distância de tudo, é... você que se recolhe*", afirmou Alexia. A precaução era plausível, uma vez que Joana disse que já recebeu ameaças contra membros de sua família.

> *Uma vez eles falaram isso, "vamos pegar sua filha", me ameaçaram. Eu falei "é? Vou mostrar pra vocês" aí eu virei o cão mesmo. Aí eu fui num, no cara e falei com ele "dá um jeito. Você dá um jeito aí", foi a primeira vez que eu fiquei meia transtornada [...] Então eu acho que... quando a pessoa se envolve, quando ela cresce nisso, ela tem que pensar muito o seguinte: você vai se envolver, se a intenção da pessoa é crescer tem que lembrar que tem filho, você tem irmão, você tem mãe, você tem vó, você tem tio, você tem parente. Tem que pensar nisso [...] Eu ficava meio receosa com isso, nossa, eu morria de medo, eu nunca ia me perdoar se tivesse acontecido alguma coisa com alguém, não. Nunca, nunca. Então por isso que eu ficava bem afastada mesmo, sabe? Minha casa era afastada, tudo meu era afastado. Eu me afastava [...].*

[54] O primeiro trecho foi retirado da primeira entrevista, ao passo que o segundo foi retirado da terceira. Joana mencionou esse evento também em outros momentos, porém com menos detalhes.

Dessa forma, as entrevistadas estavam em uma situação solitária: não podiam confiar nos colegas do tráfico, pois "*só tem inimigo ali dentro*"[55], mas não podiam estar perto dos familiares e amigos que não tinham envolvimento com a atividade, pois temiam colocar a vida deles em perigo.

Entretanto, a violência também era usada por elas como ferramenta de defesa. Alexia contou que nunca gostou de portar armas de fogo, mas sempre carregava um taco de *baseball* e um facão.

> *Você fica violenta automaticamente. Que a sua arma é o que? Eu vou me defender de alguma forma. Uns dava revólver, eu nunca gostei. Mas uma faca eu até gostava, facão, eu tinha um facão também que nossa... Ô facão! Já fez sucesso. Eu tinha um facão, facão... Um taco de* baseball*, andava só com eles.*

Independentemente das armas, ela já usava a violência para se impor desde muito nova. Esse aspecto ficou claro quando ela relatou alguns eventos, como quando descobriu que seu namorado estava escondendo algumas peças de carne que eles haviam roubado juntos:

> *[...] "cadê as picanha? Tá faltando picanha aqui", "não, essas aí". Eu falei "não, eu peguei x você pegou x, cadê?", "não, e não sei o que". [...] Aí ele tinha um FIAT, um FIAT quadradinho e dava pra levantar o capô atrás, né? [...] Abri, estava tudo lá que ele tinha roubado. Aí, nossa, mas eu bati tanto nesse cara dentro do carro! [...] nós brigava, brigava, brigava. Nossa, eu já quebrei garrafa de cerveja na cara dele, nossa... Uma vez eu queria matar ele com uma faca.*

Ou quando pegou seu marido a traindo com uma vizinha:

> *[...] nós estava construindo uma casa lá no [Bairro], aí eu quase não ia lá na construção, eu nunca subia. [...] Nunca subia. Um dia eu subi. Ela lá em cima de calcinha e sutiã. Eu peguei essa mulher, eu dei uma surra nela, mas eu dei uma surra nela...*

Apesar de também afirmar que "*não queria arma, não gostava de arma*" e que "*não gostava de resolver no revólver... era tudo na lábia, tudo na conversa*", Joana relatou um episódio em que reencontrou uma pessoa que fazia *bullying*[56] com ela durante o ensino fundamental e usou um revólver para intimidá-la.

---

[55] Fala de Alexia.

[56] "*Bullying*: conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidação física ou psicológica exercido de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável." Retirado de: "*bullying*", *in* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, https://dicionario.priberam.org/bullying [consultado em 12-11-2020]. O termo se popularizou muito na última década e é usado por Joana para se referir às violências – incluindo racismo e agressão física – que sofreu sistematicamente durante o período em que estava na escola.

> *Uma vez encontrei com uma dessas coleguinhas, hoje ela é uma mulher casada, logicamente não tem... hoje não, né? Mas antes... entendeu? Eu encontrei com ela, fiz ela mijar na calça mesmo. Falei "você lembra, véi, que que você fez comigo? Você me bateu tanto, sô". Nossa, ela me bateu tanto que eu, evacuei mesmo. Mas não foi só ela, não. Aí eu coloquei meu revólver na cara dela, falei assim "tá vendo se eu quisesse te matar?" aí ela foi e fez xixi na calça [rindo]*[57].

Apesar de disporem de meios para se defender, as entrevistadas afirmaram que o medo era constante. Ambas relataram dois temores principais: o de serem presas e o de serem mortas. Alexia deu mais ênfase ao primeiro e citou diversos episódios em que "cismava" que a polícia estava prestes a prendê-la e ficava "paranoica". Ela mudava a aparência frequentemente (principalmente a cor do cabelo), evitava transitar em locais que tivessem algum tipo de monitoramento eletrônico e já chegou a fugir de casa no meio da madrugada, junto com o marido e os filhos, pois acreditava que policiais poderiam invadir a residência a qualquer momento.

> *[...] Sua mente, você não tem mente nem pra dormir. [...] pegava viagem de que a polícia ia lá em casa, pegava tudo, pegava menino, colocava dentro do carro e vazava pra roça e aquela confusão toda. [...] Eu, eu já viajei, já fui pra [Cidade], cheguei quatro horas, seis horas da manhã, na minha loucura, voltei de novo, coloquei todo mundo no carro, voltei de novo. Pra você ver, tirei os meninos de madrugada da cama, fui, porque eu cismei que a polícia estava lá, depois lembrei que eu tinha esquecido droga lá dentro, tive que voltar seis da manhã. [...] Aí... A loucura total, a pessoa não tem sossego, não. [...] na época que eu traficava eu sabia até onde tinha as câmera. Eu sabia de todas as câmeras. Eu esquivava de todas, eu sabia tudo, onde tinha todas as câmeras, agora tem câmera em tudo quanto é lugar. [...] ainda tem o disfarce, não falei do disfarce, a gente é... Eu mudava de cabelo constantemente...*

Joana, por sua vez, citava constantemente o medo da morte – "*Porque eu vi muita gente morrer, muita gente. Eu acho que eu tomei mais trauma ainda quando meu primo, eu vi meu primo ali morto ali. Eu acho que foi uma cena muito chocante*". Seu medo não se limitava apenas aos inimigos ou à possibilidade da violência policial, incluindo também seus próprios parceiros. Por ser responsável por muitas partes da operação, ela receava que, em função do estresse e da sobrecarga, pudesse cometer algum erro que fosse interpretado como uma traição contra seus superiores:

> *Medo de morrer, medo de... de me matar que... de tanta pressão, era muita pressão, eu tinha medo da responsabilidade que eu tinha, porque eu sabia que aquilo era muito grande [...] E eu sabia que ele, pelo menos... sei lá, achasse que eu tava roubando ele, ele mandava me matar.*

[57] Anteriormente, Joana afirmou que nunca teve uma arma de fogo. Entretanto, neste trecho ela diz "meu revólver".

O tempo que passaram na prisão também foi impactante para a saúde mental das duas. Para além das privações inerentes ao cárcere, a saudade da família agravava o sofrimento. Nem sempre as visitas eram possíveis, em função da distância entre a residência e o presídio, dos gastos com descolamento ou das obrigações dos membros da família, como pontuado por Alexia, que disse: "*Às vezes eu ficava um mês sem visita, aí tinha mês que eu tinha visita toda semana. Mas é... eu também entendia, eles trabalham, dinheiro... não é barato ir na cadeia*". De fato, os estudos acerca do tema indicam que as mulheres estão mais propensas a sofrer abandono familiar no cárcere (CERNEKA, 2009; CURY E MENEGAZ, 2017; PICOLLI E TUMELERO, 2019). Quando eram possíveis, as visitas por vezes despertavam sentimentos contraditórios. Joana expressou esse contrassenso por meio do seguinte relato:

> *[...] eu fiquei muito triste quando minha avó foi lá. Minha avó chegou a ir lá visitar, nunca tinha visitado um neto na cadeia. [...] eu não esperava, foi uma visita surpresa, a visita... [...] na hora que eu cheguei lá eu vi minha avó. Nossa senhora, primeiro ela me bateu [rindo]. Aí é [rindo] ela me bateu na frente de todo mundo. Assim, mas fiquei quietinha, sabe? Ela é uma velhinha, sabe? Ela tem 97 agora. [...] Fiquei feliz, me senti fortalecida, mas triste ao mesmo tempo, com vergonha da minha avó estar ali, sabe?*

Alexia contou também que não conseguia conversar com o irmão e com o primo porque eles choravam durante toda a visita.

> *Nossa, quando meu irmão ia, meu irmão ficava chorando o tempo todo, meu primo também ficava chorando o tempo todo, ah... e ficava assim, acabava que a gente nem falava muito, não. Eu ficava lá sentada vendo eles chorando, eles choram pra caramba.*

Como já pontuado, essa não é uma questão chave do presente trabalho. Entretanto, seria inconsistente desconsiderar os impactos que essa experiência teve no âmbito psicossocial da vida das entrevistadas, uma vez que estes também são evidenciados na narrativa de suas trajetórias.

Após tomarem a decisão de abandonar o tráfico de drogas, as duas afirmam sentir arrependimento – não pelas funções que exerceram, mas pelo dano que podem ter causado às pessoas que consumiam as substâncias vendidas por elas. Joana, que perdeu todos os bens materiais que possuía antes de ser presa, se conformou, pois acredita que "sofreu de volta" o mesmo dano que ela infligiu aos outros: "*Eu também dei muito migué em muita gente, vamos dizer assim, eu atraí muita gente pra coisa ruim. [...] Tudo o que eu perdi... é... foi o que eu fiz muita gente perder também*". Até a data da última entrevista, ela

continuava enfrentando as consequências psíquicas acumuladas durante o tempo em que vivia tensa e apreensiva:

> *Hoje eu durmo melhor, mas não durmo 100%, não, eu ainda tenho pesadelos, eu tenho depressão, entendeu? [...] hoje eu frequento o AA, não tô indo com tanta frequência mais, não, mas eu vou porque eu tomo fluoxetina, eu tomo remédio, às vezes eu tomo remédio pra dormir [...] Mas eu tenho, às vezes eu tenho pesadelo. Tenho pesadelos, muito horrorosos, é estranho.*

Da mesma forma, Alexia expressou arrependimento: "*Você acha que eu não me arrependo? Me arrependo do que eu fiz. Eu destruí muita família, destruí muitas vidas. [...] Quantos filhos roubaram as mães? Quantos filhos até bateram nas mães? Eu, você acha que eu não me arrependo? Arrependo*". Ela tenta compensar o dano que acredita ter causado participando de projetos voluntários na comunidade onde mora e ensinando aos filhos a partilharem e serem solidários com o próximo:

> *[...] tem um negócio na comunidade lá que você pode ajudar... dar lanche, é... cozinhar, você faz o que você quiser. O que você achar que você tá afim de fazer [...] tem lá um projetinho lá que tá dando certo [...].*

> *Eu pego o meu menino e levo ele pros lugares que eu vou, pra mostrar pra ele como é que funciona, como é que a vida de outra pessoa é diferente da dele. [...] "olha, tá vendo? Olha a alegria dessa pessoa ao receber o que a gente tá dando?" [...] "o negócio aqui não é que você tá trabalhando de graça, não. Enfia na sua cabeça. Você está apenas doando o seu tempo que você ia estar fazendo merda, que eu sei muito bem, pra dar alegria pra alguém que tá precisando".*

Destaca-se o caráter moralizante da fala das entrevistadas, que constantemente classificam os eventos narrados como "bom/certo" e "ruim/errado".

Entretanto, essa é uma escolha que precisa ser reafirmada constantemente, pois ambas continuam recebendo inúmeras propostas para voltar ao tráfico de drogas e seus trabalhos atuais, "de carteira assinada", nem sempre são suficientes para oferecer o conforto que ambas desejam para a família.

Para vencer as dificuldades, as duas continuam trabalhando e investindo em suas aspirações. No momento das entrevistas, Joana trabalhava em três posições diferentes (operadora de telemarketing, garçonete e artesã) e almejava a quarta: estava juntando dinheiro para trocar de faixa e se tornar instrutora de Muay Thai e Jiu Jitsu. Alexia, por sua vez, trabalhava como doméstica e estava juntando dinheiro para fazer um curso de cuidadora de idosos: "*quero ganhar melhor, né?*".

Nas palavras de Alexia: "*hoje nós estamos na rua, nós trabalhamos, né? Então, nós, nós não somos bem de vida, mas nós temos sossego, temos nosso canto [...] porque*

é bom demais a chegada do trabalho, deitar na sua cama, ver sua televisão, você dormir sabendo que a polícia não vai entrar [...]".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, objetivou-se compreender o trabalho feminino no tráfico de drogas. Os principais articuladores teóricos deste trabalho foram as ferramentas e técnicas de gestão estudadas, discutidas e consolidadas pela administração enquanto campo de estudo, em conjunto com uma postura oriunda da psicossociologia do trabalho – bem como pesquisas que discorrem sobre a divisão sexual deste – e da criminologia crítica. Por meio da trajetória de vida laboral de duas mulheres – egressas do sistema prisional que cumpriram pena em função de crimes relacionados ao tráfico de drogas –, a pesquisa obteve êxito em responder aos objetivos específicos, que se dividiram em dois segmentos principais: o primeiro diz respeito à gestão do tráfico de drogas e à forma como ocorrem os processos decisórios nessa organização; o segundo é centrado no trabalho feminino nesse contexto.

A respeito da gestão em uma organização ilícita, foi possível perceber que, além de reproduzir o arranjo de uma organização empresarial formal, o tráfico de drogas também dispõe da mesma lógica de gestão. Apesar de operarem em contextos diferentes, essas organizações compartilham o mesmo objetivo: maximizar os lucros e diminuir os riscos, de forma que a reprodução de ferramentas administrativas é estimulada. Levando-se em conta que a gestão é um processo intrínseco ao corpo social, essa lógica é reproduzida de maneira naturalizada, sendo adaptada e incorporada ao meio pelos agentes que dele participam.

Por meio da análise dos relatos, percebe-se que o processo decisório no tráfico de drogas não se adequa aos modelos de tomada de decisão baseados na racionalidade limitada, uma vez que a quantidade de etapas previstas nestes demanda muito tempo e não corresponde à urgência exigida pela atividade. A respeito dos modelos centrados nas relações de poder e política, por mais que estas interfiram no processo decisório do tráfico de drogas, o período entre a necessidade da tomada de decisão e a tomada de decisão efetiva não permite compreender a análise de jogadores, posições, interesses, influência e a combinação entre todos esses fatores, estágios previstos nesse modelo. Por sua vez, no que tange ao *garbage can*, mesmo que este preveja a tomada de decisão ocorrendo de forma dinâmica, ela não pode ser considerada como completamente caótica e/ou aleatória, uma vez que não ocorre em uma "anarquia organizada" (CHOO, 2006; MILLER, HICKSON E WILSON, 2009; BORGES, 2012).

Tem-se, então, que, para se adequar ao contexto e às demandas do mercado em que opera, o tráfico de drogas, enquanto organização, funciona a partir de um processo de tomada de decisão descentralizado, indo na contramão dos modelos que preveem que este se dá apenas entre os gestores máximos – não cabendo, aqui, a discussão acerca da troca de informação entre pessoas que ocupam posições com níveis hierárquicos diferentes, uma vez que estas são protagonistas do processo decisório.

Essa configuração só é possível porque o contexto: (1) possui uma integração muito forte entre o meio social e os sujeitos que dele participam, de forma que as normas são internalizadas por todos; (2) demanda agilidade e adaptabilidade; (3) não conta com a presença de leis trabalhistas ou qualquer outro tipo de mecanismo que force a organização a arcar com as consequências da tomada de decisão realizada pelos sujeitos, uma vez que cada um age como um "empreendedor de si mesmo", "independentemente do seu lugar na hierarquia" (MALVASI, 2012); e (4) utiliza-se da violência como mecanismo viabilizador dos aspectos anteriormente citados. Dessa forma, por mais que a gestão seja, em certo nível, compartilhada entre todos os agentes, ela não vai ao encontro da emancipação dos sujeitos proposta por Durrive (2016). Percebe-se, então, que, na ausência de leis e obrigações trabalhistas e em um contexto neoliberal, a descentralização da tomada de decisão não age de forma a oferecer maior autonomia ao sujeito, mas como uma ferramenta mais sofisticada de precarização do trabalho.

O trabalho no tráfico é dotado de uma série de potenciais estressores, uma vez que a responsabilidade recai sobre os sujeitos de maneira individual, como foi abordado ao longo da pesquisa. Cada um dos trabalhadores é responsável por suas escolhas e, da mesma forma, cada um deve lidar diretamente com as consequências das mesmas. Esse aspecto, atrelado à demanda da organização de que as tarefas sejam cumpridas com excelência, sem que erros sejam cometidos, bem como os aspectos violentos da organização, leva os sujeitos a se submeterem a riscos psicossociais que podem afetar negativamente sua saúde, mas que, em contraponto, permitem que eles se reconheçam no próprio trabalho e atinjam as expectativas postas pela organização (CLOT, 2017). Para as mulheres do tráfico, acrescenta-se a essas condições a necessidade frequente de se provar, atribuindo valor não só ao seu trabalho, mas à sua existência.

A elaboração desta dissertação, contudo, possui algumas limitações. Em função da complexidade das trajetórias das entrevistadas, do tempo de duração da pesquisa, do campo e do escopo do presente trabalho, tornou-se necessário delimitar as análises. Assim, sugere-se, para trabalhos futuros, um estudo aprofundado a respeito do aspecto

dicotômico do vínculo social no tráfico de drogas, que se mostra forte entre sujeito e organização, mas enfraquecido entre os sujeitos que dela participam. Ademais, o estudo desse mercado varejista é apenas um dos elos da complexa cadeia de suprimentos do tráfico de drogas, de forma que esta se mostra uma área fértil para outros trabalhos, principalmente a partir da perspectiva clínica e da psicossociologia do trabalho.

Como contribuições desta pesquisa para o campo da Administração, principalmente ao que tange os Estudos Organizacionais, aponta-se a utilização de um método clínico, tendo a trajetória de vida laboral como principal aporte metodológico para investigar um objeto de pesquisa ainda pouco explorado na área. Cita-se, também, o estudo da tomada de decisão em uma organização ilícita e a compreensão de que os modelos de processo decisório não se aplicam a qualquer sujeito, contexto ou organização. Por sua vez, contribuiu-se para os estudos clínicos a respeito do trabalho a paritr da percepção de que, em um contexto neoliberal, uma ferramenta que serviria para aumentar a autonomia do sujeito pode se transformar em um mecanismo ainda mais sofisticado de precarização da atividade laboral.

Por fim, conclui-se que as mulheres assumem e acumulam mais funções do que os homens que ocupam o mesmo nível hierárquico. Em função do machismo estrutural vigente do tráfico de drogas, elas se esgotam na tentativa de se livrar o estereótipo de "mulher frágil", reforçando suas posições, o exercício de seu poder e seu valor para a organização. Em uma atividade inserida na mesma lógica capitalista predatória dos negócios lícitos, nos quais a competitividade e a pressão por produtividade são capazes de causar esgotamento, essas mulheres sucumbem na tentativa de fazer mais do que já é exigido pela organização. Percebe-se, então, que a reprodução social do machismo extrapola o meio, uma vez que essa se repete tanto nas organizações, lícitas e ilícitas, quanto nas instituições (como, por exemplo, a família). Porém, nesse contexto específico, esses fatores são somados à tensão e ao medo intrínsecos a uma atividade ilegal envolvida em um contexto violento. O apogeu dessa trajetória culmina no título desta dissertação: ou presa – privada de seus direitos básicos e da possibilidade de exercer a função por meio da qual se reconheceu como um sujeito autônomo – ou morta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S.; SALLA, F. **Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC**. Estudos avançados, v. 21, n. 61, p. 7-29, 2007.

ALBANESE, J. S.; DAS, D. K.; VERMA, A. **Organized Crime**: World Perspectives. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

ALBERTI, V. **Fontes Orais**. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALVES, N. **E se a melhoria da empregabilidade dos jovens escondesse novas formas de desigualdade social?**. Sísifo, n. 2, p. 59-68/EN 59-66, 2016.

ALVES, T. M. **Pódio Vexatório**: o bronze brasileiro no ranking mundial de países com maior população carcerária e as possíveis estratégias desencarceradoras. Revista Estudos Políticos, v. 9, n. 18, p. 42-57, 2018.

AMORIM, C. **Comando Vermelho**: a história secreta do crime organizado. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

ANDRADE, C. M. de. **Percepção de valor da personalização**. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD). Brasília, 2016.

ARAUJO, E. P. O. **Processos decisórios estratégicos**: utilização da dimensão simbólica para a compreensão dos aspectos subjetivos no uso da informação por gestores. Prisma. com, n. 41, p. 167-190, 2020.

ASSIS, R. D. **A realidade atual do sistema penitenciário brasileiro**. Revista CEJ, Ano XI, n. 39, p. 74-78, 2007.

BACHRACH, P.; BARATZ, M. S. **Decisions and nondecisions**: An analytical framework. The American Political Science Review, v. 57, n. 3, p. 632-642, 1963.

BACHRACH, P.; BARATZ, M. S. **Power and poverty**: Theory and practice. Oxford University Press, 1970.

BARCINSKI, M. **Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, p. 1843-1853, 2009a.

BARCINSKI, M. **Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Ciência & saúde coletiva, v. 14, p. 577-586, 2009b.

BARCINSKI, M. **Expressões da homossexualidade feminina no encarceramento**: o significado de se "transformar em homem" na prisão. Psico-USF, v. 17, n. 3, p. 437-446, 2012.

BARROS, A. N. de; ANDRADE, C. R. de; GUIMARAES, L. de V. M. **O Lugar do trabalho na psique dos indivíduos**: luto, melancolia e auto-aniquilamento do ego. Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração– EnANPAD, v. 32, 2008.

BARROS, V. A. de; LOPES, F. T. **Considerações sobre a pesquisa em história de vida**. In: In: SOUZA, E. M. (org). Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014.

BARROS, V. A.; SILVA, L. R. da. **A pesquisa em história de vida**. In: Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos, p. 133-146, 2002.

BASTOS, F. I. **Política de drogas na segunda década do novo milênio**: reforma ou revolução?. Argumentum, v. 7, n. 1, p. 8-16, 2015.

BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. **Introdução às clínicas do trabalho**: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: Clínicas do trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, p. 3-21, 2011b.

BERNHOEFT, R.; GALLO, M. **Governança na empresa familiar**: gestão, poder e sucesso. Elsevier Brasil, 2003.

BERTÓ, D. J.; BEULKE, R. **Gestão de custos**. São Paulo: Saraiva, 2017.

BIROLI, F. **Divisão sexual do trabalho e democracia**. Dados-Revista de Ciências Sociais, v. 59, n. 3, 2016.

BLAU, P. M.; SCOTT, W. R. **Organizações formais**. São Paulo: Atlas, 1970.

BOITEUX, L. et. al. **Série pensando o direito**: Tráfico de drogas e Constituição. Brasília: Ministério da Justiça, 2009.

BOITEUX, L. **A reforma da Política Internacional de Drogas virá de baixo para cima**. Argumentum, v. 7, n. 1, p. 17-20, 2015a.

BOITEUX, L. **Opinião pública, política de drogas e repressão penal**: uma visão crítica. In: BOKANY, Vilma (Org.). Drogas no Brasil: entre a saúde e a justiça. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 143-158, 2015b.

BORGES, M. L. et al. **Produção de sentido em processos decisórios**: um estudo no contexto de eventos inesperados na perspectiva da análise da conversa. 2012. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

BOWERSOX, Donald J. et al. **Gestão logística da cadeia de suprimentos**. São Paulo: Bookman Companhia Ed, 2014.

BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1984.

BRASIL, **Código Civil**. Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. 11, 2002.

BRASIL, **Decreto nº 4.345**, de 26 de agosto de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

BRASIL, **Lei nº 12.850**, de 2 de agosto de 2013. Diário Oficial da União 5.8.2013 - Edição Extra. Brasília, DF, 2013.

BRASIL; MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (MJ). **Levantamento nacional de informações penitenciárias**: INFOPEN Mulheres - 2016. Departamento Penitenciário Nacional - DEPEN. 2016.

BRASIL; MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (MJ). **Levantamento nacional de informações penitenciárias**: INFOPEN - 2018. Departamento Penitenciário Nacional - DEPEN. 2018.

BRASIL. **Decreto n. º 9.791, de 11 de abril de 2019**. Diário Oficial da União, ed. 70-A, seção 1 – Extra, p. 7, 2019.

BULLYING, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/bullying>. Acesso em 12/11/2020.

CAEIRO, M. L. **A minha vida foi só trabalhar**: a construção do sentido para o trabalho de faxina. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte.

CALDAS, M. P.; TONELLI, Maria J. **O homem camaleão e os modismos gerenciais**: uma discussão sociopsicanalítica do comportamento modal nas organizações. In: MOTTA, Fernando C. P.; FREITAS, Maria E. Vida psíquica e organização. Rio de Janeiro: FGV, 2000. cap. 7, p.130-147.

CARRETEIRO, T. **História de vida laboral e aposentadoria**: uma metodologia em discussão. Psicologia em Revista, v. 23, n.1, p. 430-441, 2017.

CARRETEIRO, T. C. O.; BARROS, V. A. de. **Intervenção psicossociológica**. In: Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho: clínicas do trabalho. São Paulo: Atlas, p. 101-128, 2014.

CARVALHO, D.; JESUS, M. G. M. de. **Mulheres e o tráfico de drogas**: um retrato das ocorrências de flagrante na cidade de São Paulo. Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília. UNESP, Marília, Ano, p. 177-192, 2012.

CARVALHO, J. C. de. **A emergência da política mundial de drogas**: o Brasil e as primeiras Conferências Internacionais do Ópio. Oficina do Historiador, v. 7, n. 1, p. 153-176, 2014.

CASTILHO, E. W. V. de. **Execução da Pena Privativa de Liberdade para Mulheres:** A Urgência de Regime Especial. Justitia, n. 64, p. 37 – 45, 2007.

CASTRO, F. G.; ZANELLI, J. C. **Burnout e perspectiva clínica**: contribuições do existencialismo e da sociologia clínica. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, v. 10, n. 2, p. 38-53, 2010.

CAVALLINI, M. **Candidatos jovens e atualizados têm maior preferência no mercado de trabalho, diz pesquisa**. G1 Economia. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/02/15/candidatos-jovens-e-atualizados-tem-maior-preferencia-no-mercado-de-trabalho-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 10/09/2020.

CERNEKA, H A. **Homens que Menstruam**: Considerações a Acerca do Sistema Prisional as Especificidades da Mulher. Veredas do Direito, v. 6, p. 61, 2009.

CHOO, . W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar conhecimento, construir conhecimento e tomar decisões. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

CLOT, Y. **O higienismo contra o trabalho de qualidade?.** Revista Horizontes Interdisciplinares da Gestão, v. 1, n. 1, p. 115-126, 2017.

COHEN, M. D.; MARCH, J. G.; OLSEN, J. P. **A garbage can model of organizational choice**. Administrative science quarterly, p. 1-25, 1972.

COSTA-ROSA, A. et al. **O modo psicossocial**: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: AMARANTE, P. (org). Ensaios: subjetividade, saúde mental, sociedade [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ,2000.

COSTA, W. P. L. B. et al. **Utilização da Contabilidade Gerencial nas Micro e Pequenas Empresas**. Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação, v. 2, n. 2, p. 49-58, 2020.

CRISPINIANO, M. N. **JOANA D'ARC**: UMA EXCESSÃO AO PENSAMENTO FEMININO NO SÉCULO XV. In: XVI Encontro Estadual de História (v. 16, n. 1, 2014). 2014.

CYERT, R. M.; DILL, W. R.; MARCH, J. G. **The role of expectations in business decision making**. Administrative Science Quarterly, p. 307-340, 1958.

CUNHA, D. F. S. **Criminalidade Organizada**: antigos padrões, novos agentes e tecnologias. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 8, 2011.

CUNHA, E. P. **Gênese, razoabilidade e formas mistificadas da relação social de produção em Marx**: organização burocrática como abstração arbitrária. 2010. Tese (Doutorado em Administração) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CURCIO, F. S. **Mulher, tráfico de drogas e memória:** entre a submissão e a resistência?. 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Programa dePós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CURY, J. S.; MENEGAZ, M. L. **Mulher e o cárcere**: uma história de violência, invisibilidade e desigualdade social. SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUNDO DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO, v. 11, 2017.

DAFT, R. L. **Organizações**: teoria e projetos. 11. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

DE SOUZA, K. O. J. **A pouca visibilidade da mulher brasileira no tráfico de drogas**. Psicologia em estudo, v. 14, n. 4, 2009.

DESROCHES, F. **Research on upper level drug trafficking**: a review. Journal of Drug Issues, v. 37, n. 4, p. 827-844, 2007.

DIAS, C. C. N. **Da guerra à gestão**: trajetória do Primeiro Comando da Capital (PCC) nas prisões de São Paulo. Revista Percurso, v. 10, n. 2, p. 79-96, 2009.

DIAS, T.; GARÇONI, I. **Publicamos pela primeira vez o estudo sobre drogas que o governo escondeu:** leia o relatório da Fiocruz que nega a 'epidemia' de drogas que Osmar Terra alardeia – e que ele decidiu embargar. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/31/estudo-drogas-integra/>. Acesso em 03/06/2019.

DIRTY money. Direção de Ted Braun. Estados Unidos da América: Netflix, 2018. 6 Episódios (386 min).

DORNELLES, J. R. W. **O que é crime**. Brasiliense, 2017.

DUARTE, D. F. **Uma breve história do ópio e dos opióides**. Rev Bras Anestesiol, v. 55, n. 1, p. 135-146, 2005.

DURRIVE, L. **Compétence et activité de travail**. Éditions l'Harmattan, 2016.

ENRIQUEZ, E. **Vida psíquica e organização**. Organizações & Sociedade, v. 3, n. 4, 1995.

ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

ENRIQUEZ, E. **O homem do século XXI**: sujeito autônomo/ ou indivíduo descartável. RAE eletrônica, v. 5, n. 1, p. 0-0, 2006.

EPISÓDIO 19 - Massacre do Carandiru. [Locução de]: Anna Lívia Marques e Fernanda Rentz. São Paulo, 14 e junho de 2020. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7KIehoumAB4QCgIgT9NIay?si=u17diR0FTayXVWgu7CL-3A. Acesso em 20/06/2020.

ETZIONI, A. **Organizações modernas**. 8 ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

FARIA, Jose Henrique de. **Economia política do poder**. Curitiba: Juruá, v. 2, p. 202, 2004.

FARIA, A. A. C.; BARROS, V. A. **Tráfico de drogas**: uma opção entre escolhas escassas. **Psicologia & sociedade**, v. 23, n. 3, p. 536-544, 2011.

FARIA, J. H.; MENEGHETTI, F. K. **Burocracia como organização, poder e controle**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 51, n. 5, p. 424-439, 2011.

FAYOL, H. **Administração industrial e geral**: previsão, organização, comando, coordenação," controle". São Paulo: Atlas, 1978.

FEFFERMANN, M. **Vidas Arriscadas**: cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico. Revista Segurança Urbana e Juventude, v. 1, n. 2, 2008.

FERRARI, D. F. M.; NERES, G. M. **Políticas públicas no uruguai em tempos de mujica:** o impacto da legalização do aborto e da maconha sobre a mídia digital brasileira. Tempo da Ciência, v. 22, n. 43, p. 55-62, 2015.

FERREIRA, L.; MACHADO, M. R. A.; MACHADO, M. R. **Massacre do Carandiru**: vinte anos sem responsabilização. Novos estudos CEBRAP, n. 94, p. 05-29, 2012.

FERREIRA, T.; FILHO, V. A. V. **Limiares das barreiras organizacionais:** verticalização x horizontalização. IX Monstra Acadêmica UNIMEP. Piracicaba, 2011.

FORMIGONI, H. et al. **Estudo sobre os incentivos tributários para o gerenciamento de resultados contábeis nas companhias abertas brasileiras**. Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS, v. 9, n. 1, p. 41-52, 2012.

FRINHANI, F. M. D.; SOUZA, L. **Mulheres encarceradas e espaço prisional:** uma análise de representações sociais. **Psicologia: teoria e prática**, v. 7, n. 1, p. 61-79, 2005.

FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, A. V. **O patrimônio em uma perspectiva crítica**: o caso do Quilombo dos Palmares. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 33-47, 2005.

GARÉ, C. C. T. **Para além da guerra às drogas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Centro Universitário Eurípides de Marília, São Paulo.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GAULEJAC, V. de. **A neurose de classe**: trajetória social e conflitos de identidade. São Paulo: Via Lettera, 2014.

GILFUS, M. **From victims to survivors to offenders:** Women's routes of entry and immersion into street crime. In: Alarid LF, Cromwell P, editors. In her own words: Women offenders' views on crime and victimization. Los Angeles: Roxbury Publishing Company; 1992. p. 5-14.

GLENNY, M. **O dono do morro**: um homem e a batalha pelo Rio. Editora Companhia das Letras, 2016.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995a.

GODOY, A. S. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas**. RAE - Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 4, jul./ago. 1995b.
GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Editora Record, 1997.

GONÇALVES, R. de C.; LISBOA, T. K. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**. Revista Katálysis, v. 10, n. esp, p. 83-92, 2007.

GONZÁLEZ-REY, F.; SILVA, M. A. F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Cengage Learning, 2005.

GUIMARÃES, L. de V. M. **Entre o céu e o inferno**: confissões de executivos no topo da carreira profissional. 2014. Tese (Doutorado em Administração) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

IBGE – INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Aglomerados Subnormais 2019**: classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à Covid-19. Rio de Janeiro: IBGE, 19 maio 2020. (Nota Técnica, n. 01/2020).

KERGOAF, D. **A relação social de sexo da reprodução das relações sociais à sua subversão**. Pro-posições, v. 13, n. 1, p. 47-59, 2002.
IZA. **Dona de mim**. Dona de mim. Rio de Janeiro, Warner Music Brasil, 2018.

JOHNSON, C. A. et al. **Relative effectiveness of comprehensive community programming for drug abuse prevention with high-risk and low-risk adolescents**. Journal of consulting and clinical psychology, v. 58, n. 4, p. 447, 1990.

LHUILIER, D. **Filiações teóricas das clínicas do trabalho**. In: Clínicas do trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, p. 3-21, 2011.

LHUILIER, D. **Introdução à psicossociologia do trabalho**. Cadernos de psicologia social do trabalho, v. 17, n. spe1, p. 5-19, 2014.

LIEDKE, E. R. Trabalho. In: CATTANI, Antônio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2006, p. 319-325.

LIMA, I. C. B. F. et al. **Impactos da política de drogas para crianças, adolescentes e jovens:** a redução de danos como possibilidade de intervenção psicossocial. In: Atenção psicossocial para crianças e adolescentes: pesquisa-intervenção nas redes. São Paulo: Zagodoni Editora, p. 80-106, 2017.

LIMA, R. C. C. **A contra-reforma da Política de droga portuguesa em período de austeridade econômica**. Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social, v. 1, n. 1, 2016.

MALVASI, P. A. **Interfaces da vida loka**: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo, 2012. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARCH, J. G. **Decisions and organizations**. Oxford: Blackwell, 1989.

MARCH, J. G. The pursuit of organizational intelligence. Malden: Blackwell Publishers, 1999.

MARCH, J. G. **Como as decisões realmente acontecem**: princípios da tomada de decisões. Trad. André Alonso Machado. 1. ed. São Paulo: Leopardo, 2009.

MARLATT, G. A.; LARIMER, M. E.; WITKIEWITZ, K. (Ed.). **Harm reduction**: Pragmatic strategies for managing high-risk behaviors. Guilford Press, 2011.

MELOSSI, D.; PAVARINI, M.. **Cárcere e fábrica: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX)**. Revan, 2006.

MENDES, V. L.; PEDRON, C. D.. **Programas de Fidelidade**: um estudo de múltiplos casos em empresas portuguesas. Revista Brasileira de Marketing, v. 13, n. 1, p. 60-74, 2014.

MENDES, R. O. et al. **Revisão da literatura sobre implicações para assistência de usuários de drogas da descriminalização em Portugal e Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 24, p. 3395-3406, 2019.

MENDONÇA, B. E. L. et al. **Inclusão social e reabilitação psicossocial de dependentes químicos apenados**. Interfaces-Revista de Extensão da UFMG, v. 4, n. 2, p. 206-231, 2016.

MILANI, N. C.; MOSQUIN, E. S.; MICHEL, M. **Uma breve análise sobre os conceitos de organização e cultura organizacional**. Revista Científica Eletrônica De Administração, Ano VIII–Número, 2008.

MILLER, D. W.; STARR, M. K. **Estrutura das decisões humanas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MILLER, Susan J.; HICKSON, D. J.; WILSON, D. C. **A tomada de decisão nas organizações**. In: CLEGG, Stewart, HARDY, Cynthia, NORD, Walter. Handbook de estudos organizacionais. Volume 3: Ação e Análise Organizacionais. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS, Miguel; FACHIN, Roberto; FISCHER, Tânia. São Paulo: Atlas, 2009.

MINGARDI, G. **O trabalho da Inteligência no controle do Crime Organizado**. Estudos Avançados, v. 21, n. 61, p. 51-69, 2007.

MINTZBERG, H.; RAISINGHANI, D.; THEORET, A. **The structure of" unstructured" decision processes**. Administrative science quarterly, p. 246-275, 1976.

MOREIRA, P. A. et al. **Modelo de Remuneração na Gestão de Pessoas**: a Estruturação Tradicional de Cargos e Salários Ainda Pode Trazer Benefícios?. Future Studies Research Journal: Trends and Strategies, v. 8, n. 3, p. 3-23, 2016.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. **Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. 1, 2007.

PAGÈS, M. et al. **O poder das organizações:** a dominação das multinacionais sobre os indivíduos. Atlas, 1987.

PAUGAM, S. **O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais**. In: As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. São Paulo: Vozes, 1999.

PERRONE, P. A. K. **A comunidade terapêutica para recuperação da dependência do álcool e outras drogas no Brasil**: mão ou contramão da reforma psiquiátrica?. Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, p. 569-580, 2014.

PETTIGREW, A. M. **Strategy formulation as a political process**. International studies of management & organization, v. 7, n. 2, p. 78-87, 1977.

PETTIGREW, A. M. **Studying strategic choice and strategic change**. A comment on Mintzberg and Waters:'Does decision get in the way?'. Organization studies, v. 11, n. 1, p. 6-11, 1990.

PICOLLI, A. C. G.; TUMELERO, S. M. "**NUM BARRACO QUE NINGUÉM RECEBE VISITA**": O ABANDONO SOCIOFAMILIAR DA MULHER PRESA. Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Brasília: 2019.

PIMENTEL, E. **Amor bandido**: as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas. In: VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas. Universidade de Lisboa. 2008.

PINHEIRO, D. C. **Em busca de contribuições para a gestão na economia solidária**: um estudo a partir da literatura e do caso cecosesola, 2013. Tese (Doutorado em Administração) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PINTO, B. O. S.; CARRETEIRO, T. C. O. C.; RODRIGUEZ, L. S. **Trabalhando no "entre"**: A História de Vida Laboral Como Método de Pesquisa em Psicossociologia. Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 2, n. 5, p. 976-1022, 2016.

PROCÓPIO FILHO, A.; VAZ, A. C. **O Brasil no contexto do narcotráfico internacional**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 40, n. 1, p. 75-122, 1997.

RAMOS, L. de S. **Por amor ou pela dor?**: um olhar feminista sobre o encarceramento de mulheres por tráfico de drogas. 2012.Dissertação (Mestrado em Direito Estado e Constituição) - Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Brasília, Brasília.

RIBEIRO, I. **Implicações da Obra de March e Simon para as Teorias das Organizações e Tomada de Decisão**. Revista Ibero Americana de Estratégia, v. 14, n. 4, p. 149-159, 2015.

RODRIGUES, T. **A infindável guerra americana**: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente. São Paulo em perspectiva, v. 16, n. 2, p. 102-111, 2002

RODRIGUES, T . **Política de drogas e a lógica dos danos**. Verve. Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol., v. 3, n. 3, 2003.

RODRIGUES, T . **Drogas, proibição e abolição das penas**. Curso livre de abolicionismo penal. Rio de Janeiro: Revan, p. 131-151, 2004.

RODRIGUES, T . **Narcotráfico**: um esboço histórico. In: Álcool e drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda, p. 291-310, 2005.

RODRIGUES, T . **Tráfico, guerras e despenalização**. Le Monde Diplomatique Brasil, v. 26, p. 6-7, 2009.

SCHERER, Z. A. P. et al. **Mulheres privadas de liberdade**: representações sociais de prisão, violência e suas consequências. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. 3, 2020.

SCHULTZ, Glauco. **Introdução à gestão de organizações** (DERAD103). Plageder, 2016.

SEGNINI, L. R. P. **Mulheres, mães, desempregadas**: contradições de uma condição social. In: Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, v. 3, p. 31-54, 2003.

SILVA, C. L. M.; FONSECA, V. S. **Estruturação da estrutura organizacional**: o caso de uma empresa familiar. Revista de Administração Contemporânea, v. 14, n. SPE, p. 11-32, 2010.

SILVA, R. O. **Teorias da administração**. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2013.

SILVA, R. **A eficácia sociopedagógica da pena de privação da liberdade**. Educação e Pesquisa, v. 41, n. 1, p. 33-48, 2015.

SIMON, H. **A racionalidade do processo decisório em empresas**. Edições Multiplic, v. 1, n. 1, p. 25-60, 1980.

SOUZA, C. R. A.; CARRETEIRO, T. C. O. C**. Narrativas de Vida e o seu uso pela Psicossociologia**. Clínica & Cultura, v. 5, n. 1, p. 23-36, 2016.

SOUZA, E. C. **A arte de contar e trocar experiências**: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Revista Educação em Questão, v. 25, n. 11, p. 22-39, 2006.

SOUZA, H. H. T. de M. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e pesquisa, v. 30, n. 2, 2004.

SOUZA, R. S. **A condição organizacional**: o sentido das organizações no desenvolvimento rural. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

VENTURA, C. A. A.; BENETTI, D. A. M. **A evolução da lei de drogas**: o tratamento do usuário e dependente de drogas no Brasil e em Portugal. SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português), v. 10, n. 2, p. 51-60, 2014.

WACQUANT, L. **Crime e castigo nos Estados Unidos**: de Nixon a Clinton. Revista de Sociologia e Política, n. 13, p. 39-50, 1999.

ZACCONE, O. Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas. Rio de Janeiro: Revan, v. 2, 2007.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto CAAE 18844719.6.0000.8507, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em _____ de _____ de 20_____.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada _____,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada: "O trabalho feminino na estrutura organizacional do tráfico de drogas". Este convite se deve ao fato de você ter sido indicada pelo Grupo de Amigos e Familiares de Pessoas em Privação de Liberdade e por já ter exercido atividades no contexto da pesquisa. A pesquisadora responsável pela pesquisa é Natália Alves Oliveira, RG MG13871954, aluna do Mestrado em Administração do CEFET-MG.

A pesquisa visa compreender o trabalho feminino na estrutura organizacional do tráfico de drogas em comparação com o contexto do mercado de trabalho formal, tendo como fases o levantamento teórico e documental, a descrição do perfil das entrevistadas, a transcrição e a análise da história de vida direcionada para a trajetória laboral, ou seja, no trabalho. Sua contribuição consiste em responder questões referentes a sua vida, direcionadas à sua trajetória profissional.

Conforme o Termo de Cessão Gratuita de Direito de Uso de Voz e Trechos ou Partes das Entrevistas, a única reprodução que ocorrerá na pesquisa será as falas. Os locais e horários das entrevistas serão combinados com você, respeitando a sua disponibilidade e preferência. Você não terá nenhum custo com a pesquisa.

Os riscos decorrentes da participação na pesquisa são mínimos, restringindo-se a possibilidade de você, ao longo da entrevista, ficar emocionada por relembrar fatos importantes da sua vida. Nesse caso a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento, e retomada caso se sinta confortável, ou remarcada para outra data, de acordo com a sua preferência.

No intuito de minimizar os riscos descritos, a pesquisadora se dispõe a realizar as entrevistas no momento e local mais adequado a você, onde se sinta segura, confortável, e à vontade. Ela também se compromete a interromper a entrevista sempre que solicitado por você.

Informamos ainda que sua participação lhe gerará o benefício direto de rememorar fatos importantes, rever e reorganizar acontecimentos, podendo vir a ocorrer reflexões que enriquecerão a sua percepção. E ainda haverá, como benefício indireto, a contribuição social de auxiliar na compreensão de parte dos fenômenos que compõe a trajetória profissional da mulher no contexto estudado.

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portadora de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466 (e, em especial, seu item IV.3) e 510 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O acesso a este Termo. Este documento é rubricado e assinado por você e pelo pesquisador, em duas vias, sendo que uma via ficará em sua propriedade. Se perder a sua via, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável.

Em caso de dúvidas, as pesquisadoras responsáveis colocam-se à disposição pelos contatos: **Mestranda:** Natália Alves Oliveira – (31) 99269-4836 – nataliveiras@gmail.com; **Orientadora:** Prof.ª Drª. Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães – (31) 3319-7035 - ludmila@cefetmg.br.

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética

em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: http://www.cep.cefetmg.br ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI; E-mail: cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras: 12:00 às 16:00 horas e quintas-feiras: 07:30 às 12:30 horas.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

DECLARAÇÃO

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que aceito participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO.

Assinatura da participante da pesquisa: _____
Assinatura da pesquisadora: _____
Belo Horizonte, _____ de _____de 20_____

APÊNDICE B – CARTA DE JOANA (VERSÃO DIGITADA)

19/12/2019

Há quem for ler essas breves palavras não repare o fato de não ter digitado, poderia mas perderia o sentido do que quero expressar, pois caneta e papel era o único refúgio para fugir da realidade obscura.

Todos nós cometemos erros em nossas vidas vezes por burrice vezes por desespero cada um com sua particularidade. Pra sociedade só existe uma concepção "bandido bom é bandido morto" "apodreça na cadeia, dentre outras. Não conhecem suas histórias, sua verdade mas estão prontos paa te matar com julgamentos e torturas.

Assim que te veem na vida do crime, a sociedade politicamente correta, ai fica a escolha livre como rei, ou livre como Zé? Ter dinheiro é bom, luxo, carros do ano, uma bela casa, são coisas que alivia a alma de quem já foi muleque pobre, mais se cria um problema bem maior, ninguém quer viver de esmolas roupas velhas, ou ate mesmo humilhação de pedir restos de comida, é bom é maravilhoso o dinheiro mas vc se esquece por alguns momnetos sua vida esta sendo jogada no asfalto ou em um rio de merda. Problemas se acumulam, inimigos se juntam, e tem o seu maior bem tirado a "liberdade", a mental já se foi, a física estava por ir. Sei bem como é isso tristeza dores vice-versa, a escolha é de cada um, liberdade é um conjunto de fatores mente e corpo, mudança de dentro pra fora. Não foi da minha natureza esperar clemência e me dessem a liberdade, não espero pouco para o que há de essencial na vida sendo assim a liberdade eu mesma me concedi, deixando de pensar o que mais me maltratou o dinheiro do submundo chamado CRIME.

Devemos nos espelhar no que é bom para o futuro promissor sonhar faz com que vc se esqueça de suas prisões, acreditar na sua melhora te faz esquecer o sofrimento que toda uma vida de ilusão te trouxe ou tras. O crime rouba seu caráter e destrói a sua alma.

Encorajo a todos os irmãos do sofrimento e irmãs a lutarem por suas liberdades, não uma as duas seja livre de tudo que te faça perder o rumo entre o certo e o errado, olhe para frente confie, tenha fé, Deus estará olhando e te aplaudindo de pé assim como sei que foi comigo.

Liberdade para dentro da cabeça.